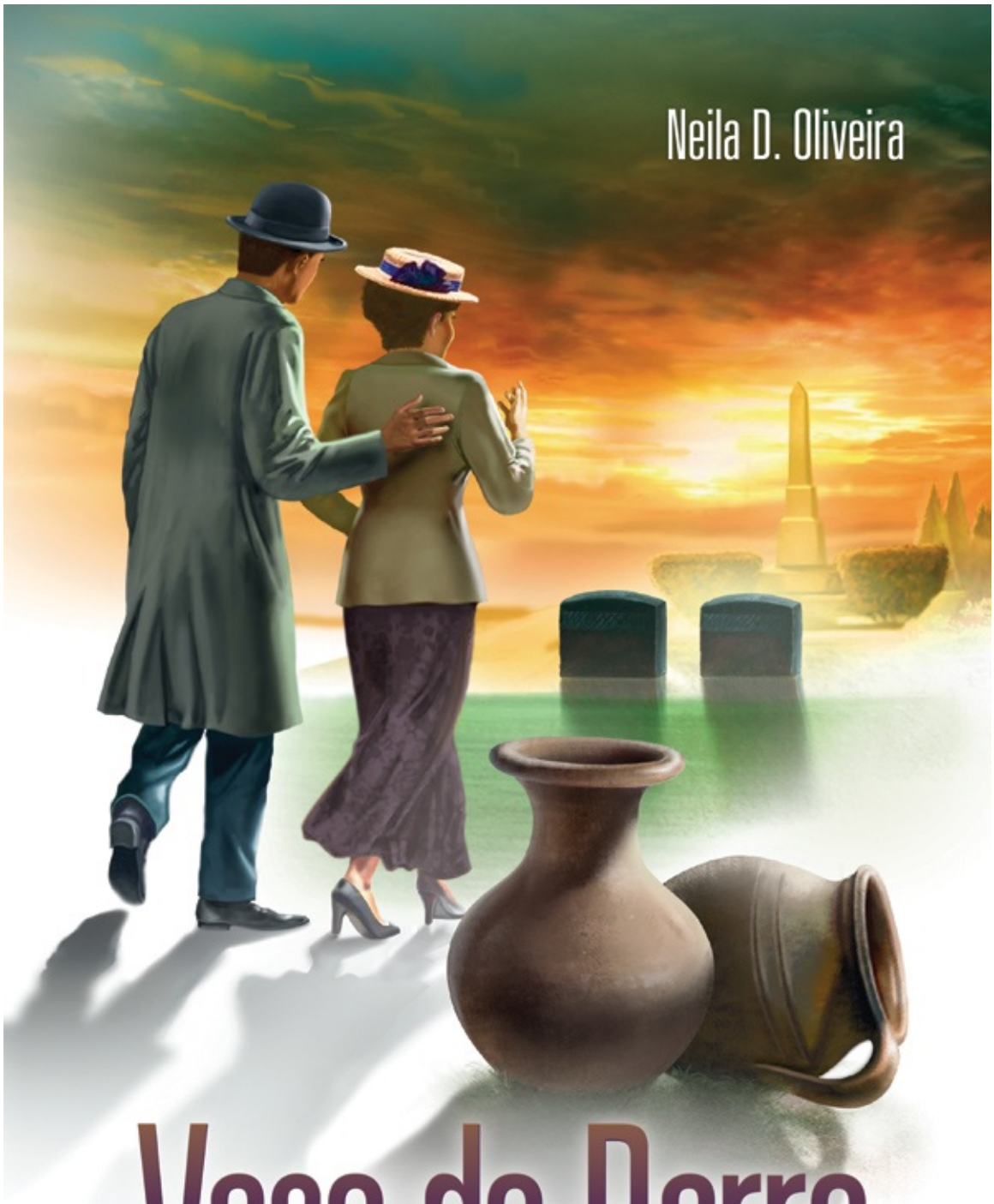
Neila D. Oliveira

Vaso de Barro

Aparência Frágil, Conteúdo Valioso



Neila D. Oliveira

Vaso de Barro

Aparência Frágil, Conteúdo Valioso

Vaso de Barro

Aparência Frágil, Conteúdo Valioso

Direitos de tradução e publicação em
língua portuguesa reservados à
CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888
www.cpb.com.br

1ª edição neste formato
Versão 1.1
2016

Coordenação Editorial: Vanderlei Dorneles
Editoração: Wellington Barbosa e Vinícius Mendes
Design Developer: Fábio Fernandes
Projeto Gráfico e Capa: Levi Gruber
Ilustrações Internas e de Capa: Jo Card
Fotos do capítulo "Álbum de Fotos": Cedidas pelo Ellen G. White Estate, Inc.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Neila D.
Vaso de barro [livro eletrônico] : aparência frágil, conteúdo valioso / Neila D. Oliveira. – Tatuí, SP : Casa Publicadora Brasileira, 2016.
5 Mb ; ePub

ISBN 978-85-345-2282-3

1. Adventistas do Sétimo Dia 2. Literatura juvenil 3. White, Ellen G., 1827-1915 I. Título.

16-01617 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Adventistas do Sétimo Dia: Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* da autora e da Editora.

EDITORA AFILIADA15708 / 34132

Apresentação

"Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós." (2 Coríntios 4:7, NVI)

Anna Beatrice é uma adolescente muito esperta, criativa e que ama descobrir coisas novas. Ela só não imaginava que sua descoberta mais extraordinária começaria exatamente num funeral e que sua vida nunca mais seria a mesma depois daquele acampamento em Richmond.

Contando com a ajuda de seu amigo Gary, Anna vai fazer uma viagem no tempo para reunir todas as informações possíveis que a ajudarão a entender como aquela mulher quase sem instrução formal foi capaz de transmitir mensagens tão poderosas e úteis para todas as épocas. Também descobrirá por que ela foi tão querida a ponto de reunir mais de cinco mil pessoas para lhe dar o último adeus.

Esta é uma história envolvente que fala sobre o que uma pessoa pode se tornar, não importa quão frágil pareça, quando permite que Deus preencha seu interior. Você vai se admirar com o valioso conteúdo desse frágil vaso de barro que ainda hoje enriquece a humanidade.

Neila D. **Oliveira** é autora de livros para crianças e adolescentes e trabalha como editora na Casa Publicadora Brasileira. Casada com o designer Levi Gruber, o casal tem dois filhos: Gabriel e Matheus.

Prefácio

Em 2013, os editores da revista *Time* publicaram um livro especial intitulado *As 100 Pessoas Mais Influentes que Nunca Existiram*. Dentre os personagens fictícios incluídos estão nomes bem conhecidos como Peter Pan, Pollyanna, Indiana Jones, Super-homem, Barbie e até Harry Potter. Muitos leitores ficaram tão envolvidos com as histórias originais dos personagens que simplesmente não conseguiam parar antes de terminar de lê-las. Afinal, quem não gosta de uma história interessante com um final feliz?

Vaso de Barro também traz dois protagonistas fictícios – os jovens amigos norte-americanos Anna Beatrice e Gary, que estão buscando ansiosamente conhecer mais sobre uma pessoa muito influente chamada Ellen White; na verdade, a autora mais traduzida do mundo. Não sendo possível encontrar-se com ela pessoalmente, eles se envolvem em uma fascinante pesquisa sobre sua trajetória e seus escritos, uma experiência que mudaria a vida deles para sempre.

Muito mais do que simplesmente uma obra de ficção, este é um livro realmente inspirador e edificante. Ao longo de suas páginas, o leitor se sentirá convidado a conhecer fatos interessantes e irá se deparar com o verdadeiro significado da existência humana. Sem dúvida, as experiências de Anna Beatrice e Gary serão um ótimo exemplo para todos aqueles que desejam ser uma luz neste mundo e brilhar para Deus por toda a eternidade.

Assim, convido você a começar a viagem através das páginas deste empolgante livro.

Alberto R. Timm
Ellen G. White Estate

Introdução

Aos 17 anos de idade, comecei a trabalhar na Casa Publicadora Brasileira como auxiliar de revisão. Minha atividade envolvia a leitura comparativa dos textos. Foi assim que tive contato, de uma forma mais real e concreta, com os livros de Ellen G. White. Eu posso garantir que o que senti foi amor à primeira vista. Seus textos simplesmente me conquistaram e passaram a fazer parte da minha vida.

Depois de algum tempo, eu me casei, me tornei mãe e passei a exercer a função de editora associada de livros. Um dia, enquanto estava trabalhando com um material, senti uma forte impressão de que algo deveria ser feito para que as crianças e os jovens descobrissem a riqueza e a beleza dos textos de Ellen G. White. Pensei numa Inspiração Juvenil que servisse como introdução à leitura de seus livros. Apesar de não me sentir a pessoa mais capacitada para realizar esse trabalho, Deus me ajudou e, em 2006, foi publicado *O Resgate: a história da salvação humana contada dia a dia*. Depois, vieram três livros para o público infantil, contando a história de uma família israelita, desde a saída do Egito até a chegada à Terra Prometida. Eles compõem a série "Aventuras do Povo de Israel", e têm como base o livro *Patriarcas e Profetas*.

Mas, ao ver meus filhos crescerem e conviver com outros adolescentes, minha preocupação se voltou para o que eles pensavam a respeito da Sra. White. O que sabiam sobre a vida dessa extraordinária mulher? Muitas vezes, surgiam comentários, até mesmo entre adultos, que revelavam uma impressão negativa a respeito dela porque seus textos eram usados apenas para corrigir ou para reprimir algum tipo de comportamento. Infelizmente, alguns trechos eram até tirados do contexto e transmitiam ideias equivocadas.

Em 2012, num concílio de editores da Divisão Sul-Americana, chamou minha atenção a preocupação dos líderes com a futura geração da igreja, e um novo desejo surgiu em meu coração: escrever um livro para adolescentes, que os ajudasse a ter uma noção, ainda que leve, sobre quem foi Ellen G. White. O objetivo é mostrar o que ela representa não apenas para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas para todos os cristãos sinceros que acreditam na volta de Jesus e a aguardam ansiosamente.

Assim surgiu a personagem Anna Beatrice. Como todo adolescente, ela é curiosa, esperta, persistente e não se contenta apenas com informações superficiais. Ela quer ir além para saber das coisas. Depois de assistir ao funeral da Sra. Ellen White, ela volta para casa determinada a descobrir quem foi realmente essa mulher, que havia se tornado alguém tão especial para tanta gente. Com a ajuda de seu amigo Gary, ela vai fazer uma viagem no tempo e descobrir coisas que nunca imaginou.

Acompanhe Anna Beatrice e Gary nesta aventura. Você também vai se envolver, se emocionar e entender que Deus usa, ainda hoje, pessoas comuns e as transforma em verdadeiros recipientes de Seu amor e graça.

Depois da história principal, há três apêndices. Neles você encontrará informações a respeito das características pessoais de Ellen G. White e alguns fatos bastante curiosos sobre sua vida e ministério. Graças a pessoas dedicadas e comprometidas com a obra adventista, temos muitos materiais disponíveis que ajudam a compor o cenário e o contexto em que viveu a mensageira do Senhor. Foram esses materiais que tornaram este livro possível.

Querido leitor, com muito prazer, lhe apresento: Ellen G. White, um vaso de barro moldado pelas mãos divinas. Frágil em sua aparência, mas com um conteúdo tão valioso que transborda e chega até nós.

Palavras de Ellen G. White a seu filho William, depois de sua última visão no dia 3 de março de 1915:

"Não espero viver muito. Minha obra está quase concluída. Diga aos nossos jovens que eu quero que as minhas palavras os animem naquela maneira de viver que mais atrativa será aos seres celestes, e que sua influência sobre os outros seja enobrecedora."

Ellen G. White.

Capítulo 1
O Primeiro Acampamento

Aquele era meu primeiro acampamento. Eu me perguntava como conseguiram deixar tudo preparado para um número tão grande de pessoas. Um cálculo inicial indicava que quase uma centena de barracas haviam sido montadas para acomodar as famílias. E ainda tinha as enormes tendas para as principais reuniões e para as refeições. Estava tudo perfeitamente organizado!

Como morávamos em Oakland, na Califórnia, fiquei feliz quando ouvi meu pai dizer para mamãe que nós três poderíamos assistir às reuniões campais de verão daquele ano, pois elas seriam em Richmond, uma cidade não muito distante da nossa. Tinha ficado muito curiosa para saber como eram aquelas reuniões e estava amando tudo o que havia visto e ouvido até aquele momento.

Acordei no horário costumeiro, com minha mãe me chamando para lavar logo o rosto com a água que estava numa bacia, e para tomar o desjejum, pois dentro de uma hora teria início a reunião da manhã. Dormir em barraca não é muito confortável, por isso não era difícil acordar cedo.

Espiei para fora da barraca e percebi que aquele seria mais um dia quente. Mas isso não me incomodou. Escolhi um vestido bege novo com detalhes em organza marrom. O tecido era leve e me deixava confortável. Os sapatos eram marrons e combinavam com o laço do vestido. “Mamãe é mesmo uma excelente costureira!”, pensei enquanto abotoava a parte da frente, que terminava numa gola cujo bordado era muito delicado. Havia sido um presente pelos meus recém-completados 15 anos.

Era sexta-feira, 16 de julho. Estávamos no ano de 1915. Eu nem imaginava que meu primeiro acampamento traria surpresas que influenciariam para sempre minha vida. Mas isso é algo que eu só entenderia mais tarde.

Dobrei os lençóis e os coloquei com os travesseiros, em cima de um banquinho desmontável. Então enrolei os colchonetes e os empilhei num canto, para que sobrasse um pouco mais de espaço dentro da barraca. Comi duas frutas e uma fatia de pão com iogurte.

– Vamos, meninas! – Era assim que meu pai costumava chamar a mim e a

mamãe. – Apressem-se – ele falou com sua voz grave. – Vocês sabem que gosto de ficar bem à frente, para não perder nada que o pregador diz, especialmente quando chega o momento dos testemunhos.

Enquanto saía da barraca de tecido grosso e claro, avistei Gary em seu terno cinza. Ele andava com passos rápidos, um pouco à frente do seu irmão mais velho. O pai e a mãe, de mãos dadas com a pequena Vicky, tentavam acompanhar os dois filhos. Quando passou por mim, Gary diminuiu um pouco o ritmo e abriu um sorriso que destacou seus belos dentes. Ele usava os cabelos de lado, e a impressão que eu tinha dele era de que sempre estava impecável. A camisa branca parecia ter acabado de ser engomada, de tão esticadinha que estava. Meu pai o considerava um bom moço. Dizia que era muito responsável e sempre estava interessado nas coisas de Deus. Com 17 anos, ele morava com sua família em Battle Creek.

Nossas famílias se conheciam havia uns oito anos. Quando meu pai precisou passar um tempo em Battle Creek, para participar de umas reuniões ligadas ao trabalho dele na Associação da Califórnia, ficamos hospedados na casa dos pais de Gary. Acho que eu tinha uns 6 ou 7 anos, e ele já tinha uns 9. Roger, o irmão mais velho, tinha 15. Victoria nem era nascida. Desde aquela época, as famílias mantinham contato por meio de cartas. Ocasionalmente, nos encontrávamos.

– Anna Beatrice – a mãe de Gary veio em minha direção. – Como você está elegante nesta manhã. Devo dizer que este vestido lhe caiu muito bem! Aposto que foi a Norma quem fez...

Corei um pouco diante do elogio, pois olhei para Gary e vi que ele continuava sorrindo.

– Muito obrigada, Sra. MacPierson – eu disse limpando a garganta. – A senhora acertou. Agradeço muito por mamãe ser uma costureira de mão-cheia.

– Eu é que agradeço... – meu pai disse, entrando na conversa. – Norma é uma esposa muito prendada e também muito econômica.

O Sr. MacPierson concordou:

– Nos tempos em que estamos vivendo, essa é uma qualidade essencial para uma esposa.

Notei que ele lançou um olhar discreto para os dois filhos. Roger estava comprometido com uma moça que se preparava para se tornar enfermeira, e sua fama não era das melhores quanto ao quesito economia. Eu não conhecia Mary pessoalmente, mas já tinha ouvido falar dela, especialmente por causa de sua coleção de vestidos. Ela pertencia a uma família rica de Riverside e estava acostumada com uma vida fácil. O filho mais velho do Sr. MacPierson

trabalhava com o pai, cuidando dos negócios da família. Havia aprendido a viver com simplicidade e modéstia e, aos 23 anos, já tinha renda suficiente para manter um lar. O casamento deveria acontecer possivelmente dentro de um ano ou menos. Os pais de Roger pareciam ter razão em mostrar preocupação pelo futuro do filho.

– Ouvi dizer que os testemunhos de hoje serão especiais – Gary se dirigiu a mim. – Posso ter a honra de acompanhá-la?

Olhei respeitosamente para meu pai. Ele assentiu com a cabeça. Peguei minha sombrinha marrom, que combinava com meus sapatos, e fui para o lado de Gary. Os outros membros da família estavam apenas alguns passos atrás de nós. A pequena Vicky dava risadinhas e estava quase saltitando de tanta alegria. Os adultos conversavam animadamente.

Em pouco tempo, chegamos ao local em que aconteciam as reuniões. Conseguimos um lugar bem à frente. Tinha muita gente! As palestras eram as melhores que eu já tinha ouvido. Só lamentei não encontrar uma das palestrantes mais requisitadas. Era uma senhora de idade avançada, chamada Ellen. Ela sempre havia participado dessas reuniões campais e costumava ser a oradora oficial. Era autora de vários livros e gostava de ser chamada de "mensageira do Senhor". Eu tinha muita curiosidade para me encontrar com ela. Tinha tantas perguntas para fazer...

– Que pena que a senhora Ellen não pôde estar presente na reunião – comentei com Gary. – Uma vez eu a ouvi pregar na igreja que eu frequento. Eu era bem pequena, mas tinha ficado impressionada com seu olhar meigo e voz firme enquanto falava.

– É mesmo uma pena... – Gary virou-se para mim. – Ouvi meu pai falando que a queda que ela sofreu meses atrás foi bastante séria. Ela estava entrando em seu gabinete de estudos na manhã do dia 13 de fevereiro, num sábado, quando tropeçou e caiu. Como a senhora Ellen não conseguia se levantar, foram buscar auxílio e logo perceberam que o acidente era grave. Uma fratura no quadril aos 87 anos de idade é algo muito complicado. Já faz cinco meses que ela não pode andar e agora passa a maior parte do tempo na cama ou na cadeira de rodas.

– Tenho tanta vontade de conversar com ela... – eu disse pensativa. – Meu pai terá que ir ao Sanatório de Santa Helena quando terminar a reunião campal de verão. Vou perguntar se ele não me leva; assim, aproveito para visitar a senhora Ellen.

– Essa é uma boa ideia! – Gary me incentivou. – A propriedade dela se chama Elmshaven e fica bem perto do Sanatório de Santa Helena, em Napa Valley. – Ei,

ei, veja, os testemunhos vão começar...

“As mesmas grandiosas verdades que foram reveladas por estes homens, Deus deseja revelar por meio dos jovens e crianças de hoje. A história de José e Daniel é uma ilustração daquilo que Ele fará pelos que se entregam a Ele, e que de todo o coração procuram cumprir o Seu propósito.”

Ellen G. White

Capítulo 2
Notícia Triste

Parecia que aquela sexta-feira, 16 de julho de 1915, seria um dia comum no acampamento. Tivemos as reuniões costumeiras, e os preparativos para o sábado começaram a ser feitos. Era possível ver as pessoas agitadas, indo de um lado para o outro, para deixar tudo pronto antes do pôr do sol.

Eu estava com minha mãe na barraca. Partilhei com ela meu desejo de ir a Santa Helena com meu pai para visitar a senhora Ellen.

– Não vejo problema, querida. Se seu pai concordar... Para mim, está tudo bem.

Conversamos mais um pouco. Então, percebi uma movimentação estranha do lado de fora. Algumas mulheres estavam numa roda e parecia que uma delas estava chorando. Meu pai chegou cabisbaixo e, antes que eu falasse qualquer coisa sobre a minha ideia, ele olhou para minha mãe e anunciou:

– Acabamos de receber um telegrama informando que a senhora Ellen faleceu hoje, às 3h40 da tarde em seu lar, em Elmshaven. A mensageira do Senhor agora está descansando...

Não acreditei quando ouvi aquelas palavras. Ellen estava morta… Era tarde demais... Nunca mais eu teria a chance de me encontrar e conversar com ela pessoalmente. Meus olhos se encheram de lágrimas.

Minha mãe perguntou os detalhes para o meu pai.

– Ainda não temos muitas informações – ele disse. – Mas soube que ela morreu de forma tranquila, como uma criança que adormece para o seu descanso, sem dor ou sofrimento. Alguns dias antes, ela já parecia inconsciente do que acontecia ao seu redor, pois não se comunicava mais e também aparentava não ouvir.

– Não tenho dúvidas de que ela foi um vaso escolhido por Deus – minha mãe disse com solenidade.

“Vaso?”, pensei. “Por que minha mãe está comparando a vida da senhora Ellen com um vaso?” Bem, eu não sabia na ocasião, mas essa era uma pergunta para a qual eu teria uma resposta em breve.

O restante daquele dia no acampamento foi bem diferente dos outros. Por todo lado, havia muito movimento. Meu pai se ausentou para uma reunião com os organizadores da campal.

Enquanto fui buscar água para minha mãe terminar as tarefas da sexta-feira, encontrei Gary no caminho.

– E então? Você soube do falecimento da senhora Ellen? – perguntei com um tom triste na voz.

O azul dos olhos de Gary parecia mais intenso naquele entardecer. Ele balançou a cabeça afirmativamente.

– Sim, eu soube – Gary tomou gentilmente o balde das minhas mãos e começou a me acompanhar até o local em que a água era distribuída. – Como faleceu hoje, ouvi dizer que o funeral em Elmshaven será apenas no domingo.

– Meu pai está reunido com os organizadores – eu disse com a cabeça baixa. – Acho que ele vai conseguir mais informações a respeito dos procedimentos para o funeral.

– Todos estão muito tristes com a notícia... – Gary comentou. – Desde bem pequeno tenho ouvido histórias sobre a senhora Ellen e seu marido, o pastor Tiago. Deus os usou poderosamente para estabelecer a obra de publicações, fundar os colégios que existem até hoje, e a organizar a igreja para que ela cumprisse o papel para o qual Deus a criou.

Gary começou a falar com entusiasmo sobre algumas viagens de trem, de carroça e de trenó que o casal havia feito ao longo do tempo. Eles suportaram o frio intenso em algumas situações, passaram por campos poucos habitados e perigosos em outros. Mas sempre contaram com a proteção de Deus.

Fiquei impressionada com o tanto que ele conhecia a respeito da senhora Ellen e seu marido. Gary era apenas dois anos mais velho do que eu, mas sabia muita coisa. Por sua família morar em Battle Creek, ele tinha mais acesso às informações relacionadas à vida da senhora Ellen. Passei a olhar para Gary com admiração e descobri, naquele entardecer, que tínhamos algo em comum: o interesse e o gosto pelas incríveis histórias sobre o início da igreja, especialmente as que envolviam homens e mulheres que dedicaram a vida ao serviço de Deus.

Enchemos o balde, e Gary se ofereceu para levá-lo até a barraca. Agradeci, pois ele agora estava pesado.

Chegamos a tempo de ouvir meu pai dando à minha mãe uma notícia que nos trouxe um pouco de alegria. Os oficiais da Associação da União do Pacífico e da Associação da Califórnia haviam solicitado que uma cerimônia fosse realizada

também em Richmond, na campal, no dia seguinte ao funeral da senhora Ellen em Elmshaven.

Não acreditei no que estava ouvindo. Eu, Anna Beatrice, teria a oportunidade de presenciar a cerimônia de despedida de Ellen G. White. Meu pai não entendeu nada quando me aproximei dele e beijei-lhe o rosto. Apenas Gary entendeu minha atitude. Ele olhou para minha mãe e apenas sorriu. Tratava-se de algo triste, era verdade, mas fiquei feliz com o presente que Deus estava me dando. Aquela cerimônia mexeria para sempre com a minha vida.

Capítulo 3
Refúgio dos Olmeiros

Enquanto em Richmond os organizadores do acampamento começavam os preparativos; em Elmshaven, as pessoas envolvidas procuravam agilizar as coisas. Por meio de telefonemas e de telegramas, a notícia do falecimento chegou a muitas das igrejas a tempo para os anúncios no sábado de manhã. No entardecer de sexta-feira, convites para a cerimônia fúnebre foram providenciados por Henry e Herbert, netos gêmeos da senhora Ellen, e enviados para cerca de 220 famílias da região. Lia-se o seguinte:

"Vossa senhoria e família são respeitosamente convidados para assistir ao funeral da senhora Ellen G. White em sua residência, 'Elmshaven', próxima ao Sanatório Santa Helena, Califórnia, no domingo à tarde, às cinco horas, no dia 18 de julho de 1915."

Os mais importantes meios de comunicação impressos também divulgaram a notícia, bem como um resumo da vida da senhora Ellen. Ela havia se tornado uma figura pública, e seu falecimento era algo relevante. O texto havia sido preparado com antecedência, pois a família sabia que ela poderia descansar a qualquer momento.

No sábado e no domingo, as pessoas da região puderam prestar suas homenagens a Ellen. Para a cerimônia, no domingo, foram providenciados cerca de 300 assentos na área gramada em frente à casa, embaixo dos frondosos olmeiros. Outras 100 pessoas sentaram-se no gramado. Ha-via representantes do Hospital e da Igreja de Santa Helena e do Pacific Union College. Muitos amigos vieram das cidades vizinhas.

A cerimônia foi simples e informal. Participaram os pastores John N. Loughborough, um amigo pessoal da família e honrado pioneiro do movimento adventista, George B. Starr, e E. W. Farnsworth, presidente de Associação da Califórnia. O pastor da igreja da qual Ellen era membro, S. T. Hare, pronunciou a bênção.

O pastor Loughborough falou do primeiro contato com ela em 1852 e contou outras experiências ocorridas ao longo dos anos. O pastor George Starr

comentou alguns fatos apropriados. E o pastor Farnsworth fez o sermão, enfatizando a esperança do cristão.

William, um dos filhos da senhora Ellen, que esteve ao seu lado em seus últimos momentos de vida, disse que, quando a cerimônia acabou, as pessoas não tinham pressa de ir embora. Muitos desejavam que não terminasse porque estavam envolvidos pelas palavras do orador, que salientavam que a morte seria definitivamente vencida um dia.[1]

Depois que a cerimônia foi encerrada, o caixão foi levado para Santa Helena. Na manhã seguinte, os pastores Farnsworth e John Loughborough, William White e Sara McEnterfer, a fiel secretária da senhora Ellen, tomaram o primeiro trem para Richmond, acompanhando o corpo. Eu só soube desses detalhes algum tempo depois.

Em Richmond, nem vi o tempo passar nos dois dias enquanto aguardávamos a chegada do cortejo. Abençoada estrada de ferro! Ainda bem que a campal de verão daquele ano estava sendo realizada ali, pois a principal linha de trem que ligava a costa do Pacífico ao Leste passava por essa cidade. O sepultamento da senhora Ellen seria em Battle Creek, e Richmond ficava no caminho.

Naquela campal estavam muitos dos antigos associados da senhora Ellen vindos da igreja de Oakland, além de muitos membros das igrejas que ela havia visitado quando começou seus trabalhos na Califórnia. Ao saberem da morte dela, esses irmãos pediram que o corpo fosse levado à reunião e que houvesse uma cerimônia ali para que pudessem expressar seu amor e gratidão. Eles disseram: “Se a senhora White estivesse viva e bem de saúde, estaria aqui para nos falar sobre como ser melhores cristãos. Por que não trazê-la para cá, e alguém nos falar sobre como ela viveu?”

Essa foi uma excelente ideia! E agora eu estava na expectativa de assistir à cerimônia. Conversei bastante com Gary no sábado e no domingo. Ele me contou mais alguns detalhes interessantes sobre a senhora Ellen. Um deles foi sobre a escolha do lugar em que ela passou os últimos anos de sua vida. Depois de viver nove anos na Austrália, ela havia retornado para os Estados Unidos em 1900, o ano em que nasci. Com ela, vieram seu filho William, a família dele e também os assistentes editoriais dela. Eles chegaram a San Francisco em setembro. Ela não sabia onde deveria estabelecer seu lar, mas tinha certeza de que Deus estava preparando um “refúgio” para ela. Estava com 72 anos e tinha em mente escrever ainda vários livros. Num primeiro momento, Ellen desejou morar perto da editora Pacific Press, que nesse tempo ainda ficava em Oakland, pois isso facilitaria o trabalho de impressão dos novos livros. Se isso tivesse

ocorrido, eu teria tido a oportunidade de crescer bem pertinho dela, pois essa é a minha cidade natal.

Depois de alguns dias frustrados à procura da casa ideal, ela foi convencida a ir a Santa Helena para descansar e visitar velhos conhecidos. Quando partilhou sua preocupação com uma amiga, a senhora Ings, Ellen soube que a casa de Robert Pratt estava à venda. Ao conhecer a propriedade, ela ficou encantada. A área era grande e bela, com ameixeiras, videiras, plantas e flores em abundância. A casa estava toda mobiliada e atendia perfeitamente às necessidades de Ellen e sua equipe. Na parte de trás ficava um chalé, que foi transformado em escritório. Além disso, havia um celeiro e um estábulo, com os animais da fazenda e todo o equipamento para as atividades do campo. Ellen considerou a propriedade um verdadeiro presente de Deus, pois ela lhe custou apenas 5 mil dólares. Com a venda da casa da Austrália, o dinheiro foi suficiente para comprar a propriedade na Califórnia.

No dia 16 de outubro, apenas 25 dias depois de aportar em San Francisco, Ellen e sua equipe se mudaram para o novo lar.

Ellen gostava de dar nome às suas casas, pois costumava colocar o lugar de onde estava escrevendo no cabeçalho de suas cartas. A casa da Austrália se chamava “Sunnyside” [Lado Ensolarado], e a casa em Santa Helena recebeu o nome de “Elmshaven” [Refúgio dos Olmeiros], por causa da quantidade desse tipo de árvore em volta da propriedade.

– Esse foi o lar que Deus providenciou para a senhora Ellen passar os últimos anos de sua vida – disse Gary. – Quando estava no navio vindo da Austrália, o anjo lhe havia assegurado que ela teria um “refúgio” nos Estados Unidos. Elmshaven foi esse lugar.

– Espero que a casa não seja vendida... – eu mencionei, sonhando um dia poder visitar o lugar em que a senhora Ellen tinha passado os últimos anos de sua vida.

Gary me disse que a casa seria mantida, porque William morava numa parte da propriedade. Os funcionários também moravam lá, e o escritório funcionava bem próximo. Também havia uma biblioteca particular e um cofre com todos os manuscritos da senhora Ellen.

– Bem, agora preciso me apressar, pois daqui a pouco será o pôr do sol. Obrigada por tomar tempo para me contar essas coisas – olhei agradecida para Gary.

– Foi um enorme prazer – ele me disse, estendendo a mão. – Não vejo o tempo passar quando estou com você...

Sorri, sem graça, e me despedi. Tinha que esticar meu melhor vestido. O dia seguinte seria muito importante!

---

[1] Informações extraídas do livro *Life Sketches of Ellen G. White*, "The 'Elmshaven' Funeral Service", p. 450-455, edição de 1915.

“A maior necessidade do mundo é a de homens – homens que se não comprem nem se vendam; homens que no íntimo da alma sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo seu nome exato; homens, cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao pólo; homens que permaneçam firmes pelo que é reto, ainda que caiam os céus. Mas um caráter tal não é obra do acaso.”

Ellen G. White

Capítulo 4
Funeral no Acampamento

Quase não consegui dormir na noite de domingo para segunda-feira. Assim que o dia clareou, eu já estava em pé, pronta para a cerimônia que aconteceria no acampamento. Tomei o desjejum o mais rápido que pude. Não queria perder nenhum detalhe.

– Quanta gente! – comentei com meu pai, enquanto nos dirigíamos ao lugar em que a cerimônia seria realizada.

– Calcula-se que pelo menos mil pessoas estejam aqui – meu pai falou, dando uma olhada geral. – O anúncio sobre o falecimento da senhora Ellen foi enviado no sábado às igrejas próximas a Richmond. Muitos vieram das cidades ao redor da Baía de San Francisco e até de lugares mais distantes. Mesmo sendo segunda-feira, um bom número fez planos para dar o último adeus a ela.

Olhei em volta, procurando Gary. Achei que seria interessante ficar perto dele. Ah, ali estava ele, com sua família. Pelo visto, ele tinha conseguido acordar antes de mim. Ele usava um terno preto e já estava ocupando um lugar bem à frente, de onde a vista era privilegiada. Vicky me viu e acenou a mãozinha.

– Mamãe – eu disse com um olhar suplicante –, podemos ficar perto da senhora MacPierson?

– Sim, filha – ela respondeu. – Acho que seu pai vai ficar envolvido com a programação, e ali estaremos bem acomodadas. O que acha, Alberto?

– Você tem razão – meu pai concordou. – É melhor vocês ficarem com a família MacPierson, pois vou ver no que posso ser útil.

Levantei levemente a barra do meu vestido e comecei a pedir licença para as pessoas até chegar onde estava Gary. Minha mãe me acompanhou.

– Olá, bom dia! – eu cumprimentei toda a família. – Podemos ficar aqui com vocês?

– É claro, querida – a senhora MacPierson apontou para três assentos que pareciam estar reservados. – Gary comentou que você gostaria de ficar bem à frente e pediu que reservássemos esses lugares para sua família.

– Muito gentil de sua parte... – eu sorri para Gary. – Muito obrigada!

Ele retribuiu o sorriso e disse:

– Parece que não sou o único aqui que tem um apreço especial pela senhora Ellen...

Minha mãe e a senhora MacPierson comentaram sobre o número de pessoas presentes à cerimônia. Era mesmo impressionante!

Estiquei um pouco o pescoço e observei, a distância, o caixão escuro em que a senhora Ellen repousava.

– Parece que ela está dormindo – Gary comentou. – Você vai poder vê-la de perto no momento indicado. Veja, aquele é o pastor Andross – meu amigo chamou minha atenção. – Ele é o presidente da União do Pacífico e ficou responsável pela cerimônia. Acho que vai começar – Gary ajeitou-se no assento e ficou em silêncio, enquanto as pessoas que compunham a plataforma se posicionavam.

Eram 10h30 quando a cerimônia começou com o cantar do hino "Sweet Be Thy Rest" [Doce Seja Teu Descanso]. A letra e a melodia falavam profundamente ao coração. Apreciei especialmente a segunda estrofe que mencionava a conclusão da obra e o recebimento da coroa eterna.

Em seguida, o pastor E. W. Farnsworth fez a leitura bíblica. Abri minha Bíblia para acompanhar os textos que falavam sobre a ressurreição: 1 Coríntios 15:12-20, 35-38, 42-45; 2 Coríntios 4:6-18; 5:1-10. A oração foi feita pelo pastor John Loughborough. Ele mencionou que, embora as aflições nos sobrevenham, e ainda que os obreiros desta causa possam depor suas armaduras por causa da falta de força física, ainda assim o propósito de Deus seria cumprido.

Com ar solene, um senhor se preparou para falar na sequência.

– Este é o pastor Tait – Gary cochichou. – Ele é o editor da *Signs of the Times*. – Gary se referia a um dos periódicos mais conhecidos em nosso meio, no qual foram publicados muitos artigos que a senhora Ellen escrevia. – Acho que ele vai ler a biografia da senhora Ellen.

Gary estava certo. Ficamos sabendo que uma resenha da biografia tinha sido cuidadosamente preparada pelo pastor Wilcox, da Pacific Press, mas seria lida por um dos seus associados, porque Wilcox estava ausente devido a uma viagem para o Leste.

A leitura começou mencionando o fato de Deus fazer muito, usando pessoas. Todos os grandes movimentos, despertamentos e crises dos séculos se centralizaram em seres humanos. Ele citou a história de Noé, de Abraão e de outros personagens da Bíblia. Também mencionou Wycliffe e os irmãos Wesley. Ele prosseguiu com a leitura: "E no movimento do advento, que deve dar ao

mundo a última mensagem de reforma, há duas pessoas cuja biografia deve incluir o começo e o estabelecimento do movimento e seu crescimento mundial." Ele estava se referindo ao pastor Tiago e à sua amada esposa, Ellen.

Na recapitulação da história da vida da senhora Ellen, os trabalhos na Costa do Pacífico foram destacados:

"A obra na Califórnia foi inaugurada pelos pastores John Loughborough e Daniel T. Bourdeau no verão de 1868. No outono de 1872, o pastor Tiago e a senhora Ellen visitaram San Francisco, Santa Rosa, Woodland, Healdsburg e Petaluma. As mensagens dela foram recebidas por pessoas sinceras, e seus trabalhos foram muito apreciados. Em fevereiro de 1873, o irmão e a irmã White foram a Michigan, retornando à Califórnia em dezembro daquele ano para dar início a novos empreendimentos. Em 1874, eles participaram de duas reuniões campais em Oakland. Aqui a senhora Ellen falou especialmente sobre saúde e temperança."

– Faz muito tempo, hein? – eu disse ao Gary, enquanto fazia um cálculo mental. – Meu pai tinha apenas dois anos de idade...

Ele concordou com a cabeça e continuou prestando atenção.

"Foi nessa época que a obra de publicações teve início em Oakland. A primeira edição do periódico *Signs of the Times* foi datada de 4 de junho de 1874." O editor prosseguiu mencionando o surgimento da Pacific Press e como aquela instituição havia alcançado um crescimento fabuloso, publicando literatura religiosa e educacional. Por esse tempo, ela já havia se mudado para Mountain View, também na Califórnia.

O pastor Tait estava visivelmente emocionado.

"Deus revelou à senhora Ellen que uma grande obra seria realizada na Costa do Pacífico e nas cidades ao redor da baía. Isso começou a se concretizar muito rápido; pois igrejas foram construídas em Oakland e San Francisco em 1875 e 1876. Para ajudar na construção dessas igrejas, o senhor e senhora White venderam tudo o que tinham no Leste."

A biografia fez referência à ligação da senhora Ellen com o início do colégio em Healdsburg, que existia agora como o Pacific Union College, próximo a Santa Helena, que também tinha recebido o apoio dela.

O Hospital de Santa Helena também foi mencionado como tendo surgido com o incentivo do casal White para que na Califórnia houvesse algo parecido com o pioneiro Hospital de Battle Creek. A senhora Ellen sabia o que era sofrer fisicamente e era sensível ao sofrimento das pessoas. Por isso, fez os maiores esforços para que mais três empreendimentos médico-missionários fossem

estabelecidos na Califórnia: em Paradise Valley, próximo a San Diego; em Glendale, próximo a Los Angeles; e em Loma Linda, que se tornou o maior e mais famoso hospital adventista.

O pastor Tait ainda falou da vida de sacrifício da senhora Ellen, das tristezas que ela teve que enfrentar, de seu compromisso em cumprir as ordens de Deus e da alegria em levar esperança às pessoas. Ela estivera à beira da morte muitas vezes, chegando a ser desenganada por médicos, mas Deus a amparara e repetidas vezes lhe restaurara a saúde. Muitas vezes, o que ela recebia por seus livros era liberalmente doado para dar assistência aos projetos e às pessoas em necessidade.

Enquanto eu ouvia aquele relato, me sentia profundamente tocada. Não pude impedir que algumas discretas lágrimas rolassem pelo meu rosto, especialmente quando o pastor Tait leu: "A senhora White tem sido difamada e caluniada por seus inimigos, muitos daqueles que receberam advertências e reprovação. Os que a conhecem podem julgar melhor sua vida. Ela foi humana, sujeita a todas as enfermidades e fraquezas comuns aos seres humanos; mas achou em Cristo um precioso Salvador e Ajudador. Ele a chamou para fazer uma obra impopular, e ela aceitou. Ele a tem usado. Verdadeiramente ela tem sido uma mãe em Israel. Nosso Senhor expressou o mais sereno julgamento do coração humano quando disse que uma árvore é conhecida por seus frutos. À luz disso, a vida de nossa irmã, e sua abençoada influência sobre todos aqueles que tiveram a vida tocada por ela, são um testemunho de seu caráter e obra. Mesmo estando morta, ela continua a falar."

Gary tirou do bolso do paletó um lenço branquinho e me estendeu. Ele tocou levemente minha mão, num gesto de simpatia. Eu tinha certeza de que ele entendia minhas lágrimas silenciosas.

Minha mãe notou a gentileza de Gary, mas manteve a discrição. Ela sabia o quanto eu tinha aprendido a apreciar a amizade dele durante aquele meu primeiro acampamento. Eu havia lhe contado como tinha ficado impressionada com o respeito de Gary pelas coisas de Deus e sua consideração pelos pioneiros de nossa igreja.

Quando o pastor Tait encerrou a leitura, o pastor Andross abriu a Bíblia e leu Apocalipse 14:13: "Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham."

– Realmente – minha mãe cochichou para mim –, se havia alguém de quem se podia dizer isso era a senhora Ellen.

Olhei novamente para o caixão, e as palavras do pastor Andross ecoaram em meus ouvidos. Ele falava do desejo que temos, como seres humanos, de ver a morte vencida para sempre, quando a gloriosa manhã da ressurreição raiar, e nossos queridos despertarem do sono da morte. Uma promessa bíblica foi lida do livro de Oseias (13:14), na qual Deus diz que resgatará Seus filhos do poder da sepultura e os redimirá da morte. Foi mencionada também uma promessa no livro de Isaías (26:19), confirmando que os mortos viverão. Eles serão chamados para despertar e cantar de alegria. A morte será para sempre vencida, e os que dormem despertarão.

Concordei que, apesar da tristeza daquele momento, nós tínhamos uma maravilhosa esperança. Fechei os olhos enquanto ouvia as últimas palavras do pastor. A senhora Ellen havia dedicado mais de 70 anos de sua vida servindo fielmente ao Senhor. Agora dormia o último sono, mas em breve ela ressuscitaria, ao som da trombeta que vai anunciar o retorno de Jesus. Sim, ela ouvirá a voz dEle e voltará a viver. Esse pensamento me encheu de alegria.

O sermão não poderia terminar sem um apelo para que fôssemos fiéis a Deus como a amada senhora Ellen tinha sido. Que pudéssemos dizer como o apóstolo Paulo: "Combatemos o bom combate, completamos a corrida e guardamos a fé."[1] Com essas palavras, o pastor encerrou o sermão.

Eu ia devolver o lenço para Gary, mas ele me disse que o guardasse. Mais um hino foi cantado e a cerimônia foi encerrada pelo pastor Farnsworth. Uma grande fila se formou para que todos aqueles que desejassem se despedir da senhora Ellen tivessem a oportunidade. Gary se ofereceu para me acompanhar e nos dirigimos para a fila.

---

[1] Detalhes da cerimônia extraídos do livro *Life Sketches of Ellen G. White*, "The Memorial Service at Richmond", p. 456-461, edição de 1915.

“Os jovens precisam ser impressionados com a verdade de que seus dotes não são deles próprios. Força, tempo, intelecto – não são senão tesouros emprestados. Pertencem a Deus; e deve ser a decisão de todo jovem pô-los no mais elevado uso. O jovem é um ramo do qual Deus espera fruto; um mordomo cujo capital deve crescer; uma luz para iluminar as trevas do mundo. Cada jovem, cada criança, tem uma obra a fazer para honra de Deus e reerguimento da humanidade.”

Ellen G. White

Capítulo 5
Dica Valiosa

A senhora Ellen repousava serenamente em seu caixão escuro. Sua expressão transmitia muita paz. As pessoas que estavam reunidas na campal pareciam muito emocionadas, especialmente aquelas que a haviam conhecido pessoalmente.

Meu pai trouxe a informação de que, às três horas da tarde, a pequena comitiva que acompanhava a senhora White iria tomar o trem para Battle Creek. A viagem seria longa. Esperavam chegar na quinta-feira à noite. Tiago Edson, o outro filho da Sra. White, iria encontrar-se com eles um pouco antes da chegada a Battle Creek. A cerimônia aconteceria no sábado pela manhã no *Dime Tabernacle* [Tabernáculo dos Dez Centavos]. Era desejo da senhora Ellen ser sepultada ao lado do marido, Tiago, e dos dois filhos, Henry Nichols e John Herbert, no cemitério de Oak Hill.

Enquanto voltávamos para nossa barraca a fim de descansar um pouco, Gary deu uma notícia que me apanhou de surpresa.

– Meu pai decidiu voltar para Battle Creek amanhã cedo... Você sabe, ele é um dos diáconos da igreja e acha importante estar presente na cerimônia para ajudar no que for preciso. A senhora Ellen era muito querida em Battle Creek e, com certeza, uma multidão vai se reunir para poder se despedir dela.

Eu não sabia se ficava triste ou feliz com a notícia que ele estava me dando. A companhia de Gary tinha tornado meu primeiro acampamento mais agradável, e percebi que ele ia fazer falta. Por outro lado, eu imaginava que seria maravilhoso ter a oportunidade de assistir à cerimônia em Battle Creek, e isso seria um privilégio para ele.

Tentei disfarçar minha mistura de sentimentos e simplesmente disse:

– Acho que esse vai ser um momento especial... Também gostaria de estar lá. Mas, para mim, isso é impossível. Assim que terminar a campal, vamos voltar para a nossa rotina em Oakland. De qualquer forma, já fiquei feliz em ter visto a senhora Ellen pela última vez. Agora, quero me dedicar a conhecer mais sobre quem, de fato, foi essa mulher.

– Acho que isso é uma boa coisa – Gary me incentivou. – Se você aceitar uma dica... – ele fez uma pausa para ver minha reação. Quando viu que eu fiquei muito interessada, ele continuou: – Sabe aquele estande que foi montado perto da grande tenda em que são realizadas as reuniões da manhã?

– Sim – respondi. – Já dei uma olhada nos livros que estão expostos ali e achei que os preços estão ótimos...

– Em todas as reuniões campais, eles montam um estande como aquele justamente para oferecer às pessoas materiais para o crescimento espiritual, com orientações sobre saúde e temperança, incluindo os livros da senhora Ellen, por um preço acessível.

Meu interesse aumentou enquanto ouvia o que Gary dizia.

– Tem um livro chamado *Life Sketches of James White and Ellen G. White* [Esboço da Vida de Tiago e Ellen G. White]. É um tipo de biografia do casal, que foi publicado inicialmente em 1880. Posso garantir que você vai gostar muito do conteúdo e vai entender por que a senhora Ellen era alguém tão especial.

– Você pode me dizer novamente o nome do livro? – Eu não queria correr o risco de esquecer o título.

– O nome é *Life Sketches of James White and Ellen G. White* – Gary repetiu.

Agradeci ao Gary por sua dica e conversamos um pouco mais sobre os detalhes da cerimônia a que tínhamos acabado de assistir. Logo ouvi minha mãe avisando que estava na hora de almoçar.

– Nem percebi que já era essa hora...

Gary concordou comigo.

– Bem, também vou almoçar. Acho que minha família já deve ter ido para a tenda das refeições. Vou passar na minha barraca apenas para deixar meu paletó. Espero que possamos nos encontrar antes de minha partida.

– Também espero – eu disse com sinceridade.

Gary se afastou e, enquanto ele se distanciava, fiquei repetindo baixinho para mim mesma: “Life Sketches… Life Sketches…”

– O que é isso, Anna Beatrice? – minha mãe perguntou. – Está falando sozinha?

– Não, mãe... Quero dizer, talvez sim. É que não posso esquecer o nome do livro sobre o qual o Gary me falou...

Minha mãe ficou me olhando sem entender nada.

– Mamãe, lembra que o papai disse que estava devendo meu presente de aniversário?

– Sim, eu me lembro – ela respondeu. – Na verdade, ele não havia lhe dado ainda porque você tinha ficado em dúvida sobre o que queria ganhar. O vestido foi um presente meu... E você não sabia se queria um outro par de sapatos ou uma sombrinha rendada.

– Ah, mamãe – eu disse enquanto a abraçava. – Acho que já sei o que vou querer de aniversário...

A primeira coisa que fiz quando meu pai voltou para nossa barraca foi falar para ele sobre o meu presente. Percebi que ele ficou feliz com a minha escolha.

– Vou lhe dar o dinheiro equivalente ao par de sapatos – papai me disse. – Assim você poderá escolher até mais de um livro. O que acha?

Minha resposta a ele foi dada em forma de abraço.

– Muito obrigada, papai!

Eu não via a hora de ir até o estande em que os livros estavam sendo vendidos. Fiquei de plantão em frente à barraca até que a pessoa responsável pelas vendas apareceu. Achei que fui bem-sucedida em minhas compras, pois consegui adquirir não apenas o livro que Gary havia indicado, como também outros dois livros: *Spiritual Gifts* [Dons Espirituais] (volumes 1 e 2) e *Early Writings* [Primeiros Escritos].

Apesar de ter sentido falta de Gary nas reuniões, fiquei feliz com o que vi em meu primeiro acampamento. Muitos decidiram entregar a vida a Deus, e vários membros da igreja aproveitaram a ocasião para renovar o compromisso de continuar servindo e colaborando para que a mensagem do evangelho alcançasse o maior número possível de pessoas. O estande de livros ficou praticamente vazio, o que significa que a boa literatura estava sendo espalhada.

Quanto a mim, saí do acampamento decidida a permitir que os livros me conduzissem numa viagem cheia de aventuras e descobertas. Bagagem era o que não faltava…

Capítulo 6
Carta de Battle

Ah, de volta ao lar! Depois de dez dias fora, levou um tempo para que colocássemos tudo em ordem e voltássemos à nossa rotina. Minha mente ainda estava impressionada com tudo o que tinha visto e ouvido na reunião campal de Richmond.

Eu estava ansiosa para começar a ler meus livros novos. Apertei o pacote junto ao peito e então tirei cuidadosamente o papel fino que o envolvia. Respirei fundo e senti o cheiro das folhas impressas.

"Por onde começo?", perguntei para mim mesma. Folheei o livro que Gary havia me recomendado. "Humm… Que tal começar por você?"

A capa bordô estava bem confeccionada. O título chavama a atenção: *Life Sketches of James White and Ellen G. White*. Edição de 1888. No primeiro capítulo, o texto dizia assim: "Nasci em Gorham, Maine, em 26 de novembro de 1827. Meus pais, Robert e Eunice Harmon, residiram durante muitos anos nesse estado..." Achei a leitura tão agradável que tive dificuldades de parar quando minha mãe me chamou para ajudá-la a alinhavar o vestido da senhora Colins.

À medida que eu avançava na leitura, ficava cada vez mais encantada com a história de vida da senhora Ellen. Quase todo tempo ocioso que eu tinha era passado no meu quarto. Fiquei totalmente envolvida com a leitura daqueles livros maravilhosos. Encontrei na biblioteca de nossa casa outros materiais que me ajudavam a entender o cenário e a época em que viveu essa mulher tão frágil e, ao mesmo tempo, tão forte.

Já fazia algumas semanas que havíamos participado da campal em Richmond. Às vezes, eu me pegava pensando no Gary. Era engraçado como, de uma hora para outra, nos tornamos amigos. Não havíamos convivido muito, mas, quando estávamos juntos, parecia não faltar assunto. Fiquei imaginando que, se morássemos perto, eu teria tanta coisa para lhe contar a respeito das minhas descobertas sobre a senhora Ellen.

– Anna Beatrice – minha mãe interrompeu meus pensamentos –, seu pai acabou de trazer as correspondências. Chegou uma carta para você.

Ela me estendeu um envelope bem gordinho.

– Será que é do Gary? – eu perguntei com os olhos brilhando, enquanto virava o envelope para ver o remetente. Meu sorriso denunciou minha alegria.

– Deve ser uma carta bem longa – minha mãe disse –, a julgar pelo volume...

Abri o envelope com todo o cuidado para não danificar o conteúdo. Quando desdobrei as folhas, caíram no chão três recortes de jornais de Battle Creek. Um deles era do *Enquirer*, e tinha como data o dia 25 de julho de 1915. Os outros dois eram do dia 24 de julho: *Moon Journal* e *Evening News.* Venci a tentação de ler primeiro os recortes. Estava ansiosa para saber quais eram as notícias do Gary.

Minha mãe me deixou sozinha. Sentei na poltrona confortável que ficava no canto do meu quarto, próxima à janela. Meu coração batia de uma forma estranha. Não me lembrava de ter sentido isso antes. Meus olhos repousaram sobre a primeira linha da carta: "Battle Creek, 26 de julho de 1915".

"Ele me escreveu apenas dois dias depois do sepultamento da senhora Ellen", pensei, admirando a atitude de Gary. Continuei lendo:

Prezada Anna Beatrice,

Espero que esta carta a encontre bem. Fizemos uma boa viagem até Battle Creek. Chegamos na sexta-feira, dia 23 de julho. No caminho, fiquei pensando em seu desejo de poder assistir à cerimônia fúnebre da senhora Ellen aqui e me perguntei: Por que não fazer um registro para que Anna Beatrice tenha uma ideia do que vai se passar nos momentos finais até o sepultamento? Não sou repórter profissional; sou apenas um curioso. Então, perdoe-me se algo não ficar claro ou compreensível. Meu esforço foi no sentido de atender, pelo menos em parte, o seu desejo.

Sorri ao imaginar Gary com uma caderneta na mão, anotando os detalhes da cerimônia apenas para me agradar. Voltei ao conteúdo da carta:

Tudo transcorreu com muita ordem. Soubemos que os planos gerais para o funeral em Battle Creek já vinham sendo providenciados com antecedência porque era evidente que a senhora Ellen não viveria muito mais tempo depois que sofrera o acidente, por causa da idade avançada.

Como o anúncio de que o funeral seria realizado no Tabernáculo de Battle Creek tinha sido feito em várias igrejas de Michigan, logo após a notícia do falecimento, muitas congregações cancelaram o culto para que seus

membros pudessem assistir à cerimônia. No sábado de manhã, no dia 24 de julho, antes das 8h, as pessoas começaram a chegar.

A igreja parecia um jardim. Os amigos da igreja e do Sanatório de Battle Creek enviaram tantas flores que quase cobriam o púlpito. Os arranjos se estendiam à direita e à esquerda até as escadas da galeria. A Review and Herald, a Associação Geral e a Divisão Norte-Americana também mandaram arranjos de flores em forma de coluna, coroa e cruz para expressar seus sentimentos. A Pacific Press enviou uma Bíblia aberta, feita de flores, com as palavras "Eis que venho sem demora e comigo está a recompensa". Foi um dos arranjos que mais chamou a atenção pela beleza e pelo contraste das flores brancas e púrpuras.

Anna, se achou que havia muitas pessoas em Richmond, você deveria ter visto quantas vieram para se despedir da senhora Ellen aqui. Quando começou a cerimônia, estavam cerca de 3.500 pessoas dentro e mais umas 1.000 do lado de fora, que não conseguiram entrar. Foi o maior funeral realizado em Battle Creek. Mas todos tiveram a oportunidade de vê-la e se despedir.

Terminei de ler a primeira página e peguei a segunda:

Como meu pai é diácono, ele ajudou a organizar a fila. As pessoas estavam muito emocionadas. Era impressionante como amavam aquela mulher. Meu pai me contou que reconheceu um homem chamado Dudley M. Canright, que estava acompanhado do irmão. Quem conhecia a história dele sabia que fazia 28 anos que ele havia se revoltado com a senhora Ellen porque ela o havia advertido sobre algo errado que ele fizera. Em vez de ouvir os conselhos, ele tinha preferido falar mal dela e de suas obras. Agora, ele estava ali, chorando como uma criança, enquanto reconhecia que havia morrido uma mulher verdadeiramente nobre e cristã. Foi um momento constrangedor.

Às 11h, teve início a cerimônia, que foi bastante solene. Os pastores subiram ao púlpito, ajoelharam-se e tiveram alguns momentos de oração silenciosa. Então o coral cantou um belo hino sobre a ressurreição. Em seguida, o pastor F. M. Wilcox, editor da Review and Herald, fez a leitura bíblica de Apocalipse 21:1-7 e 22:1-5. Ele relacionou com esses textos as promessas do capítulo 35 de Isaías, e concluiu a leitura com o verso 10. Transcrevo aqui para você: "Os resgatados do Senhor voltarão e virão a

Sião com cânticos de júbilo, alegria eterna coroará a sua cabeça; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido."

A oração foi feita pelo pastor M. C. Wilcox, irmão de F. M. Wilcox e editor de livros da Pacific Press. Ele agradeceu a Deus a luz e as bênçãos que vieram por meio da senhora Ellen. Mencionou a certeza da salvação da senhora Ellen e pediu que Deus desse uma clara visão do que todos que estavam ali deviam ser e fazer. Ele finalizou entregando tudo nas mãos de Deus. Foi uma oração tocante!

O professor Griggs cantou um hino e, em seguida, o pastor A. G. Daniells leu a resenha da vida da senhora Ellen. Ele é o presidente da Associação Geral e foi companheiro de serviço dela. Por isso, pôde falar com segurança do que conheceu e viu na experiência dela. Não vou descrever aqui o resumo da biografia que ele fez dos primeiros anos porque imagino que, a esta altura, você já deve estar lendo o livro que recomendei. Então, vou pular essa parte.

O que mais chamou minha atenção nas palavras do pastor Daniells foi quando ele disse que não havia como duvidar de que a senhora Ellen era, de fato, a mensageira do Senhor em virtude dos frutos do seu trabalho e da sua vida. Todos os seus ensinos e escritos concordavam com a Palavra de Deus, promoviam a pureza moral, conduziam a Cristo e à Bíblia, traziam consolo e conforto ao coração das pessoas, fortalecendo os fracos e encorajando os desanimados, trazendo ordem à confusão e lançando luz ao que era sombrio e escuro.

Depois de descrever a longa e produtiva vida da senhora Ellen, o pastor Daniells concluiu dizendo que ela já estava descansando. Ele mencionou que a voz dela estava silente, mas sua poderosa influência continuaria, por meio de seus escritos. Ele apelou para que cada um de nós fizesse sua parte com fidelidade.

Antes de começar a ler a terceira e última página, me levantei e me estiquei um pouco. Continuei a leitura em pé.

O sermão do pastor Stephen N. Haskell foi muito comovente. Ele falou do descanso que seria permitido a muitos dos servos de Deus antes da vinda de Jesus e da esperança da ressurreição. "Mesmo mortos, suas obras continuarão falando" [Hebreus 11:4], foram as palavras bíblicas que ele aplicou à experiência da senhora Ellen. Ele destacou o amor dela por Jesus

por conta do que Ele tinha feito por ela, ao perdoar seus pecados e revelar-Se como de fato era, o amável Salvador dos seres humanos.

Anotei as últimas palavras do pastor: "Embora não possamos ouvir sua voz novamente neste mundo, contudo sua influência vive; e, na manhã da ressurreição, se permanecermos fiéis, e tivermos uma parte com o povo de Deus naquela hora feliz, ouviremos a voz dela mais uma vez, e a reconheceremos. Meus queridos amigos, ainda há uma ligação viva entre o Céu e a Terra, e a promessa que o Senhor fez a Seu povo será cumprida. Nenhuma única palavra deixará de ser cumprida. Que o Senhor nos ajude a estar entre aqueles que terão o privilégio de saudar nossa irmã no reino do Céu. Que Deus nos conceda esse privilégio por amor de Seu nome."

Nesta parte da carta, Gary abriu o coração.

Sabe, Anna, às vezes não consigo entender como algumas pessoas ainda resistem aos ensinos da senhora Ellen. Em toda a sua vida, ela teve apenas uma preocupação: fazer o que Deus lhe pedia e conduzir as pessoas a Jesus. Ela amava o Salvador e desejava que todos tivessem pelo menos uma ideia do quanto Ele está disposto a tornar Seus filhos felizes. Quando cantamos o hino final, imaginei aquele lugar além do rio, onde estaremos reunidos com Jesus. Assumi o compromisso de fazer tudo o que estiver ao meu alcance para espalhar a mensagem da salvação.

Gary relatou que a cerimônia na igreja foi encerrada com uma oração do pastor W. T. Knox e descreveu como foi o sepultamento no cemitério de Oak Hill. Em 1881, o pastor Tiago havia sido sepultado ao lado dos dois filhos, e agora a senhora Ellen descansou ao lado de seus amados.

A carta de Gary terminava com as seguintes palavras:

Espero que esta carta a ajude a ter uma ideia do que aconteceu aqui. A senhora Ellen era muito querida. Talvez ela nunca tenha tido noção do quanto realmente era admirada. No Céu ela vai saber! [1]

Com estima,
Seu amigo Gary.

Tomei os recortes de jornais em minhas mãos e li as notícias.

Enquirer

"Milhares seguiam o coche fúnebre até o cemitério. Cada carruagem da cidade foi usada para esse fim e havia muitos automóveis. Além disso, havia nove bondes. Nenhuma tarifa foi cobrada nesses veículos públicos, porquanto haviam sido providenciados pela igreja."

Moon Journal

"Estima-se que 2 mil pessoas passaram em procissão diante do ataúde aberto, que foi colocado diretamente em frente ao púlpito. Seis pastores formaram uma guarda de honra e se alternavam aos pares a cada 20 minutos, um à cabeceira e outro aos pés do ataúde. Os que tiveram esse privilégio foram os pastores C. S. Longacre, M. L. Andreasen, W. A. Westworth, E. A. Bristol, L. H. Christian e C. F. McVagh."

Evening News

"O ataúde era simples e escuro, coberto com cravos brancos e miosótis. Atrás havia belos e elaborados arranjos de flores."

---

[1] Detalhes da cerimônia extraídos do livro *Life Sketches of Ellen G. White*, "The Funeral Services at Battle Creek", p. 462-480, edição de 1915.

Capítulo 7
Sonho Arruinado

A carta de Gary me deixou comovida. Sabia que ele era um rapaz muito gentil, mas não imaginava que se preocuparia comigo a ponto de fazer um relato tão preciso do que aconteceu em Battle Creek, por ocasião do sepultamento da senhora Ellen. Julguei que seria no mínimo falta de educação da minha parte não lhe escrever de volta para agradecer.

Para ser bem sincera, acho que li a carta dele pelo menos mais umas duas vezes antes de pegar a caneta-tinteiro e o mata-borrão para começar a escrever minha resposta. Abri a gaveta do criado-mudo e separei algumas folhas de papel colorido que eu usava apenas em ocasiões especiais.

"Bem, vejamos... Uma, duas... Acho que três são suficientes."

Com os meus apetrechos, me dirigi ao escritório, onde ficava a escrivaninha. Assim comecei minha carta:

Prezado Gary,

Fiquei surpresa e muito feliz ao receber sua carta. Você disse que não era repórter profissional, mas posso lhe garantir que fez um trabalho à altura dos melhores repórteres. Por causa da riqueza de detalhes que você apresentou, pude imaginar como foi a cerimônia e, em alguns momentos, até me senti como se estivesse presente. Muito obrigada, de coração!

Também gostaria de lhe agradecer pela dica que me deu enquanto estávamos na campal de Richmond. Ganhei algum dinheiro do meu pai, como presente de aniversário, e consegui comprar três livros novos, incluindo o que você mencionou.

Desde que voltei, tenho dedicado todo meu tempo disponível à leitura desses preciosos materiais. Também encontrei alguns volumes interessantes em nossa pequena biblioteca particular. Outro dia, estava conversando com uma de minhas amigas que, quando soube do meu interesse em conhecer mais a fundo a senhora Ellen, me emprestou um livro muito bom com informações sobre o começo de nossa igreja e a história dos pioneiros.

Eu conhecia apenas um pouco sobre os primeiros anos da vida da senhora Ellen. Sabia do acidente que ela sofreu quando era criança, ao voltar da escola. Sabia que ela e sua família acreditaram na mensagem que Guilherme Miller pregou sobre a volta de Jesus em 1844 e, que, depois do grande desapontamento, ela foi escolhida por Deus para ser uma profetisa para os nossos dias. Apesar da pouca idade (apenas 17 anos) e da saúde tão frágil, ela aceitou o chamado e se tornou a mensageira do Senhor.

É claro que já ouvi falar dos muitos desafios que ela teve que enfrentar para que o movimento adventista avançasse e alcançasse as proporções que tem hoje. Mas, Gary, tenho descoberto coisas tão impressionantes sobre essa mulher – algumas das quais eu não fazia ideia. Minha admiração só tem aumentado e tenho me sentido cada dia mais motivada a consagrar minha vida a Deus.

Se não se importar, meu amigo, gostaria de ir lhe escrevendo para partilhar com você algumas dessas descobertas. Mas não quero ser inconveniente nem aborrecê-lo com assuntos que podem não ser do seu interesse. Por favor, se eu estiver me comportando como uma chata, me avise na próxima carta e prometo que o deixo em paz.

Reli o que escrevi e pensei em apagar, porque me pareceu dramático demais, mas a folha ia ficar cheia de rasuras. Decidi arriscar e mandar o texto como foi originalmente escrito. Gary era um cavalheiro. Certamente entenderia... Pensei em começar contando sobre algumas coisas da infância de Ellen. Meu amigo sabia muitas informações sobre a senhora Ellen. Mas e sobre a menina Ellen? Observei que eu já estava para começar a segunda folha. Prometi a mim mesma parar na terceira. Afinal, não queria cansar meu amigo e, se ele concordasse e demonstrasse interesse, eu poderia lhe enviar outras cartas contando as outras partes da história. Escrevi:

Gary, você deve se lembrar de que Ellen teve uma irmã gêmea, chamada Elizabeth. Quando elas nasceram, o casal Robert e Eunice Harmon já tinha seis filhos: Caroline (15 anos), Harriet (13), John (11), Mary (6), Sara (5), que foi a irmã com quem Ellen teve mais afinidade, e Robert (quase 2). O pai de Ellen era agricultor, mas também fabricava chapéus. Tudo indica que o negócio com os chapéus estava dando mais lucro do que cultivar o campo. Assim, a família se mudou de Gorham para Portland, que era uma cidade com mais movimento devido ao porto. Cada membro da família tinha uma

parte a desempenhar na fabricação dos chapéus. Ellen era responsável por modelar a copa, e ela fazia seu trabalho com muita dedicação.

Pouco tempo depois da mudança, houve uma crise financeira nos Estados Unidos, e os chapéus passaram a ser considerados artigos de luxo. Com isso, as vendas caíram muito. No entanto, o senhor Harmon ficou sabendo que no Sul se pagava muito melhor pelos chapéus e decidiu levar seu estoque para ser vendido na Geórgia.

Foi exatamente nesse período, quando seu pai estava em viagem, que Ellen sofreu o tal acidente. Sem nenhum motivo, uma garota mais velha começou a perseguir Ellen, a irmã gêmea e outra menina quando elas voltavam da escola para casa, depois das aulas. Ellen e Elizabeth haviam aprendido em casa a não revidar e a não entrar em brigas. Por isso, saíram correndo. Num determinado momento, Ellen se virou para ver a que distância estava a menina. Bem nessa hora, ela foi atingida em cheio no rosto por uma pedra que a menina havia jogado. A batida foi tão forte que Ellen desmaiou.

Os médicos não acreditavam que ela sobreviveria. Uma das vizinhas chegou a perguntar se não seria melhor providenciar uma roupa nova para sepultá-la. A mãe sempre acreditou em sua recuperação. E ela estava certa. Depois de três semanas em coma, Ellen finalmente acordou. Não se lembrava do acidente e não entendia por que as pessoas a olhavam de maneira estranha. Ela era esperta e sabia que devia haver alguma coisa errada. Pediu um espelho para a mãe e não se reconheceu no reflexo. A fratura do nariz tinha sido tão séria que seu rosto ficara deformado. Para se ter uma ideia, quando o pai de Ellen voltou da Geórgia, ele não reconheceu a filha. Esse foi um golpe terrível para a menina de apenas 9 anos.

Depois de alguns meses, Ellen ficou melhor e tentou retomar suas atividades. Mas ela descobriu que nada mais seria como antes. Ela havia sido uma criança ativa, saudável, inteligente e graciosa. Agora as outras crianças se recusavam a brincar com ela, porque a achavam feia. Não entendiam que a aparência não quer dizer nada. Por dentro, Ellen ainda era a menina meiga, amorosa, amiga e preocupada com os outros.

Quando achou que estava em condição de voltar à escola, Ellen descobriu que não conseguia ler. As palavras se embaralhavam diante de seus olhos. A menina que tinha sido a mais brilhante aluna da classe e que havia ajudado muitas vezes a professora, lendo as lições para os demais alunos e até para as crianças mais novas, agora não conseguia ler nem escrever. Suas mãos tremiam. Ela sentia tonturas e às vezes desmaiava. A professora aconselhou

os pais a tirarem-na da escola até que ela estivesse melhor.

Você sabia que o sonho de Ellen era ser professora? Agora esse sonho tinha sido arruinado. Que futuro teria ela? A menina Ellen não podia imaginar que Deus tinha planos muito maiores e melhores para ela. Hoje sabemos que planos eram esses. Mas ainda levaria um tempo para que a menina Ellen descobrisse. A única certeza que ela tinha naquela ocasião era de que Deus estava cuidando dela e não havia permitido que ela morresse.

Enquanto isso, a mãe de Ellen, Eunice, decidiu que a filha não ficaria na ignorância. Ela, que havia sido professora antes do casamento, dedicou-se a ensinar à filha as coisas práticas da vida e também os trabalhos escolares.

Ellen gostava de passar tempo na natureza. Seu lugar preferido era o parque Deering Oak. Ali ela estudava as árvores, flores e plantas. (Isso o faz lembrar-se de alguém?) Amava os animaizinhos e tratava a todas as pessoas com cortesia e bondade. Acho que agora dá para entender por que ela era uma pessoa tão sensível às necessidades dos outros.

Bem, Gary, acho que está na hora de parar... Daqui a pouco tenho que ajudar minha mãe nos afazeres domésticos e também não quero tomar muito do seu tempo. Vou ficar esperando sua resposta. Se for positiva, poderei lhe escrever mais sobre minhas fascinantes descobertas.

Obrigada mais uma vez por sua preocupação em deixar-me informada. Oro para que Deus o abençoe e cuide de você.

Com estima,
Anna Beatrice

Capítulo 8
O Telegrama

Eu havia pedido que meu pai levasse ao correio a carta para Gary. Fiquei me perguntando se ele seria tão rápido em responder quanto tinha sido ao me escrever pela primeira vez. De qualquer forma, imaginei que demoraria um tempo até que a carta chegasse. Sendo otimista, quem sabe dentro de uma semana... Enquanto isso, continuei avançando em minha leitura. Procurava aproveitar ao máximo o restante do período de férias da escola.

Depois de realizar minhas tarefas domésticas, minha mãe permitia que eu passasse algum tempo num parque próximo à nossa casa. Ali, em meio à natureza, eu me deliciava com as novas descobertas. Voltava para casa com os olhos brilhando. Eu só sossegava depois de contar as novidades à minha mãe. Com paciência, ela me ouvia e completava com alguma outra informação.

Nem bem havia se passado uma semana desde que eu escrevera para Gary, meu pai chegou em casa à tarde com um telegrama em mãos. Ele tinha encontrado o carteiro, o Sr. John, no caminho e aproveitou para fazer a entrega.

Sem falar do telefone, que apenas umas poucas pessoas tinham em casa, o telegrama era o meio mais rápido para transmitir alguma notícia ou avisar sobre algum acontecimento.

Fiquei curiosa. Para quem poderia ser aquele telegrama e quem o havia mandado?

– Anna Beatrice – meu pai disse –, parece que tem alguém com pressa em lhe dizer algo. – Ele me estendeu o envelope que continha um papel dobrado. Li as seguintes palavras: “Obrigado pela carta. Estou ansioso para ter mais notícias suas. Assinado Gary.”

Fiquei meio sem graça por conta do meu pai, mas no íntimo estava superfeliz com a surpresa do Gary.

– É que perguntei na carta se ele gostaria de saber mais sobre as descobertas que tenho feito sobre a senhora Ellen – me expliquei. – Só não imaginava que ele responderia tão rápido!

Meu pai tentou parecer sério, pois percebeu o quanto fiquei feliz com a

resposta tão inesperada.

– O filho do John MacPierson é um bom moço... Creio que é alguém cuja amizade lhe será muito benéfica.

– Be-né-fi-ca – minha mãe repetiu dando ênfase apenas para brincar com meu pai. – Acho que seu pai quis dizer que aprova sua amizade com o filho do Sr. MacPierson. Afinal, temos muito apreço por toda a família.

– Está bem… – eu disse com o rosto um pouco corado. – Posso me retirar agora? Gostaria de cumprir o que prometi ao meu a-mi-go. – Imitei o jeito de falar da minha mãe.

Os dois concordaram, e eu fui para o meu quarto, segurando o pequeno pedaço de papel com letras claras.

Mais três folhas coloridas. Caneta-tinteiro. Mata-borrão. "Preciso pedir que o papai compre mais destas folhas coloridas..."

Prezado Gary,

Você é mesmo surpreendente! Esse é o primeiro telegrama que recebo em minha vida. Ainda bem que ele trouxe uma boa notícia. Não esperava ter uma resposta tão rápida, mas gostei muito do método que você escolheu.

Tenho dedicado algum tempo à leitura no parque próximo de casa. Estou me sentindo como se fosse amiga de Ellen G. White. Cada dia descubro algo novo acerca da vida dela.

Não sei se já lhe falei que um dos meus textos preferidos da Bíblia é Jeremias 29:11: "'Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito', diz o Senhor; 'pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais.'" Acho que esse texto se aplica especialmente à vida dessa mulher especial.

Sabe, Deus estava preparando Ellen, e Ele começou a fazer isso enquanto ela era apenas uma menina.

Descobri que Ellen tinha uma angústia secreta em seu coração. Apesar de ela e sua família serem fiéis metodistas e frequentarem regularmente a igreja, ela nutria um sentimento estranho em relação a Deus. Compreendia que Ele era o Governante celestial, mas não conseguia imaginá-Lo como um amigo. Ellen se sentia perdida e temia até mesmo que sua terrível condição física fosse um castigo divino.

Quando estava com 12 anos, ela ouviu pela primeira vez Guilherme Miller pregar sobre a volta de Jesus. As reuniões ocorreram na igreja da Rua Casco, em Portland. Ela disse que as pessoas admiravam a clareza e

exatidão com que o Sr. Miller explicava a profecia e se impressionavam com o poder da mensagem. Aquele pregador estava trazendo esperança ao coração das pessoas. Isso aconteceu em março de 1840.

No verão de 1842, Ellen e seus pais assistiram à campal metodista em Buxton. Ela esperava encontrar uma experiência que trouxesse paz ao seu coração. E um sermão, em especial, a ajudou muito. O pastor falou exatamente sobre aqueles que oscilavam entre a esperança e o medo, que ansiavam ser salvos de seus pecados e receber o amor perdoador de Cristo, mas que se sentiam presos pela timidez e pelo medo de falhar. Ele os aconselhou a se renderem a Deus e desfrutarem Sua misericórdia sem demora. Essas palavras confortaram a menina e lhe ensinaram algo sobre a salvação.

Ao voltarem dessa campal, Ellen decidiu ser batizada na Igreja Metodista. O batismo podia ser realizado por aspersão ou imersão. Ellen escolheu a imersão. Assim, num domingo à tarde, no dia 26 de junho de 1842, ela e mais outras 11 pessoas foram batizadas na Baía de Casco. A paz veio ao coração de Ellen depois dessa experiência.

Por esse tempo, Guilherme Miller voltou a Portland para a segunda série de reuniões sobre a volta de Jesus. Novamente as reuniões ocorreram na igreja da Rua Casco. Ellen aceitou totalmente a mensagem do Sr. Miller. Mas ela continuava intercalando períodos de alegria com momentos de profunda preocupação.

Você se lembra, Gary, que eu disse que Ellen já estava sendo preparada para algo especial? Isso começou a acontecer nessa etapa da vida dela. Deus estava cuidando para que ela desenvolvesse um relacionamento pessoal com Ele.

Eu pensava que Ellen havia sido escolhida apenas aos 17 anos, mas, pelo que tenho lido, Deus já estava agindo em sua vida desde antes disso para que, quando chegasse o tempo, ela estivesse pronta.

Foi por essa ocasião que ela teve dois sonhos. Num deles, ela estava visitando o templo no Céu, e, no outro, ela foi conduzida até Jesus. Ele a recebeu com um sorriso e, colocando a mão sobre sua cabeça, disse: "Não tenha medo." Então, Ele lhe deu um fio verde, que representava a fé. Esses sonhos mostraram a Ellen como era simples e fácil confiar em Deus.

Agora ela fez o que devia ter feito antes: abriu o coração à mãe. Que mãe não ficaria sensibilizada com tal situação? Eunice amava a filha e sempre acreditara que tinha sido Deus que poupara a vida de Ellen.

A mãe sugeriu que fizessem uma visita a um jovem pastor, chamado Levi Stockman, que estava pregando a mensagem do advento em Portland. Ao ouvir a história, carinhosamente ele colocou a mão sobre a cabeça de Ellen e disse, com lágrimas nos olhos: "Ellen, você é apenas uma criança! Sua experiência é bastante singular para alguém tão nova. Jesus deve estar preparando você para algum trabalho especial. Vá em paz! Volte para a sua casa confiando em Jesus, porque Ele não reterá Seu amor de qualquer que O busque com sinceridade."

Isso não é impressionante, Gary? Ainda bem que esse pastor teve percepção para saber o que dizer a ela. Não tenho dúvida de que Deus o estava conduzindo porque, além do conselho, ele deu a Ellen uma visão mais clara de Deus conforme revelado em Jesus.

Fiz uma pausa para pegar um dos meus novos livros.

Veja o que a própria Ellen escreveu posteriormente: "Durante os poucos minutos que passei recebendo instrução do pastor Stockman, obtive mais conhecimento sobre o amor de Deus e de Sua compassiva ternura do que de todos os sermões e advertências que já tinha ouvido."

Acho que foi aqui que o relacionamento de Ellen com Deus começou a fazer sentido para ela. Ao chegar em casa, ela prometeu ao Senhor que faria tudo e sofreria o que fosse necessário para obter o favor de Jesus. Ela assumiu um compromisso com Deus.

À noite, ela assistiu a uma reunião de oração. E, quando fez sua primeira oração em público, percebeu que o fardo e a angústia que sentira por tanto tempo se desvaneceram.

Por um bom período, nada a atrapalhou. Ela escreveu que seu único desejo era fazer a vontade de Deus. A imagem de Jesus e do Céu estavam sempre em sua mente. Ela ficou surpresa e encantada com a compreensão da obra de Jesus Cristo.

E veja que interessante, Gary, ela disse que seu coração sentiu tanta paz e ficou tão repleto do amor de Deus que sua maior alegria passou a ser meditar e orar.

Uau! Fiquei tão empolgada com a história que nem percebi que já estava na terceira página. Por isso, acho que devo parar por aqui. É possível que a cada duas semanas você receba uma carta minha. Na próxima, vou lhe contar como foi a primeira experiência de Ellen ao falar em público.

E, Gary, se não for demais, queria lhe pedir um favor. Você poderia pesquisar e tentar conseguir alguns detalhes do tempo em que Ellen e o

marido viveram em Battle Creek? Você já demonstrou que tem muito talento como repórter!

Até a próxima!

Esperei a tinta da última folha secar e juntei as outras duas. Dobrei-as com capricho e, antes de colocar dentro de um envelope lilás, pinguei uma gota do meu perfume preferido, que tinha uma essência bem suave. Fechei o envelope e desenhei o nome do destinatário: Gary R. MacPierson.

Capítulo 9
Excluídos...

O tempo estava passando mais rápido do que eu gostaria. Logo as aulas começariam e eu teria que voltar à escola. Gostava de estudar, mas preferia ficar em casa com minha mãe. Eu a considerava uma mulher muito sábia. Também gostava de ajudá-la nas tarefas domésticas.

– Mamãe – eu disse enquanto a ajudava a recolher a roupa do varal –, a senhora sabia que a primeira vez que Ellen deu seu testemunho em público foi numa reunião de crentes no advento? – Percebendo a surpresa no rosto dela, continuei: – Ela disse que não conseguiu ficar em silêncio porque estava muito impressionada com o amor de Jesus. Simplesmente as palavras fluíram de seus lábios. Foi como se estivesse sozinha com Deus. Ela não teve nenhuma dificuldade em expressar a paz e a felicidade que sentia. Havia lágrimas em seus olhos, mas eram de gratidão pelo que Jesus fizera por ela. Isso não é maravilhoso? Se isso foi em 1842, Ellen era apenas um pouco mais jovem do que eu! Estava então com 14 anos.

– Pelo que vejo... – minha mãe disse enquanto tirava do avesso uma saia com forro verde – você está indo a fundo em suas pesquisas. Eu achava que Ellen tinha começado a dar seu testemunho em público apenas aos 17 anos, quando Deus lhe deu aquela visão depois do desapontamento de 22 de outubro de 1844.

– Eu também achava! – arregalei os olhos. – Mas ela conta num daqueles livros que estou lendo que a primeira vez que testemunhou de Jesus foi nessa ocasião. Depois disso, as pessoas apreciaram tanto seu testemunho que ela recebeu vários convites para que falasse em outras reuniões. Ela tinha preocupação por seus jovens amigos, e eles normalmente se rendiam a seus apelos.

Percebendo que minha mãe estava bem atenta, levei a bacia de roupa para mais perto dela e comecei a dobrar as peças menores recém-tiradas do varal.

– Mas Ellen ficou muito decepcionada com a reação de algumas pessoas da Igreja Metodista – continuei. – Numa ocasião, quando estava com seu irmão, Robert, assistindo a uma reunião na casa de alguém, ela falou de sua experiência,

de seu sofrimento sob o peso do pecado e das bênçãos que agora desfrutava quando decidiu viver de acordo com a vontade de Deus. Ela mencionou a alegria que sentia ao aguardar a volta de Jesus. Mas sabe qual foi a reação do líder da reunião?

Mamãe balançou a cabeça negativamente.

– Ele virou-se para Ellen e perguntou se não seria mais proveitoso viver uma longa vida de utilidade, fazendo o bem aos outros, do que esperar que Jesus viesse logo e destruísse pobres pecadores. Já pensou nisso? – Não consegui esconder minha indignação.

– E como Ellen reagiu? – mamãe perguntou.

– Ela disse que não via a hora de Jesus voltar para que Ele colocasse fim ao pecado, mas o líder continuou argumentado que achava melhor simplesmente morrer pacificamente do que, estando vivo, passar pela dor da transformação. Ele se referia ao fato de deixar de ser mortal para ser imortal. Declaradamente ele disse que preferia acreditar que Jesus só voltaria depois de milhares de anos do que vê-Lo voltar em seus dias.

– É... Deve ter sido difícil para Ellen e sua família... – minha mãe disse pensativa.

Contei que, em outra reunião, Ellen falou novamente de sua alegre expectativa de encontrar-se com seu Salvador e de como essa esperança a levava a buscar uma vida de comunhão com Deus. Novamente houve discussão porque o líder da classe disse que ela havia recebido a santificação no metodismo e não em uma teoria equivocada. Ellen se encheu de coragem e defendeu aquilo em que acreditava. Falou como a aparência de Jesus havia trazido paz, alegria e perfeito amor à sua vida. Com seu jeito calmo, Robert também falou. Mas eles continuaram sendo malcompreendidos. Na verdade, aquela foi a última reunião a que os dois irmãos assistiram na classe dos metodistas.

– Não demorou muito – eu disse –, a família Harmon foi visitada pelo pastor da Igreja Metodista da Rua Chestnut. O ministro alegou que eles tinham adotado uma nova e estranha crença que a Igreja Metodista não podia aceitar. O pai de Ellen defendeu-se, dizendo que eles estavam apenas seguindo o que a Bíblia dizia.

– É verdade – minha mãe colocou a última peça na bacia. – O próprio Jesus havia pregado sobre Sua segunda vinda aos discípulos. O que o pastor respondeu?

– Ele sabia que não tinha como provar pela Bíblia que a família Harmon estava errada, então simplesmente os aconselhou a se desligarem discretamente da

igreja para evitar o constrangimento de um julgamento público.

– Anna, me ajude a levar a bacia para dentro – minha mãe me interrompeu. Eu nem havia percebido que tínhamos recolhido e dobrado toda a roupa.

– Claro, mamãe – eu disse, enquanto segurava um dos lados da grande bacia. – Assim, já aproveito e pego no meu quarto o livro que fala sobre como foi a exclusão da família Harmon da Igreja Metodista. Ellen descreveu a situação como sendo traumática.

– Imagino... Vamos entrar. Enquanto você apanha o livro, vou preparar uma limonada fresquinha para nós.

"Humm! Adoro limonada..."

Fui até o criado-mudo e peguei o livro do qual Gary havia me falado, *Life Sketches of James White and Ellen G. White*. Então, me dirigi à cozinha, onde mamãe estava terminando de espremer os limões. Respirei fundo e senti o cheiro gostoso da fruta cítrica.

– Aqui está, mamãe – deixei o livro sobre a mesa e fui até a cristaleira pegar dois copos. Em seguida, eu e minha mãe nos sentamos. Entre um gole e outro, comecei a ler para ela. – Até sublinhei esta parte que a própria Ellen escreveu para explicar por que seu pai não concordou em fazer o que o pastor sugeriu: "Não desejávamos que outros irmãos pensassem que tínhamos vergonha de reconhecer nossa fé, ou que fôssemos incapazes de sustentar nossa crença através da Escritura."

– Deve ter sido uma decisão difícil – mamãe comentou.

– O pai de Ellen foi muito corajoso... – concordei. – Ellen descreveu como foi a reunião em que eles foram removidos da igreja. Ela disse que poucas pessoas estiveram presentes. Seu pai era um homem muito respeitado, e até os opositores não tinham interesse de que o caso fosse tratado diante de um grande número de membros. Quando perguntaram que regra tinham transgredido, foi-lhes dito que eles tinham frequentado outras reuniões e negligenciado assistir regularmente aos cultos da igreja. Foi-lhes perguntado se eles concordavam em abandonar as novas crenças e voltar a seguir as regras metodistas. A senhora já deve imaginar a resposta deles, não é?

– Sim, acho que eles tinham tanta certeza do que acreditavam que devem ter preferido ser desligados da igreja – mamãe deu mais um gole no suco e repousou o copo sobre a mesa.

– Foi isso mesmo! Veja o que Ellen escreveu aqui: "No domingo seguinte [setembro de 1843, de acordo com os registros da igreja], o pastor que presidia a reunião [Charles Baker] leu a exclusão dos nossos nomes, sete no total. Ele

declarou que não estávamos sendo excluídos por causa de qualquer erro ou conduta imoral, que nossa reputação e caráter eram irrepreensíveis; mas éramos culpados de caminhar contrário às regras da Igreja Metodista. Ele também declarou que a porta estava agora aberta e que todos os culpados de semelhante transgressão das regras deveriam ser tratados de modo semelhante."

– E muitos outros deixaram a Igreja Metodista? – mamãe perguntou com interesse.

– Isso eu não sei dizer – corri os olhos pelo texto e localizei um parágrafo que estava marcado. – Mas aqui Ellen diz assim: "Alguns trocaram o favor de Deus por um lugar na Igreja Metodista." Imagino que alguns desistiram da crença na vinda de Jesus por medo de serem também desligados da igreja.

Quando minha mãe se levantou, percebi que ela ia lavar os copos e a jarra.

– Pode deixar que eu lavo, mamãe. Só vou levar o livro para o meu quarto e já volto.

– Obrigada, Anna. Vou aproveitar e aquecer o ferro para passar a roupa. Ela está no ponto para ser passada. – Mamãe ia saindo, mas voltou: – Gostei muito da nossa conversa. Você está mesmo se dedicando às suas leituras, e isso está lhe fazendo bem. É bom ter exemplos dignos de ser imitados!

– Sabe, mãe, uma vez a senhora disse que Ellen White era um vaso escolhido por Deus. Na hora, não entendi muito bem o que a senhora queria dizer, mas acho que estou começando a compreender...

Capítulo 10
O Dia Que Não Devia Terminar

Como havia prometido ao Gary, continuei mandando notícias. Na carta seguinte, relatei como tinha sido a exclusão da família Harmon da Igreja Metodista. Copiei os mesmos trechos do livro que eu tinha lido para minha mãe. Agora estava me preparando para falar sobre a experiência que Ellen teve no ano em que ela pensou que Jesus voltaria. Papel e tinta em mãos. Vamos lá!

Prezado Gary,

Creio que esta é a última carta que lhe escrevo antes do início das aulas. Na próxima semana, começa tudo de novo... Gosto de estudar, mas preciso confessar que prefiro as férias.

Está pronto para as novidades que tenho para lhe contar sobre nossa "amiga"? Acompanhe-me no ano que imagino ter sido o melhor e o pior da vida de Ellen.

Depois que foram excluídos da Igreja Metodista, Ellen e toda a sua família desejaram ainda mais a breve volta de Jesus. Veja que curioso o que descobri. Ellen, sua irmã gêmea Elizabeth, e Sara, a irmã mais velha, começaram a trabalhar em casa com tecidos para obter recursos e assim adquirirem folhetos e livros contendo a mensagem da segunda vinda. Ellen conseguia ganhar 25 centavos por dia, muitas vezes trabalhando na cama, por causa de sua saúde frágil. Ela queria fazer sua parte em ajudar a espalhar a urgente mensagem.

Depois de estudarem cuidadosamente a profecia de Daniel dos 2.300 anos, os crentes chegaram à conclusão de que a volta de Jesus aconteceria por volta de 1843. Quando alguns amigos insistiram que Guilherme Miller fosse mais preciso sobre o assunto, ele acabou definindo o ano religioso judaico de 1843 como iniciando em 21 de março de 1843 e terminando em 21 de março de 1844. As pessoas ficaram animadas e procuravam se preparar. Ninguém estava preocupado em fazer roupas novas para ser levado ao Céu. Os trajes que eles queriam usar eram a pureza da alma e um caráter

purificado do pecado pelo sangue de Jesus. Mas esse período transcorreu sem nenhuma novidade. Foi o primeiro teste pelo qual passaram aqueles que aguardavam e acreditavam na volta de Jesus nas nuvens dos céus. Houve muita zombaria da parte dos que não acreditavam. Naquele livro que você me indicou, Ellen escreveu: "Estávamos perplexos e desapontados, contudo não renunciamos nossa fé. [...] Sentimos que tínhamos cumprido nosso dever, tínhamos vivido à altura de nossa preciosa fé; estávamos desapontados, mas não desanimados; os sinais dos tempos declaravam que o fim de todas as coisas estava muito próximo; devemos vigiar e estar prontos para a vinda do Mestre a qualquer tempo."

Esse primeiro desapontamento foi considerado uma prova para revelar o coração e o caráter daqueles que diziam amar a verdade. No entanto, alguns revelaram sentir apenas medo dos juízos divinos; por isso, abraçaram essa causa.

Gary, e isso porque eles não sabiam o que ainda estava pela frente. Ninguém entendia exatamente o que poderia estar errado. Até os profundos conhecedores da Bíblia que não acreditavam na vinda de Cristo concordavam que os cálculos do Sr. Miller estavam corretos, embora eles discordassem a respeito do evento que culminaria com aquele período.

Os cálculos foram checados, não havia erro. A conta era tão simples e clara que até as crianças podiam entender. O tempo começava a contar a partir do decreto do rei da Pérsia, em 457 a.C. Mas havia uma questão a ser considerada: a época em que o decreto de Artaxerxes para a restauração de Jerusalém entrou em vigor fora no outono de 457 e não no começo do ano, conforme se imaginava. Sendo assim, os 2.300 anos deveriam terminar também no outono de 1844.

A profecia dizia que, ao fim dos 2.300 anos, o santuário seria purificado. Gary, eles achavam que o santuário só podia ser a Terra. Fazendo a relação com a cerimônia de purificação do santuário que ocorria em Israel no décimo dia do sétimo mês, um ministro milerita chamado Samuel S. Snow chegou à conclusão de que essa data corresponderia ao dia 22 de outubro do nosso calendário.

Não entendo nada de calendário judaico, mas quem pesquisou as profecias estudou esse calendário a fundo. Posso garantir!

Bem, agora eles tinham o dia e o ano em que o santuário seria purificado: 22 de outubro de 1844. O dia e o mês estavam relacionados ao dia da purificação do santuário e à época em que terminariam os 2.300 anos.

Simples, não é?

Tudo começou a fazer sentido para eles. Juntaram a essas informações, a parábola contada por Jesus sobre a chegada do noivo. Vendo através dos símbolos, o povo de Deus era como as moças que esperavam. Algumas dormiram e perderam o evento. Entretanto, eles deveriam estar alerta. A vinda de Jesus passou a ser comparada ao "clamor da meia-noite".

Agora os crentes se encheram de coragem e de esperança. Voltaram-se com sinceridade para o Senhor, confessando seus pecados e buscando um relacionamento vivo e pessoal com Deus. As coisas deste mundo já não tinham mais nenhum valor para eles.

Sabe, Gary, eu li no livro O Grande Conflito [p. 401], escrito pela senhora Ellen, que esse foi o movimento religioso mais sincero e livre de imperfeições humanas e dos enganos de Satanás desde os dias dos apóstolos.

Veja só este texto também de O Grande Conflito, na mesma página: "Eram enviados anjos do Céu para despertar os que se haviam desanimado e prepará-los para receber a mensagem. A obra não se mantinha pela ciência e saber dos homens, mas pelo poder de Deus." No entanto, o que chamou mesmo a minha atenção foi o que veio em seguida: "Não foram os mais talentosos os primeiros a ouvir e obedecer à chamada, mas os mais humildes e dedicados." Tenho certeza de que Ellen e sua família estavam nesse grupo. "Lavradores deixaram as colheitas nos campos, mecânicos depuseram as ferramentas, e com lágrimas e alegria saíram a dar a advertência. Os que anteriormente haviam dirigido a causa foram os últimos a unir-se a este movimento. As igrejas, em geral, fecharam as portas a esta mensagem, e numeroso grupo dos que a receberam cortou sua ligação com elas."

Fiquei tão impressionada quando li isso que, à noite, não conseguia pegar no sono. Imaginei o sentimento daquelas pessoas. Elas foram tão sinceras...

Mas o dia 22 de outubro de 1844, uma terça-feira, começou e terminou como qualquer outro dia. Alguns haviam procurado lugares altos, de onde pudessem enxergar o primeiro indício da chegada de Jesus. A que horas Ele viria? A manhã passou, o meio-dia, a tarde... A meia-noite chegou, mas o Salvador não veio.

Não consegui evitar as lágrimas quando li a descrição do que aquelas pessoas sentiram e imaginei o que elas passaram. As palavras não eram suficientes para descrever o desapontamento que experimentaram. A primeira pergunta que me veio à mente foi: "Por que tinha que ser assim?

Aquele dia não poderia ter terminado...” Mas então me dei conta de que estava envolvida pelos sentimentos e não pela razão.

Tudo o que ocorreu estava dentro dos planos perfeitos de Deus. A profecia feita ao apóstolo João em Apocalipse 10:9 falava de um livro que seria doce na boca, mas amargo no estômago.

No tempo certo, Deus mostrou a Seus filhos fiéis o que representou aquele grande desapontamento. Ainda havia muita coisa para eles compreenderem, como a questão de existir um santuário no Céu e a “purificação” se referir a ele e não à Terra, e muitos outros esclarecimentos que só trariam bênçãos no futuro. Nem todos desfrutaram disso. Muitos desistiram de vez e viraram as costas para Deus. Mas, como Ellen disse, essa provação mostrou o verdadeiro caráter das pessoas. Fiquei muito feliz porque Deus, em Sua sabedoria, havia preparado Ellen para ter uma reação positiva diante desse momento tão crítico. Ela se dispôs a fazer de uma forma ainda mais sincera aquilo que Deus esperava.

Estou chegando novamente ao fim de mais esta carta. Só queria lhe dizer mais uma coisa: Não tenho dúvidas de que Ellen foi, como disse minha mãe, um vaso escolhido por Deus. Um vaso de barro, eu diria. Frágil, sem beleza exterior, mas muito útil porque permitiu-se ser completamente usada por Deus. Na próxima carta, vou lhe falar um pouco mais sobre isso.

Desejo-lhe um feliz retorno à escola!

Com estima cristã,
Anna Beatrice

P.S. Desculpe o pingo de tinta. Ele não faz parte da minha mensagem. Estou avisando para você não ficar tentando decifrar algo que foi apenas um acidente! Com saudade...

Capítulo 11
O Tecido Vermelho e Outras Novidades

No dia em que levei ao correio a carta para Gary, chegou uma correspondência dele. Eu havia ido com minha mãe até a loja de tecidos do Sr. Medley e fiquei meio impaciente enquanto ela fazia as compras. Queria chegar logo à nossa casa para ler a carta do meu amigo.

– Anna, o que você acha deste corte? – Mamãe me mostrou um tecido escuro. – Ele parece bem apropriado e durável...

As palavras de mamãe me fizeram lembrar de algo que eu tinha lido recentemente sobre a opinião da senhora Ellen a respeito de vestidos. Num dos seus manuscritos que havia sido impresso, ela dizia que as mulheres deveriam se vestir com simplicidade, mas o material dos vestidos deveria ser bom, durável e apropriado para a época.

Enquanto sentia o tecido em minhas mãos, olhei ao redor e vi um pano que chamou muito minha atenção.

– Veja, mamãe – eu disse, apontando para um lindo corte vermelho. – Por que a senhora não leva este aqui?

O Sr. Medley estendeu o tecido sobre o balcão. De perto, dava para perceber uns detalhes bem discretos, que tornavam a peça ainda mais bonita.

– Não sei... – mamãe alisou o tecido. – Nunca usei nada nessa cor.

Ah, não perdi tempo e falei para mamãe algo que a deixou surpresa.

– Sabia que a senhora Ellen disse que seria interessante que as mulheres tivessem pelo menos um vestido vermelho?

– Sério? – Minha mãe pareceu duvidar.

– Sim, é verdade! – falei rindo. – Li em algum lugar que a senhora Ellen sempre tinha cortes de tecido a mais em sua casa, que ela costumava doar para pessoas necessitadas. Uma de suas netas contou que a avó era prática e tinha muito bom senso quando dava os conselhos a respeito do vestuário. Certa vez, ela deu três cortes de tecido para uma jovem enfermeira que tinha apenas algumas peças de roupa. E sabe de que cor eram os tecidos?

– Não sei, mas imagino que um deles era vermelho. Estou certa?

– Certíssima – respondi. – Um era vermelho, outro era azul e o terceiro era dourado!

– Uau! – mamãe não conseguiu esconder a surpresa. – Por essa eu não esperava.

Sorri porque eu sabia que aquela era mesmo uma novidade para minha mãe. Também tive uma reação semelhante quando li pela primeira vez sobre isso. Mas essa era apenas uma das muitas surpresas que eu estava tendo ao procurar descobrir quem de fato tinha sido a senhora Ellen.

O Sr. Medley ajudou a convencer minha mãe de que aquele tecido, aliado à sua costura impecável, resultaria num belo e elegante vestido. Para mim, escolhi um azul-claro, que combinava com uma delicada renda do mesmo tom.

Ao chegar em casa, fui para o meu quarto. Abri o envelope cinza e observei o capricho com que Gary escrevia. Sua letra era firme e não havia rasuras. "Será que ele passou a carta a limpo?", me perguntei.

Contei quantas folhas havia dentro do envelope. Quatro! "É", pensei, "desta vez ele me superou..." Ele começava dando notícias de sua família. Contou de sua irmãzinha Vicky, que estava toda feliz porque o primeiro dente de leite finalmente havia caído. Também falou dos preparativos para o casamento de Roger. Tudo indicava que a cerimônia aconteceria dentro de alguns meses. Provavelmente no começo de 1916.

Penso que será uma ocasião apropriada para nos encontrarmos, ele escreveu. *Roger já começou a fazer a lista de convidados, e o nome da sua família certamente está nela.*

Continuei lendo a carta, até que parei num ponto. Li novamente para ver se eu havia entendido direito: *A próxima carta que eu lhe enviar, terá um novo cabeçalho. Em vez de Battle Creek, você vai ler "Berrien Springs." Isso mesmo! Estou indo para o Emmanuel Missionary College para completar meus estudos. Tenho orado a Deus e sentido o desejo de me preparar para servi-Lo melhor. Espero que você fique feliz com essa notícia. Minhas pesquisas sobre a obra do casal White em Battle Creek estão bem adiantadas. Pretendo lhe escrever sobre elas quando estiver instalado no colégio. Outra notícia boa é que lá tem uma biblioteca muito completa e poderei lhe dar informações mais precisas. Segue o endereço para onde você deve enviar as próximas cartas.*

Peguei um pedaço de papel e copiei o endereço para ficar mais fácil de localizar quando preenchesse o próximo envelope.

Suas cartas têm me inspirado. Tenho apreciado o fato de você partilhar comigo suas descobertas sobre a senhora Ellen. Eu não sabia como tinha sido a

infância dela. E acho que você tem razão: Deus realmente a estava preparando. Imagino o quanto deve ter sido difícil para ela e para aproximadamente 100 mil pessoas de diversas denominações religiosas que tiveram que enfrentar a decepção de não ver Jesus voltar na data que elas esperavam. Hoje sabemos que tudo o que aconteceu estava no perfeito cronograma de Deus. Temos a certeza de que toda aquela experiência ainda resultou em muitas bênçãos para os que permaneceram fiéis e continuaram confiando na direção divina. Na verdade, foi esse grupo de pessoas sinceras que recebeu as orientações que dariam origem à nossa igreja. É um verdadeiro privilégio conhecer nossa história, não é? Continue me escrevendo... Quando leio suas cartas, sinto como se você estivesse perto de mim, e isso ajuda a amenizar a saudade. Não demore para me responder.

Li novamente em voz alta a última frase e suspirei. Que engraçado! Parecia que Gary havia lido meus pensamentos. Mal sabia ele que a carta que receberia em breve falava exatamente do sentimento de Ellen e dos demais que sofreram o desapontamento em 1844. Nossas ideias também pareciam bem afinadas. É claro que fiquei muito feliz em saber que ele iria estudar no Emmanuel Missionary College. Tive uma forte sensação de que Deus tinha planos muito especiais para Gary, como Ele teve para Ellen e para todos aqueles que se dispuseram a servi-Lo de todo coração.

Peguei a caixinha de madeira decorada onde já estavam a outra carta, o telegrama e o lenço branco que Gary havia me emprestado na campal. Tirei a tampa e coloquei por cima a carta que tinha acabado de ler. Colocando a tampa de volta, pensei: “Acho que vou precisar de uma caixa maior...”

Capítulo 12
Luz no Caminho

Eu não queria perder o fio da meada do que estava escrevendo para o Gary. Ficava imaginando como a experiência do desapontamento após o dia 22 de outubro de 1844 devia ter mexido com a vida das pessoas. Elas devem ter ficado tão decepcionadas quanto os discípulos quando Jesus morreu. No entanto, da mesma forma que os discípulos não ficaram sem respostas, os fiéis seguidores de Jesus também não foram desamparados. Escrevi para Gary falando sobre Hiram Edson e a visão que Deus lhe deu enquanto atravessava o milharal de sua fazenda.

Hiram Edson morava em Port Gibson, estado de Nova York, e havia participado ativamente do movimento adventista. Estava entre os que foram desapontados. Edson disse que, quando Cristo não veio, ele e as pessoas que tinham ido à sua fazenda para esperar Jesus choraram muito até o amanhecer do dia 23 de outubro. Foi um sofrimento amargo. Mas algo no coração de Hiram dizia que deveria haver uma explicação para o que havia acontecido. Ao orar com outros homens no celeiro, na manhã seguinte, ele saiu dali com a certeza de que Deus estava cuidando de tudo.

Acompanhado de um estudante de Teologia chamado O. R. L. Crosier, Edson decidiu visitar outros irmãos para encorajá-los. Não era o momento para desanimar. Precisavam apegar-se a Deus. Quando estavam atravessando o milharal da fazenda, Hiram Edson sentiu a mão de alguém o tocar. Ele parou, mas não viu ninguém. De repente, teve uma visão. O que ele viu? Jesus, o Sumo Sacerdote, saindo do Lugar Santo e entrando no Santíssimo do santuário. Mas não era o santuário terrestre; era o santuário do Céu! Agora as coisas começaram a fazer sentido. A data não estava errada. Não! Apenas o evento. Não era o momento de Jesus voltar à Terra e sim o tempo de começar Sua obra de juízo. Quando o julgamento terminasse, aí, sim, Ele voltaria.

Apenas Hiram Edson teve a visão. Seu companheiro o viu parado no meio do milharal e perguntou o que ele estava fazendo. Não havia dúvidas de que aquela era a resposta à oração que eles haviam feito pela manhã.

A maravilhosa notícia logo se espalhou e trouxe alívio aos sinceros filhos de Deus.

Tiago White, que já era um jovem pregador, ficou sabendo dessa visão de Hiram Edson e escreveu uma carta para ele, com o capitão José Bates, tentando marcar uma reunião para conversarem a respeito. Infelizmente, Tiago não pôde comparecer, mas José Bates foi e aproveitou para falar a Edson sobre suas descobertas relacionadas à santidade do sábado. Ele ficou totalmente convencido e começou a também guardar o sétimo dia da semana.

Achei interessante porque esse movimento acabou providenciando as bases para a Igreja Adventista do Sétimo Dia, que passou a existir como igreja organizada apenas em 1863.

Bem, mas o que eu queria mesmo era contar para o Gary o que se passou com Ellen depois do grande desapontamento. Na carta, eu dizia assim:

Será que Ellen ficou sabendo das notícias de Hiram Edson? Bem, o que sei é que Deus Se revelou a ela em dezembro de 1844. Depois do acidente, a saúde de Ellen nunca mais havia sido a mesma. No entanto, acho que por causa do sofrimento que ela tinha passado recentemente, sua saúde piorava muito. Ela mal conseguia falar. Sua voz era ouvida apenas como um sussurro. E, quando estava deitada, tinha muita dificuldade para respirar. À noite, não conseguia dormir por causa da tosse e frequentemente seus pulmões sangravam. Tudo indica que ela havia contraído tuberculose. A situação era tão crítica que ela não conseguia nem mesmo se alimentar sozinha. Os médicos e amigos achavam que ela não resistiria à doença e morreria em breve.

Nessa condição, uma grande amiga de Ellen, chamada Elizabeth Haines, que morava no sul de Portland, a convidou para passar uns dias em sua casa. Essa seria uma oportunidade para que sua mãe também tivesse um merecido descanso. Ellen não pôde recusar. Desejava muito estar com essa amiga e participar de uma reunião de oração que havia sido planejada para aqueles dias. Assim, Ellen, Elizabeth e mais três jovens se reuniram. Elas estavam muito tristes e desapontadas. Mas acreditavam que Jesus ainda voltaria.

Localizei essa história no livro Primeiros Escritos, na página 14. Copiei aqui para você. Veja como Ellen descreveu esse momento:

"Enquanto eu estava orando junto ao altar da família, o Espírito Santo me sobreveio, e pareceu-me estar subindo mais e mais alto da escura Terra.

Voltei-me para ver o povo do advento no mundo, mas não o pude achar, quando uma voz me disse: 'Olha novamente, e olha um pouco mais para cima.'"

Você se lembra do que ela viu, não é? Foi a famosa visão do Clamor da Meia-Noite. Ela disse que o povo do advento viajava por um caminho estreito em direção à cidade que ficava na extremidade mais afastada. O que chamou minha atenção foi a luz que clareava o caminho para que ninguém tropeçasse. O mais bonito: Jesus ia à frente. Olhando para Ele, havia segurança para continuar avançando. Mas logo alguns ficaram cansados e desanimaram porque achavam que a cidade estava muito longe. Jesus os animava e eles prosseguiam, sendo guiados pela luz.

Na visão, alguns começaram a duvidar daquela luz e dizer que não era Deus quem os estava guiando. Então a luz se apagava, e eles ficavam na escuridão, vindo a tropeçar e a cair, saindo do caminho.

Aqueles que continuavam, tiveram a alegria de contemplar uma cena indescritível. Eu não sabia, Gary, que a visão da volta de Jesus fora dada a Ellen nessa ocasião. Você se lembra da história da nuvenzinha do tamanho da metade da mão de homem que aparecia no Oriente? Então, Deus mostrou isso a Ellen em sua primeira visão.

Ela conta que viram essa nuvenzinha que foi se aproximando e se tornando mais clara e brilhante até que se tornou numa grande nuvem branca. Olha só como ela descreveu: "A parte inferior tinha aparência de fogo; o arco-íris estava sobre a nuvem, enquanto em redor dela se achavam dez milhares de anjos, entoando um cântico agradabilíssimo. E sobre ela estava sentado o Filho do homem. Os cabelos, brancos e anelados, caíam-Lhe sobre os ombros; e sobre a cabeça tinha muitas coroas. Os pés tinham a aparência de fogo; em Sua destra trazia uma foice aguda e na mão esquerda, uma trombeta de prata. Seus olhos eram como chamas de fogo, que profundamente penetravam Seus filhos."

Em seguida, ela descreveu o terrível silêncio que se fez quando Jesus falou. Mas logo a alegria veio ao coração dos fiéis quando Jesus disse: "Minha graça vos basta." Os anjos tocaram e cantaram, enquanto a nuvem se aproximava da Terra. E então os justos mortos foram despertados de seu sono e levados com os vivos para encontrar-se com Jesus nos ares.

Gary, fico imaginando como foi para uma adolescente, de apenas 17 anos, ter essa visão... Uma moça que estivera à beira da morte, que mal podia se comunicar. Só para você ter uma ideia, ela só conseguiu escrever a visão

cerca de um ano depois. Deus a amparou e suas mãos ficaram mais firmes.

Essa visão trouxe consolo e esperança não só a Ellen e às moças que estavam com ela na reunião de oração. Muitos ficaram sabendo e outros ouviram de sua própria boca a mensagem de que Deus estava guiando Seu povo. Se continuassem a confiar na luz e mantivessem o olhar fixo em Jesus, chegariam em segurança ao lar eterno.

Tenho pensado no quanto essa visão é atual, no quanto sua mensagem é verdadeira para nós hoje. Muitas vezes, não teremos respostas imediatas para os nossos desapontamentos, mas Jesus continua nos dizendo para olhar um pouco mais para cima. Além do mais, enquanto avançamos em nossa viagem rumo ao Céu, a tendência é que esse caminho se torne cada vez mais estreito. E qual será a nossa escolha? Percebo que alguns dos meus amigos têm escolhido andar pelo caminho mais largo, porque parece mais fácil. Mas, como Ellen viu na visão, para estes a luz se apaga, e eles acabam se perdendo na escuridão. Não é para menos que Jesus disse que Ele é a luz do mundo, e o caminho, a verdade e a vida!

Em minhas pesquisas, descobri que essa foi a primeira de aproximadamente 2 mil visões que Ellen recebeu durante os 70 anos como mensageira do Senhor. Alegro-me porque a luz continua brilhando diante dos filhos de Deus. Apesar de estreito e difícil, o caminho é seguro porque está iluminado por Jesus.

Fiquei muito feliz com sua decisão de ir para o Emmanuel Missionary College. Acho que Deus está sorrindo para você! Quando mesmo você disse que será o casamento do Roger? Eles vão se casar em Battle Creek ou na cidade de Mary? Espero poder encontrá-lo nessa ocasião. Fique bem e até a próxima!

Anna Beatrice

Capítulo 13
A Cadeira Vazia

As férias acabaram... Hora de voltar à escola. Eu me sentia privilegiada por estudar num ambiente agradável, com bons professores e a excelente companhia das minhas colegas.

Quando a Sra. Bridget entrou na sala de aula naquela manhã, nos cumprimentou com um largo sorriso. As carteiras estavam quase todas ocupadas e isso era um bom sinal! Olhei ao redor, procurando novamente Alissa. Tínhamos estudado juntas nos últimos quatro anos e éramos bastante amigas. Sabia que ela havia ido passar as férias com os avós, numa fazenda ao sul de Oakland, mas estranhei a ausência dela logo no primeiro dia de aula. Alissa sempre fora muito aplicada aos estudos. "O que poderia ter acontecido?" Ninguém na classe tinha notícias dela.

No intervalo das aulas, vi o pai de Alissa, o Sr. Adrian, conversando com a professora. Ele estava com um semblante abatido e triste. Aproximei-me a tempo de ouvi-lo dizer: "O médico disse que o caso é grave, porque a febre não tem abaixado..."

– Com licença, Sr. Adrian – eu disse baixinho, tentando não parecer mal-educada. – Houve algum problema? Por que Alissa não veio à escola?

O homem alto, com bigode escuro e pele clara, voltou-se para mim. Logo ele me reconheceu.

– Olá, Anna Beatrice – a voz dele pareceu embargada –, eu estava justamente falando para a Sra. Bridget que Alissa não voltou muito bem da casa dos meus pais. Ela tem sentido falta de ar e dor no peito. Além do mais, a febre está alta, e a tosse tem piorado sua condição. – Ele respirou profundamente. Fechou os olhos por um instante e então os abriu devagar. – Por favor, ore por ela, Anna. Os médicos estão fazendo o que podem, mas o tratamento não está produzindo efeito.

– Sim, vou orar por ela... – respondi. – Também posso fazer uma visita?

– Pode, sim! Tenho certeza de que Alissa ficará muito feliz em ver você. Quem sabe isso a ajude a ficar um pouco mais animada?

Combinei que falaria com meus pais e iríamos à casa do Sr. Adrian.

Quase não consegui me concentrar nas outras aulas naquele primeiro dia. Só ficava pensando em Alissa. Quando voltei para casa, contei para minha mãe a conversa com o Sr. Adrian. Ela percebeu minha preocupação e se dispôs a me acompanhar na visita assim que papai chegasse.

Fiz meus deveres escolares e ajudei no preparo do jantar. Quando papai chegou, estava tudo pronto e em ordem. Eu estava tão ansiosa para ver Alissa que nem percebi o quanto estava comendo rápido.

– Seu pai vai nos levar de charrete, Anna – mamãe fez um carinho na minha mão que estava sobre a mesa. Então, ela se dirigiu ao papai: – Você sabe, Alberto, se os médicos já descobriram o que Alissa tem?

– Ouvi um comentário no escritório de que a suspeita é pneumonia... – papai falou com uma expressão triste. Então, limpou a boca com o guardanapo e se levantou da mesa para preparar a charrete e o cavalo.

Levamos uns 20 minutos para chegar à casa de Alissa. A Sra. Marta nos recebeu, e o Sr. Adrian ajudou o papai a "estacionar" a charrete ao lado de uma árvore com grandes galhos verdes.

Fomos conduzidos ao quarto de Alissa. Assim que nos viu, ela se sentou na cama enquanto sua mãe acomodava os travesseiros em suas costas.

– Oi, Anna... – ela disse tentando esboçar um sorriso. Tentou falar mais, porém a tosse a impediu de continuar.

– Querida, procure não se esforçar – a Sra. Marta a aconselhou. Olhando para nós, ela explicou que Alissa estava sentindo muita dor no peito, e a tosse piorava quando ela falava.

Em determinado momento, mamãe e a Sra. Marta foram até a sala, onde estavam o papai, o Sr. Adrian e o pequeno Richard, com apenas quatro anos de idade. Eu fiquei no quarto, fazendo companhia a Alissa. Relatei como havia sido o primeiro dia de aula e como a professora Bridget era atenciosa e bonita. Ela apenas sorriu. Pude entender o que se passava em sua mente: Será que ela voltaria logo à escola? Será que conheceria a nova professora?

Como Alissa não podia falar muito, tentei distraí-la contando sobre os livros que eu havia começado a ler depois da campal de Richmond. Também falei do Gary e das correspondências que estávamos trocando um com o outro. Minha amiga ouvia tudo com atenção. De vez em quando, pegava o copo que estava à cabeceira da cama e sorvia uns goles de água aos poucos. Numa das poucas frases que ela conseguiu falar sem se sentir tão cansada, mencionou que seus pais haviam decidido levá-la para o Hospital de Loma Linda para receber

tratamento.

– Que ótimo! – eu disse demonstrando entusiasmo. – Ouvi dizer que é um excelente hospital. Além do mais, lá também funciona uma conceituada escola médica. Parece que a noiva de Roger está terminando o curso de enfermagem lá.

Conversamos um pouco mais, até que a Sra. Marta entrou no quarto para oferecer-me um pedaço de torta de maçã que estava sendo servida na sala. Entendi que era hora de deixar Alissa descansar. Com um abraço leve, me despedi de minha amiga e lhe disse que estaria orando para que tudo corresse bem em Loma Linda.

Poucos minutos depois, mamãe, papai e eu estávamos fazendo nosso caminho de volta.

– Existem grandes chances de que Alissa se recupere... – mamãe disse. – Loma Linda se tornou referência quanto ao tratamento de várias doenças, entre elas a pneumonia.

– Vocês sabiam que o prédio do hospital de Loma Linda foi construído originalmente para ser um hotel de luxo? – Papai conseguiu atrair nossa atenção. – Graças à coragem e ao conselho da Sra. White, os administradores da Associação do Sul da Califórnia fizeram a compra da propriedade, mesmo sem ter os recursos. No entanto, Deus providenciou o dinheiro para efetuar todos os pagamentos, conforme ela disse que aconteceria. O dinheiro para o pagamento da primeira parcela chegou na última hora, quando ninguém mais acreditava que seria possível cumprir o compromisso, a não ser Ellen White. O carteiro entregou uma carta com o valor exato do pagamento. Foi um passo de fé, mas foi apenas uma das muitas situações em que o tempo mostrou que valeu a pena confiar no conselho de alguém que recebia do próprio Deus a orientação quanto ao que fazer. Em visão, o Senhor havia mostrado à Sra. White que aquele era o lugar que a igreja devia adquirir. Todas as vezes em que seus conselhos foram seguidos, a igreja e suas instituições prosperaram, e muitas pessoas tiveram a vida transformada.

– É verdade, papai! – eu disse com carinho na voz. – Ela foi uma mulher muito corajosa e perseverante. Era uma verdadeira amiga de Deus, que conhecia Sua voz e sempre estava disposta a fazer o que Ele ordenava. Acho que eu não teria nem metade da coragem que ela teve... Só mesmo se Deus me capacitasse.

Mamãe sorriu diante do que eu disse. Ela sempre dizia que admirava minha coragem e persistência. Acho que por isso eu me identificava tanto com a Sra. Ellen.

– Ao ver Alissa com a saúde tão abalada – mamãe comentou –, me lembrei do

que a própria Ellen passou, ao enfrentar a tuberculose e outras doenças que a acompanharam durante seu ministério. Mas, pior ainda do que as dores e os sofrimentos causados pelas doenças, foi a tristeza que ela sentiu como mãe ao ter que sepultar dois de seus filhos.

Pensei nas palavras de mamãe. Ela sabia do que estava falando. Era um assunto pouco comentado em casa, mas, dois anos antes do meu nascimento, minha mãe havia perdido um bebê com apenas alguns dias de vida. Meu irmão mais velho se chamava Daniel. Apesar de ter acontecido fazia mais de dezessete anos, essa dor estava escondida no coração de mamãe.

– Imagino que deve ter sido muito difícil para a Sra. Ellen passar pela experiência de perder dois de seus queridos filhos – abaixei a cabeça e também o tom da minha voz. – Eu me lembro de ter lido, acho que no livro *Spiritual Gifts*, v. 2, que o filhinho mais novo, que se chamava John Herbert, morreu com apenas três meses de vida, de erisipela. Ellen tinha 33 anos e sofreu muito com a perda de seu bebê. Ela diz, no livro, que chegou a desmaiar no funeral. Depois de três anos, ela perdeu também o filho mais velho, Henry, seu "doce cantor", como Ellen gostava de se referir a ele. Dá para imaginar isso? – perguntei olhando bem nos olhos de meus pais. – Henry era apenas um ano mais velho do que eu! Com 16 anos, pegou um resfriado, que se transformou em pneumonia. Mas ele não teve a mesma sorte que Alissa, que certamente receberá tratamento adequado em Loma Linda. Tudo indica que os remédios que se usavam na época, só serviram para piorar o quadro de saúde do rapaz. O que impressiona é que, antes de o filho morrer, Tiago e Ellen White conversaram abertamente com ele sobre a morte. O rapaz então confessou seus pecados e se apegou à promessa da ressurreição por ocasião da volta de Jesus. Pediu para ser enterrado com o irmãozinho, em Battle Creek... – Fiz uma pausa para conter minha emoção. Então continuei: – Porque queria estar junto com ele quando acordassem na manhã da ressurreição.

– Isso revela a maturidade do garoto – papai observou.

– Acho que isso prova o quanto Ellen foi uma boa mãe – mamãe acrescentou. – Ela teve que passar muito tempo viajando, mas sempre foi uma mãe zelosa e dedicada aos filhos. Li que, quando estava fora de casa, ela não deixava de escrever para os meninos, dizendo o quanto os amava e o quanto era importante que eles também colaborassem, pois estavam todos envolvidos na obra do Senhor. Ela considerava os filhos sua prioridade máxima. Preocupava-se com o crescimento espiritual deles. Com certeza, eles devem ter aprendido com ela a desenvolver uma amizade íntima e pessoal com Jesus.

– Isso é tão verdade, mamãe, que sabe o que Henry disse para ela nos momentos finais de sua vida?

Minha mãe balançou a cabeça negativamente, e eu respondi:

– Ele disse que encontraria a mãe no Céu, na manhã da ressurreição, pois tinha certeza de que ela estaria ali. Depois disso, ele chamou os pais, irmãos e amigos e se despediu deles com um beijo. Suas últimas palavras foram: “O Céu é doce!”

Todos nós estávamos emocionados. Foi com esse sentimento que chegamos em casa. Papai colocou o cavalo no estábulo e guardou a charrete. Mamãe e eu fomos até a cozinha, onde ela começou a preparar um suco com hortelã. Quando o aroma da bebida encheu o ar, papai entrou e sentou-se à mesa conosco.

– Se não estou enganado – disse ele –, o livrinho *An Appeal to the Youth* [Apelo aos Jovens] contém o sermão feito por Urias Smith na cerimônia fúnebre de Henry.

– Sim, papai – eu confirmei. – É isso mesmo. Já li esse livro e, além do sermão, há uma pequena biografia dele e várias cartas que a Sra. Ellen havia enviado para Henry e seus irmãos, principalmente nos períodos em que ela estava viajando a serviço da igreja.

– Agora dá para entender por que Henry sentiu tanta paz e confiança mesmo à beira da morte – mamãe comentou enquanto tomava o último gole do suco.

Já estava tarde, e chegara o momento de nos recolhermos. Beijei meus pais e fui para meu quarto. Não conseguia apagar da mente a imagem de Alissa. Tão pálida, mas tão esperançosa... Orei para que Deus cuidasse dela e não permitisse que sua cadeira continuasse vazia em nossa classe na escola.

Capítulo 14
Uma Questão de Saúde

Dois dias depois de nossa visita a Alissa, ela foi levada para Loma Linda. Soube que ela seria submetida a um tratamento intensivo para a cura da pneumonia, incluindo hidroterapia.

Graças à luz concedida à Sra. Ellen sobre os princípios de saúde, ainda no início do seu trabalho como mensageira do Senhor, muitos hábitos nocivos já haviam sido corrigidos. Por volta de 1848, por exemplo, foram mostrados a ela os malefícios do uso do fumo e do café. O asseio pessoal e a limpeza dos ambientes também eram aconselhados aos que professavam ser seguidores de Cristo. Quanto ao cuidado com a alimentação, Ellen não apenas pregava e escrevia sobre isso, mas também colocava em prática em sua vida os conselhos dados por Deus. A propósito, uma das características importantes dessa mulher inspirada é que ela só dava conselhos, não importava a área, depois que ela mesma os houvesse praticado. Era coerente em tudo o que dizia e fazia.

Eu havia lido que, em 5 de junho de 1863, no mesmo ano em que aconteceu a primeira reunião da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen recebeu uma visão muito especial sobre a mensagem de saúde. Ela e o marido estavam participando de um culto em Michigan, na casa do irmão Hilliard, numa sexta-feira à noite. Alguém havia lido um capítulo da Bíblia e, em seguida, pediram que Ellen fizesse a oração. Enquanto orava, ela recebeu a visão, que era bem abrangente. Entre os conselhos estava o uso do ar puro, água abundante (por dentro e por fora), luz solar e exercício físico como remédios naturais. (Posteriormente, foram acrescentados o repouso adequado, temperança, alimentação saudável e confiança no poder de Deus.) Nessa ocasião também foi mostrado a ela que o uso de algumas drogas comuns na época era extremamente prejudicial à saúde. Sabe que tipo de drogas eram essas? Estricnina, ópio, mercúrio, calomelano e quinino. Hoje, já se sabe que, em vez de remédio, elas são na verdade veneno.

Todas as instituições médicas dos adventistas praticam os princípios de saúde. Por isso, Alissa estava em boas mãos.

Eu me ofereci para anotar as matérias dadas na classe e passar para ela. Assim haveria menos prejuízo no aprendizado. Alissa era uma garota muito inteligente e conseguiria acompanhar os estudos, sem problema.

Intercalava meu tempo livre entre passar a limpo as anotações de Alissa, fazer meus deveres, ler meus preciosos livros e manter correspondência com Gary. Em suas cartas, eu percebia que ele estava cada vez mais entusiasmado com os estudos no Emmanuel Missionary College. Estava se preparando para ser um pastor e servir à igreja em tempo integral.

Assim o tempo foi passando... Depois de quase um mês em Loma Linda, Alissa voltou para Oakland. Estava totalmente curada! Era possível ver a saúde estampada em seu rosto. A respiração estava perfeita. Os pulmões, livres de qualquer secreção ou infecção. Não havia vestígio de tosse.

– Alissa... – eu a abracei com vontade, quando ela foi à minha casa buscar as anotações da escola. – Você está com uma ótima aparência!

Ela retribuiu o abraço. Estava tão feliz! Então, me contou como o tratamento que foi aplicado a ela no hospital de Loma Linda havia salvado sua vida.

Não pude me conter e falei o quanto a Sra. Ellen tinha sido responsável também pela fundação das maravilhosas instituições de saúde. Ela chegara até mesmo a fazer empréstimos particulares para a compra de algumas delas.

Alissa falou das deliciosas refeições servidas no hospital, especialmente os cereais de milho, criados pelo Dr. John Harvey Kellogg.

– É uma pena que um homem com tantos talentos tenha desprezado os conselhos da Sra. Ellen e se afastado dos caminhos de Deus por orgulho... – Alissa lamentou.

Concordei com minha amiga.

– Você sabia, Alissa, que o Dr. Kellogg tinha sido como um filho para Tiago e Ellen White? – Sem dar tempo para a resposta de minha (agora saudável) amiga, continuei: – Fora o casal White que havia ajudado a pagar seu curso de medicina. Quanto à questão da mensagem de saúde, ele agia de forma corretíssima e foi um importante aliado da Sra. Ellen. Mas, no início dos anos 1900, ele começou a defender teorias estranhas, que quase dividiram a liderança da igreja. E a Sra. Ellen teve que se posicionar contra essas ideias.

– Acho que já ouvi alguma coisa a respeito – Alissa disse com disposição. – Parece que ele chegou a escrever um livro com essas ideias, não é?

– É. O nome do livro era *The Living Temple* [Templo Vivo], no qual Kellogg defendia o panteísmo. Sabe, aquela teoria de que Deus não é um ser pessoal, mas sim uma misteriosa essência que está em tudo, incluindo os elementos da

natureza. Para ele, Deus é a própria natureza.

– Não dá para entender como alguém com a capacidade dele e tão dedicado em defender os princípios de saúde, pode ter se deixado levar por essas ideias e ainda não seguir os conselhos de alguém que tinha amor de mãe por ele – Alissa disse enquanto ajeitava os longos cabelos escuros num coque, para deixar a nuca livre por conta do calor.

– Amiga, creio que isso causou muita tristeza à Sra. White. Ela tentou de todas as maneiras fazer com que ele enxergasse seu erro, mas o orgulho o impediu de voltar atrás. Além do mais, ele se ressentiu, achando que ela estava apoiando os pastores que não seguiam totalmente a mensagem de saúde. E que ela estava se deixando influenciar por eles. A Sra. Ellen não estava presente no concílio em que o livro dele foi apresentado, mas ela tinha escrito uma longa carta, de sete páginas, ao pastor Daniells, que era o presidente da Associação Geral naquela época, declarando as razões para que o livro não fosse aprovado, entre elas que se tratava de uma armadilha preparada pelo inimigo. Mas veja o detalhe... – Fiz uma pausa para dar um ar de suspense. – A carta chegou exatamente no momento certo, quando o pastor Daniells mais precisava de orientação – nem antes nem depois. A mensagem da Sra. Ellen foi lida no concílio, e ninguém mais teve dúvidas do que devia ser feito. Aquela era uma das sementes do erro que o inimigo queria espalhar; portanto, o livro foi recusado.

Alissa estava absorta, ouvindo com atenção o que eu dizia.

– Depois que o pastor Daniells escreveu para a Sra. Ellen, agradecendo sua carta que chegara no tempo certo, ela lhe contou o que havia acontecido. Por várias noites, disse ela, não conseguira dormir. Parecia que um fardo estava sobre ela. Então, numa noite, foi-lhe apresentada uma cena em que um navio estava envolto em densa cerração. De repente, o vigia gritou que havia um *iceberg* à frente. Alguém com autoridade disse que eles deviam enfrentá-lo. Rapidamente todos se empenharam para que o navio atingisse com toda a força o gigantesco bloco de gelo. A pancada foi violenta, mas o *iceberg* se desfez em vários pedaços, e o navio pôde prosseguir. Houve apenas leves estragos, mas nada que não pudesse ser consertado. O navio se refez da colisão e seguiu seu caminho.

– Uau! – exclamou Alissa. – O Dr. Kellogg era o *iceberg*?

Levantei os ombros.

– Pode ser, ou então a influência dele, quem sabe... Sua luta deixou de ser pela mensagem de saúde para se tornar uma disputa pelo poder. Lamentavelmente, depois de um tempo ele abandonou completamente a Igreja Adventista e ainda

se tornou um crítico da senhora Ellen.

– No hospital de Loma Linda – disse Alissa –, aprendi que precisamos mudar alguns hábitos em nossa vida por uma questão de saúde. E creio que a Sra. Ellen foi uma das pessoas que mais demonstraram bom senso em suas orientações para um viver saudável.

– Sim, Alissa – eu concordei. – E, sabe, a Sra. Ellen entendeu a importância dessa questão e a relacionou até mesmo com o tema do grande conflito.

Minha amiga olhou para mim, assustada.

– Como assim?

– Sei que parece estranho, mas faz sentido – respondi. – Deixe eu lhe mostrar. – Fui até a estante e peguei um folheto com uma explicação bastante interessante. – Veja, um dos princípios do tema do grande conflito é que somos responsáveis por nossas escolhas. O que está envolvido na batalha entre o bem e o mal? Exatamente de que lado vamos escolher ficar. A mensagem de saúde é tão importante quanto as demais mensagens que nos caracterizam como o povo que tem uma responsabilidade especial nos últimos dias. Se temos um estilo de vida saudável, nossa mente também estará mais aberta para assimilar as verdades que Deus deseja que coloquemos em prática.

– Ah, agora entendi... – O sinal de interrogação se desfez do rosto de Alissa. – Se nossa mente estiver mais clara, poderemos ter uma percepção melhor daquilo que Deus deseja nos comunicar e poderemos escolher sempre o lado certo, o lado de Jesus, onde encontramos a salvação!

Conversamos mais um pouco e depois entreguei as anotações das aulas para Alissa. Ela ficou muito agradecida, não só pelo favor, mas pela agradável tarde que passamos juntas. Que bom que, no dia seguinte, a sala de aula estava completa novamente!

“Nossa posição diante de Deus depende não da quantidade de luz que temos recebido, mas do uso que fazemos da que possuímos.”

Ellen G. White

Capítulo 15
O Amor Está no Ar

As coisas entraram novamente nos eixos. Alissa, totalmente recuperada, logo pôde retornar à escola e nós louvamos a Deus pela restauração de minha amiga. A cada dia, ela se sentia melhor. Não perdia a oportunidade de falar para as pessoas a respeito do tratamento que recebera no hospital de Loma Linda e o quanto ir para lá a havia ajudado a entender a importância de desenvolver hábitos saudáveis para prevenir doenças e manter a saúde.

Agora eu tinha um pouco mais de tempo livre e aproveitei para colocar em dia minhas correspondências com Gary. Coincidentemente, quando ele mencionou que o casamento de Roger aconteceria em breve, fazia pouco tempo que eu havia lido sobre o casamento de Ellen e Tiago White. Achei que seria interessante escrever para ele contando alguns detalhes de como Deus havia unido o casal de pioneiros. Não sou do tipo romântica, mas aprecio uma boa história de amor. No caso de Tiago e Ellen, foi impressionante como Deus os uniu e como um completou a vida do outro. Costumavam dizer que Ellen era a evangelizadora e Tiago, o organizador. Formavam uma equipe perfeita no trabalho de espalhar a mensagem que Deus lhes confiara.

Quando ouviu pela primeira vez a jovem Ellen falar em público, Tiago reconheceu que ela era uma serva de Deus. Nem por um momento, ele duvidou de que Deus a havia escolhido como Sua mensageira. Por sua vez, Deus mostrou a Ellen que Tiago era uma pessoa sensata e confiável. Depois da primeira visão e da ordem que Ellen recebera de Deus para contar às pessoas sobre o que vira, Tiago passou a acompanhá-la. Justamente para evitar comentários maldosos, Ellen nunca saía sozinha com Tiago. As viagens sempre eram feitas na companhia de Sara, sua irmã mais velha, e de outras amigas fiéis. Tiago costumava conduzir o trenó ou a charrete, dependendo do clima. Ele fazia os arranjos para as reuniões, ajudava com a bagagem e ainda protegia Ellen para que nenhum mal lhe acontecesse. Sua presença representava uma grande ajuda. Ainda assim, os mexeriqueiros de plantão fizeram seu trabalho, e a mãe de Ellen ficou tão preocupada com as fofocas que mandou um recado para a filha pedindo

que ela voltasse para casa.

Tiago era um homem íntegro, de caráter, e sabia que algo tinha que ser feito.

Descrevi na carta para Gary como foi o pedido de casamento que Tiago fez a Ellen. Se bem que acho que foi mais uma proposta do que um pedido. Foi mais ou menos assim:

Tiago procurou Ellen e fez um breve discurso. Ele lhe disse: "Sabe, Ellen, por causa desses comentários, vou ter que me afastar de você por um tempo. Talvez você consiga se arranjar de alguma outra maneira. Ou, então, devemos nos casar."

Simples assim... Fico imaginando a surpresa e talvez o sorriso velado no rosto da jovem Ellen, que a essa altura estava com 18 anos. Tiago era seis anos mais velho do que ela. Penso que eles já deviam ter se afeiçoado um ao outro, pois haviam passado praticamente um ano nessa rotina de viajar para que Ellen desse o testemunho da visão às pessoas. Acho que, no íntimo, Tiago não estava querendo muito entregar Ellen aos cuidados de outra pessoa. Por sua vez, ela já sentia tanta confiança nele que não se importaria de passar mais tempo com ele. Algo que li e achei muito bonito foi que eles levaram o assunto primeiramente ao Senhor e só deram esse passo de se tornarem companheiros de vida depois de terem a aprovação divina.

No dia 30 de agosto de 1846, Tiago Springer White recebeu a senhorita Ellen Gould Harmon como sua legítima esposa, na cidade de Portland, Maine. Ela passou a assinar Ellen G. White. Como toda garota de minha idade, fiquei curiosa quanto aos detalhes da cerimônia de casamento deles. Procurei em todas as minhas referências, mas tudo o que encontrei foi uma foto da certidão de casamento, assinada pelo juiz de paz Charles Harding. Tudo indica que houve apenas a cerimônia do casamento civil. Nada de vestido de noiva pomposo, nada de buquê, nada de igrejinha branca...

Os recém-casados eram muito pobres e nem mesmo tinham uma casinha deles mesmos para morar. Assim que se casaram, foram morar com os pais de Ellen em Gorham, Maine. Na verdade, demorou algum tempo para que eles tivessem um lar fixo, pois passavam a maior parte do tempo viajando e pregando onde quer que fossem convidados.

Chamei a atenção de Gary para um detalhe: Tiago e Ellen White começaram a guardar o sábado somente depois que leram um folheto do capitão José Bates sobre a questão. Chama-se *The Seventh Day Sabbath, A Perpetual Sign* [O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo], e tinha 46 páginas. Cerca de seis meses depois, em abril de 1847, enquanto estavam reunidos num sábado na casa

de amigos, Ellen recebeu uma visão na qual viu a lei de Deus dentro do santuário celestial. Em volta do quarto mandamento havia uma luz que o destacava. Isso confirmou a importância da guarda do sábado ainda no início do movimento adventista. Agora eles pregavam sobre a volta de Jesus e também sobre o sábado.

Além de ser uma mãe cuidadosa, Ellen era uma esposa amorosa, companheira e leal. Escrevi assim para o Gary:

> *Perdi as contas de quantas cartas e bilhetes encontrei em minhas referências que foram escritos por ela a seus filhos e a Tiago White. Havia um bilhete muito carinhoso que ela tinha escrito apenas dois dias depois que ele partira para uma viagem. Dizia que ela e os meninos já estavam sentindo falta dele, especialmente dos momentos em que se reuniam em volta da lareira à noite e à mesa das refeições. Que bonitinho!*
>
> *Ela conta que uma vez recebeu um cartão-postal dele com as breves palavras: "Battle Creek, 11 de abril. Faz dois dias que não recebo uma carta sua. Tiago White." Isso demonstra que, mesmo em viagem, eles não perdiam o contato um com o outro.*
>
> *Eles se davam muito bem. Mas, como todo casal, também tiveram alguns pequenos pontos de divergência. No entanto, nunca permitiram que qualquer questão os afastasse um do outro nem do dever que sobre eles repousava.*
>
> *Numa das cartas, Ellen pedia perdão por ter dito ou escrito algo que tivesse magoado o marido. Não era raro ela se desculpar. Quando errava, sempre manifestava seu desejo de ser semelhante a Jesus e refletir Sua imagem.*

Também relembrei a Gary como Ellen, depois de receber uma visão, havia incentivado o marido a começar a publicação de um pequeno jornal, que foi chamado de *The Present Truth* [A Verdade Presente]. Ele começaria pequeno, mas cresceria e se tornaria como torrentes de luz circundando o mundo. Foi inevitável não pensar em nossas grandes e modernas editoras. A profecia havia se cumprido, e às vezes eu ficava imaginando quanto mais longe a literatura adventista ainda chegaria.

Foi um começo difícil, porque, além da falta de experiência nessa área, não havia recursos financeiros. Foi com muito sacrifício que conseguiram o dinheiro para pagar a impressão da primeira edição do jornal, que foi de mil exemplares. Com a bênção de Deus, o material foi distribuído e assim teve início a obra

permanente de publicações, em julho de 1849. Fiquei surpresa ao ler que, alguns dias depois, Ellen deu à luz seu segundo filho, Tiago Edson. Não bastassem todas as dificuldades, ela ainda estava grávida. Mas nada impediu que o casal White prosseguisse com o sonho de espalhar a mensagem como folhas de outono.

Deus nunca deixou faltar os recursos e, pela fé, eles avançaram. Depois de um tempo, Tiago alugou uma casa velha em Rochester, onde passou a funcionar a gráfica, que também era a residência dos funcionários e da família White. Naquele tempo, o trabalho era quase todo artesanal. A costura, o corte e o endereçamento eram feitos à mão. Não havia nem mesmo guilhotina, e o refilamento das margens era feito com canivete por Urias Smith.

Quando penso nesse começo tão humilde e nas facilidades que temos para produzir a riqueza de materiais hoje, em 1915, fico emocionada... Que privilégio ter tantos livros disponíveis com a mensagem da salvação! Isso foi possível graças a homens e mulheres que acreditaram nos planos de Deus e dedicaram a vida para que eles se realizassem.

Concluí a carta, escrevendo o seguinte:

Prezado amigo, acho que Ellen e Tiago White não tiveram um casamento perfeito, porque eles não eram perfeitos. Eram seres humanos sujeitos a falhas, como todos nós. Mas é bonito perceber que eles se completavam. Fica claro que Deus os uniu e dirigiu a vida deles para que ambos cumprissem sua missão.

Foram casados durante 35 anos, e então Ellen perdeu seu companheiro para a morte. Os longos anos de excessivo trabalho mental e físico cobraram sua conta. A saúde de Tiago também havia se tornado frágil. No dia 6 de agosto de 1881, depois de uma vida inteira de dedicação à obra de Deus, o pastor Tiago descansou aos 60 anos. Ele foi sepultado no cemitério Oak Hill, em Battle Creek. Ellen teve que prosseguir sozinha... Mas Deus a amparou em cada momento. Muitas vezes ela se sentiu solitária, mas não desanimada. Sabia que haveria uma recompensa no fim e valeria a pena lutar por ela. Jesus estava ao seu lado, e ela precisava continuar.

Veja o que ela disse a respeito do marido: "Embora esteja morto, sinto que ele é o melhor homem que já pôs os pés em sapatos de couro." Por sua vez, Tiago costumava se referir a Ellen como seu "diadema de júbilo".

Espero que Roger e Mary tomem o casal White como exemplo. O casamento deles está bem próximo agora, não é? Aprendi uma lição

importante: A escolha do companheiro de vida é um assunto que deve ser levado a Deus. Só Ele pode nos orientar para que tenhamos, como Ellen White diria, não apenas o que é bom, mas o melhor!

Capítulo 16
Purificados Pelo Fogo

Em menos de duas semanas, recebi uma carta de Gary. Ele agradeceu as últimas informações que lhe dei a respeito da Sra. Ellen e me disse que tinha uma surpresa para mim. Mas ele só me revelaria quando nos encontrássemos no casamento de Roger, que estava previsto para dali a três meses. O comunicado oficial deveria chegar em breve, pois a data da cerimônia já tinha sido escolhida: 6 de fevereiro de 1916.

Entre outras coisas, ele me contou que não sabia muito bem como andavam os preparativos porque, além de estar um pouco distante de sua família, em Berrien Springs, o casamento aconteceria em Riverside, o lugar em que morava a família da noiva.

"Ainda bem que vai ser em Riverside", pensei. Eu estava torcendo para ser na cidade dos pais de Mary, porque seria mais fácil convencer meu pai a ir. Pelo menos, ficava na Califórnia... Além do mais, poderíamos aproveitar e fazer uma visita à tia Glenda. Ela morava em Bakersfield, que ficava no caminho para Riverside. Dessa forma, a viagem não se tornaria tão cansativa. Quando encontrasse um momento apropriado, eu daria a sugestão para meus pais. Não queria perder nem mais um minuto para continuar lendo a carta de Gary.

"Para que você não se sinta tão ansiosa até lá", escreveu ele, "estou lhe enviando a pesquisa sobre o trabalho da Sra. Ellen em Battle Creek. Creio que as informações a ajudarão a entender o cenário em que ela e o marido estiveram inseridos e como a obra que eles realizaram em minha cidade natal foi de grande importância. Você também vai perceber como foram trágicas as consequências colhidas pelos líderes da igreja quando não deram a atenção necessária aos conselhos da Sra. Ellen quanto aos procedimentos de nossas instituições em Battle Creek. Mas isso você vai descobrir por si mesma quando ler as quatro longas páginas anexas. Espero ter correspondido às suas expectativas, estimada amiga."

Peguei as folhas de papel fino e conferi o número das páginas. Como o inverno já dava seus primeiros sinais, e o dia estava bem fresco, peguei no armário uma

manta leve para colocar sobre meu colo. Sentei-me na confortável poltrona que ficava no escritório do papai e cobri meus pés com o tecido macio. Então comecei a leitura. Era notável o capricho de Gary em sua escrita.

Querida Anna Beatrice,

Cumprindo minha parte, apresento-lhe as informações referentes ao período em que o casal White viveu em Battle Creek, bem como o relato dos acontecimentos que tiveram lugar num passado não muito distante e que modificaram completamente a história de minha singela cidade.

Vou tomar como ponto de partida, a mudança da gráfica da casa alugada em Rochester, Nova York , para Battle Creek em novembro de 1855. Apesar das dificuldades para manter a impressão do periódico The Present Truth, a equipe coordenada por Tiago e Ellen White avançava pela fé. Ellen ficou tão animada com a mudança para Battle Creek, que se referiu a esse período como o tempo em que o Senhor começou a mudar a sorte deles. A começar pelas instalações da gráfica, que agora funcionariam numa pequena casa construída pelos amigos que apoiavam o trabalho ali. Ficava na esquina sudeste das ruas Washington e Principal, na extremidade oeste da cidade.

Além de proprietário, Tiago passou a ser também o administrador da humilde editora. Uma associação foi formada para dividir com ele o pesado fardo. A mudança fez bem a todos. Os funcionários estavam felizes e, pela primeira vez, em alguns anos, puderam receber salário regular e alugar seus próprios quartos. A família White, composta por Tiago, Ellen e os três filhos: Henry (8 anos), Edson (6 anos) e Willie (com apenas 1 ano e 6 meses), mais as duas moças que ajudavam em casa, Clarissa Bonfoey e Jennie Fraser, puderam finalmente ter um lar. Não precisavam mais dividir o espaço da casa com o prelo, nem com as acomodações de toda a equipe de funcionários. No começo, moraram num chalezinho alugado. Mas depois conseguiram comprar dois lotes na Rua Wood, onde construíram a casa na qual moraram por seis anos.

Cabe aqui um detalhe sobre a Sra. Ellen que acho que você vai gostar de saber. Diz respeito à criatividade e à economia que sempre a caracterizavam. Eles moravam numa casa nova, mas o dinheiro era escasso e faltavam algumas mobílias e acessórios. Por exemplo, só havia tapetes na sala de estar, no andar inferior e no quarto da frente do andar superior. O chão da cozinha tinha apenas duas camadas de tinta marrom. E o chão dos outros cômodos não tinha tapete nem pintura. E aqui surge a surpresa:

Quando não estava viajando ou escrevendo, a Sra. Ellen gostava de se distrair trançando e costurando tapetes de tiras. Possivelmente ela aprendeu essa arte com a mãe, Eunice, pois duas de suas outras irmãs também faziam os tais tapetes.

Olhei para o chão do escritório e contemplei um tapete de tiras coloridas que vovó havia feito e dado de presente à mamãe no inverno passado. Imaginei a Sra. Ellen sentada tranquilamente fazendo tapetinhos de tiras. Mais uma informação que me fez admirar ainda mais a mãe de Ellen também. Eu já havia lido que Ellen apreciava cuidar do jardim na época da primavera e do verão, e esse era também um passatempo que sua mãe amava. Acho que a mãe de Ellen foi uma bênção em sua vida e a influenciou de várias maneiras positivas.

Não pude deixar de rir quando li o parágrafo seguinte da carta. Gary mencionou que Tiago White não apreciava muito esse "dom artístico" da esposa, pois ele se preocupava com sua saúde e pensava que, em vez de tecer tapetes, ela devia descansar em seus raros momentos livres. Ele até chegou a compor um "hino", que dizia mais ou menos assim: "Quando Jesus voltar e nos levar ao Céu, lá não haverá tapete de retalhos, não haverá tapete de retalhos..." Mas tinha sido justamente com a venda daqueles tapetes que as despesas para um tratamento de saúde de Tiago puderam ser pagas algum tempo depois.

Gary descreveu com precisão como a Obra cresceu em Battle Creek nesse período, e como as três importantes instituições (Review and Herald, o Sanatório e o Colégio de Battle Creek) tinham sido estabelecidas em grande parte por causa das visões de Ellen e do talento de Tiago como organizador.

Acompanhei a narrativa emocionante de como, mesmo depois de ter se mudado de Battle Creek, a Sra. Ellen continuou se preocupando e aconselhando os que ali se encontravam. Como a comunidade de adventistas cresceu muito por conta das instituições, acabou havendo uma maior centralização de poder, o que provocou também a decadência espiritual na região. Diversas vezes, por volta de meados de 1880, a Sra. Ellen aconselhou que as instituições saíssem de Battle Creek. Apenas os administradores do Colégio deram ouvidos aos seus conselhos. Razão, inclusive, por que agora ele funciona em Berrien Springs. O Emmanuel Missionary College era exatamente o antigo Colégio de Battle Creek. Mas o Sanatório e a Review continuaram ali, contrariando os conselhos que foram dados por inspiração divina. Mesmo no período em que esteve na Austrália, a Sra. White continuou enviando cartas de advertência a Battle Creek.

Cruzando as informações que eu tinha sobre o desentendimento que surgiu por

causa das “novas” ideias do Dr. Kellogg com o período em que mais a Sra. Ellen alertou os líderes em Battle Creek, foi possível constatar que o Sanatório pegou fogo exatamente nesse tempo. Era óbvio que Deus estava profundamente triste com o que estava acontecendo ali. Havia pessoas muito capacitadas, mas que estavam mais inclinadas a fazer o que consideravam certo do que seguir o que a luz divina indicava.

Gary contou que no fim de 1901, quando Ellen G. White já havia regressado da Áustralia, depois de um período de nove anos fora, ela preparou um testemunho de advertência que foi apresentado numa reunião dos administradores da Review. Apesar de ter se tornado uma grande editora, com os equipamentos mais modernos de todo o estado do Michigan, a Review estava com dívidas. Por causa disso, aceitava imprimir trabalhos comerciais cujo conteúdo era prejudicial até mesmo ao passar pelas mãos dos funcionários. A carta era praticamente uma sentença. Ela dizia: “Tenho quase tido receio de abrir a *Review* [a revista oficial da igreja] e ler a notícia de que Deus purificou a editora pelo fogo.”

Foi muito triste ler que, um ano depois, em 30 de dezembro de 1902, a Review and Herald pegou fogo. A causa do incêndio não pôde ser detectada. Por ironia, naquele mesmo dia, como o seguro precisava ser renovado, o inspetor de incêndio tinha examinado a fiação e todas as outras fontes que poderiam representar risco e não havia encontrado nenhum problema. O relatório dizia que estava tudo em ordem. A origem do incêndio era óbvia: o desagrado de Deus.

O temor de Ellen White se tornou realidade. No dia seguinte, ela recebeu um telefonema do gerente da Pacific Press, a editora que fica na Califórnia, informando o ocorrido. A notícia não surpreendeu Ellen. Poucos dias antes, ela havia tido uma visão na qual vira uma espada de fogo sobre Battle Creek. A espada se voltava para uma direção e depois para a outra.

O Sanatório de Battle Creek pegara fogo em fevereiro, e a Review and Herald em dezembro do mesmo ano, em 1902.

Dessa vez, os líderes resolveram seguir os conselhos da Sra. White e descentralizaram as instituições. A Review and Herald e a sede da Associação Geral se mudaram para Takoma Park, Maryland. E foi construído também o Sanatório e o Hospital Washington.

O relatório de Gary terminava com as seguintes palavras:

Por que era tão seguro seguir os conselhos daquela senhora já idosa? Porque ela estava tão ligada a Deus que Ele transmitia Suas mensagens por

meio dela. Ellen White era a mensageira do Senhor.

Anna, creio que nunca foi tão apropriado para o nosso tempo o verso bíblico de 2 Crônicas 20:20: "Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas e prosperareis."

Não tive dúvidas de que Gary se tornaria um excelente ministro. E, por que não dizer, um escritor com um futuro promissor!

Capítulo 17
Vaso de Barro

Precisei me controlar muito para não insistir com Gary para que ele me revelasse a surpresa antes do tempo. Dizer para uma moça curiosa como eu que precisaria esperar era, de certa forma, um tipo de tortura. Às vezes, eu me pegava imaginando o que poderia ser. Nas outras correspondências que trocamos, tentei arrancar alguma dica dele, mas Gary sempre mudava de assunto e apenas me dizia que eu não me preocupasse tanto com isso e tivesse paciência. Ele só podia antecipar uma coisa: eu ia gostar muito! Para mim, isso foi como lenha na fogueira.

Lentamente, os dias foram passando e o fim de 1915 chegou. Tinha sido um ano especial. No auge dos meus 15 anos, o considerei o melhor da minha vida. Nunca tinha pensado que um acontecimento triste como a morte da Sra. Ellen poderia me despertar para descobrir coisas profundas e tão cheias de significado. Ler sobre a vida dessa mulher inspirada me deu uma nova visão do que significa servir a Deus. Também foi maravilhoso poder contar com Gary. Ele demonstrou ser um amigo de verdade e a "viagem" ao passado se tornou muito mais gostosa e divertida porque ele não só me acompanhou como ainda se envolveu com meus sonhos e colaborou para que eu não perdesse nenhum momento importante da trajetória da Sra. White.

Como Gary havia dito antes, no dia 20 de dezembro de 1915 chegou o convite oficial para o casamento de Roger, junto com um belo cartão de Natal da família MacPierson.

Meus pais ficaram animados com a ideia de viajarmos para Riverside e fizeram planos para irmos antes da data e passarmos pelo menos dois dias na casa da tia Glenda, em Bakersfield. Foi a oportunidade de conhecermos meu priminho recém-nascido. Tia Glenda era a irmã mais nova de mamãe e estava com um bebê de apenas quatro meses. Ela havia lhe dado o nome de Daniel, pois sabia o que isso significava para mamãe. Percebi o quanto minha mãe ficou emocionada com a homenagem. Ouvi quando as duas irmãs conversaram sobre a esperança da breve volta de Jesus. Mamãe disse que aguardava com ansiedade o

momento de receber dos braços de um anjo seu bebezinho, que cresceria e se tornaria um feliz membro do reino de Deus.

A parada na casa de tia Glenda foi essencial para recarregar as energias e nos recuperarmos do cansaço de passarmos tantas horas sentados no trem. Ainda havia um longo percurso até Riverside. Mas tudo correu bem. Fomos recebidos pela família do Sr. Hazel, um amigo de longa data do papai. Assim, pudemos nos recompor e nos preparar para assistir ao casamento. A propósito, mamãe estava muito elegante com seu vestido vermelho! Papai a encheu de elogios.

Chegamos meia hora antes do horário da cerimônia. A decoração estava incrível! Os corredores haviam sido enfeitados com delicadas flores do campo. Cada detalhe revelava o bom gosto e também a condição financeira dos pais de Mary. Mas meus olhos estavam mesmo atentos em observar outra cena. Vi quando Roger chegou com seus pais e a pequena Vicky e começou a cumprimentar os convidados. Fiquei intrigada... Onde estava Gary? Senti uma pontinha de tristeza. Será que ele não conseguira chegar a tempo? Discretamente, comecei a procurá-lo em volta. Enquanto estava virada para o corredor, senti uma mão tocar levemente meu ombro. Era ele! Acho que não consegui esconder minha alegria, pois meus olhos brilharam.

– Como vai a minha doce e curiosa amiga? – Gary estendeu a mão para me cumprimentar.

A ansiedade em vê-lo havia deixado minhas mãos frias. Por sua vez, a mão dele estava tão quentinha que senti o calor passar para a minha.

– Melhor agora – respondi com um sorriso franco. – Estava preocupada de ter que esperar mais alguns meses para saber qual é a surpresa do meu amigo “quase” pastor.

Gary sorriu e sentou-se ao meu lado. Ele me pareceu tão adulto. Estava usando um terno de corte impecável. Sobre o colarinho branco da camisa uma gravata discreta ajudava a compor o visual. Estávamos próximos e me perguntei se ele imaginava o que eu estava pensando. Ele apenas olhava para mim e sorria. Havia em suas mãos um envelope grande, feito de um material mais resistente do que papel comum. Tive a impressão de que aquele envelope tinha alguma coisa que ver com a surpresa preparada para mim.

A cerimônia começou no horário previsto e minha atenção logo foi atraída para a noiva. Havia algo diferente nela... Eu tinha imaginado que Mary iria exagerar nos enfeites do vestido. Mas, não! Ela escolhera um modelo simples e discreto, confeccionado com uma renda delicada, que lhe conferia um toque especial. Minha mãe comentou baixinho que o tempo em Loma Linda parecia ter feito

muito bem a Mary. Concordei.

Depois do sermão do pastor, dos votos dos noivos e da bênção final, os convidados foram conduzidos para um amplo salão em que foi servido o almoço. Gary pediu licença aos pais e foi sentar-se à nossa mesa.

– Que tal acabarmos com o mistério? – ele perguntou ao me entregar o tal envelope. – Pode abrir agora, se você quiser, é claro.

Segurei o envelope em minhas mãos e comecei a abri-lo bem devagar. Puxei o conteúdo. Eram várias folhas manuscritas, presas na lateral com uma fita vermelha. Na primeira folha, havia um título em destaque com letras quase que desenhadas: "Vaso de Barro". Logo abaixo, em letras menores: "Aparência frágil, Conteúdo valioso."

Arregalei os olhos e balancei a cabeça. Será que era o que eu estava pensando?

– Você fez um livro sobre Ellen G. White e deu esse título? – perguntei, ainda não acreditando no que estava vendo.

– Sim! – ele respondeu, deixando que seu sorriso revelasse os dentes brancos e perfeitamente alinhados.

Então, Gary me contou que outro dia estava assistindo a uma aula e o professor começou a falar do apóstolo Paulo e de como Deus o havia usado para realizar um importante trabalho entre os judeus; mas, especialmente, entre os gentios, como eram chamados os que não seguiam as tradições judaicas. Ele havia lido o texto de 2 Coríntios 4:7, que mencionava exatamente a expressão "vaso de barro".[1] O professor fez a aplicação à vida útil de Paulo e à consciência que ele tinha de sua dependência de Deus ao levar a mensagem de salvação às pessoas.

– Na hora me lembrei de que você havia usado essa mesma expressão em referência à Sra. White em uma de suas cartas – Gary explicou. – Achei que seria um bom título para um livro sobre ela. Com todas as cartas que você me mandou e mais algumas informações que reuni em minha pesquisa na biblioteca do colégio, foi possível produzir este livro "artesanal".

– Uau! – Eu estava encantada. – Você conseguiu me surpreender de verdade!

– Não tenho pretensão de publicá-lo – Gary disse com modéstia. – Queria apenas que você tivesse um registro das suas e das minhas pesquisas.

– Pelo que estou vendo aqui – folheei as páginas com carinho –, parece que formamos uma boa dupla! – Eu disse isso porque, na parte inferior da primeira página, Gary colocou os nossos nomes como autores, como se tivéssemos escrito em parceria.

Preferia que aqueles momentos que passei com Gary não tivessem acabado. Eu me sentia tão bem na presença dele... Mas, tudo que é bom, tem seu tempo de

acabar. À tarde, já estávamos prontos para começarmos nossa viagem de volta. A família de Gary ainda passaria uns dias na casa dos pais de Mary. Prometi a Gary que continuaria escrevendo para ele e, sempre que descobrisse algo novo que não estivesse em "nosso" livro, faria o devido registro. Assim, teríamos material para uma "edição ampliada". Ele achou a ideia boa, se que bem que eu estava apenas brincando. Aproveitei a viagem para começar a leitura do livro inédito e exclusivo. Contemplei novamente a primeira página, em que estavam escritos nossos nomes. Achei que combinaram: Anna Beatrice Fergunson e Gary MacPierson.

Cada página que eu lia, confirmava a admiração que sentia por Gary. Seu talento literário impressionava. O texto estava bem escrito e fora redigido de maneira apropriada e correta. Não se viam erros gramaticais ou ortográficos. Ele havia conseguido sintetizar as ideias e seu estilo de escrita tornava a leitura muito agradável.

No texto de apresentação, ele usou as palavras da própria Ellen White para descrever o processo que envolve a produção de um vaso de barro:

"O oleiro toma o barro e molda-o segundo lhe apraz. Amassa-o e trabalha-o. Divide-o e volta a juntá-lo. Umedece-o e depois seca-o. Deixa-o em seguida durante algum tempo sem lhe tocar. Quando está perfeitamente maleável, prossegue na tarefa de fazer dele um vaso. Molda-o numa forma, e alisa-o e pule-o em volta. Seca-o ao sol e coze-o no forno. Torna-se então um vaso apto para servir. Do mesmo modo, o Supremo Artista deseja moldar-nos e formar-nos. E como o barro está nas mãos do oleiro, assim estamos nós em Suas mãos. Não procuremos fazer a obra do oleiro; compete-nos simplesmente deixar-nos moldar pelo Supremo Artífice" (*A Ciência do Bom Viver,* p. 471).

E acrescentou o seguinte texto de um manuscrito dela: "O Oleiro não pode moldar para honra aquilo que nunca Lhe foi posto nas mãos" (*Manuscrito 55*, 1900).

Gary escreveu: "Um dos melhores exemplos da utilidade de um ser humano pode ser visto na vida da querida Sra. White. Como um vaso de barro, frágil em sua aparência, ela demonstrou que, quando dependemos do poder de Deus e não de nossas forças, podemos carregar um tesouro valioso, que transbordará do nosso interior e enriquecerá a humanidade."

Na sequência, ele fez uma bela descrição do chamado de Ellen White, ainda menina. Falou do grande desapontamento que os mileritas sofreram quando aguardavam a volta de Jesus para o dia 22 de outubro de 1844, abordou os primeiros anos do ministério dela como mensageira do Senhor e profetisa para

os últimos dias, transmitiu um pouco dos sentimentos que marcaram a vida da mulher que fez história em seu tempo, os testemunhos e os conselhos que deram direção à Igreja Adventista do Sétimo Dia, até concluir com sua morte e os detalhes dos funerais realizados em Elmshaven, Richmond e Battle Creek.

Quando li a última página do manuscrito, fiquei muito emocionada. "Ellen G. White foi um vaso de barro nas mãos do Oleiro. Ela dependeu de Deus do início ao fim, por isso se transformou num valioso utensílio para carregar as verdades que precisavam ser apresentadas às pessoas. Seus conselhos servem para todas as épocas. Suas palavras sempre serão atuais e úteis para aqueles que desejam estar do lado certo no grande conflito que está se desenvolvendo durante séculos, pois lhe foram transmitidas por Aquele que é Eterno."

Gary concluiu com o trecho de uma carta escrita por Ellen em 1898: "Que a mão de Deus trabalhe o barro para Seu serviço. Ele sabe exatamente que espécie de vaso quer."

Coloquei os manuscritos de volta no envelope. Um sentimento tomou conta de mim. Não sei não, mas acho que o que sinto por Gary é algo mais que amizade...

---

1 "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós."

“Devemos escolher o direito porque é direito e deixar com Deus as consequências.”

Ellen G. White

Capítulo 18
Missão Cumprida

Quero contar para você o que aconteceu nos anos seguintes, depois que Gary escreveu o "nosso" livro.

Continuamos nos correspondendo e mantendo a amizade. Na verdade, quando eu completei 17 anos, Gary fez uma surpresa (ele é especialista nisso) e viajou até Oakland para pedir permissão a meu pai para firmarmos um compromisso. Meu pai concordou, pois sempre considerou Gary um bom moço. Ainda que nunca tenhamos deixado de conversar sobre a querida Sra. Ellen, os assuntos de nossas cartas agora passaram a tratar dos detalhes da cerimônia de nosso casamento, que deveria acontecer no dia 20 de julho de 1919. Enquanto isso, terminei meus estudos secundários, preparei meu enxoval, e Gary se tornou pastor.

Numa linda tarde de verão, dezenas de amigos e familiares nos honraram com sua presença em nosso casamento, que foi realizado ao ar livre, em Oakland.

Gary tinha sido convidado para trabalhar como editor na Pacific Press, e eu faria a revisão das provas. Por isso, logo depois do casamento, nos mudamos para Mountain View.

De casal, passamos a ser uma família com o nascimento de nossos três filhos. Atualmente, William tem 12 anos, Tiago, 8, e a pequena Ellen, 4. Com certeza, você percebeu por que colocamos esses nomes em nossas crianças.

Continuamos firmes em nosso propósito de fazer nossa parte em espalhar a mensagem de salvação. Os livros têm cumprido seu papel como as torrentes de luz que estão iluminando o mundo, como foi mostrado à Sra. Ellen em sua primeira visão a respeito da obra de publicações. Gary e eu nos sentimos felizes por estarmos envolvidos nessa missão.

"Nosso livro", como chamamos os manuscritos que Gary preparou enquanto éramos mais jovens, foi publicado alguns anos após nosso casamento. Como eu havia feito um diário com anotações curiosas a respeito da Sra. Ellen, ampliamos o original para publicação e o resultado ficou bem interessante.

A propósito, realizei meu sonho de conhecer os lugares históricos em que a

obra adventista se desenvolveu, incluindo Battle Creek, em Michigan, e Elmshaven, o lar de Ellen White em Santa Helena, na Califórnia. A casa em que Ellen passou os últimos anos de sua vida está perfeitamente conservada e é possível perceber o cuidado e o bom gosto na decoração. Gostei especialmente da lareira, em volta da qual ela gostava de reunir os netos e estourar pipoca, enquanto passavam momentos agradáveis juntos. Essa viagem foi um presente que Deus deu para mim e para a minha família, pelo qual sou muito grata.

Temos aprendido que depender de Deus e fazer a vontade dEle é a melhor escolha que uma criança, um jovem ou um adulto pode fazer.

Como disse o missionário inglês que levou o evangelho ao interior da China, J. Hudson Taylor: "Todos os gigantes na fé foram homens [ou mulheres] fracos que fizeram grandes coisas por Deus, pois contaram com Sua presença."

Ellen White foi um desses gigantes. Aparentemente, era como um simples vaso de barro. Mas esse vaso se tornou muito valioso porque pôde abrigar em seu interior o tesouro que o amado Salvador providenciou para enriquecer a humanidade.

Sonho com o dia em que Jesus voltará à Terra e nos levará para morar no lugar maravilhoso que já está preparado para nós. Depois que abraçar o querido Salvador Jesus, vou procurar Ellen White e lhe dar um abraço bem apertado. Quero lhe agradecer porque ela aceitou ser a mensageira do Senhor e porque cumpriu fielmente sua missão. Acho que teremos muitos assuntos sobre os quais conversar!

Apêndice 1
Conhecendo o Vaso Por Dentro e Por Fora

O livro *Mensageira do Senhor*, escrito por Herbert Douglass, e publicado no Brasil pela Casa Publicadora Brasileira, é uma das melhores obras de referência para aqueles que desejam de fato saber quem foi Ellen G. White. Além de ser doutor em Teologia, o autor foi professor de Espírito de Profecia em seminários, diretor de colégio, editor associado da *Adventist Review* e editor de livros da Pacific Press. O livro mencionado surgiu como resultado de um amplo projeto de pesquisa sobre a profetisa dos últimos dias e é riquíssimo em seu conteúdo.

A seguir, está um breve resumo de alguns tópicos abordados no livro e que estão relacionados com a história da personagem Anna Beatrice. A indicação entre parêntesis é da página em que se encontra a informação ou o texto. Às vezes, outra fonte será mencionada quando acrescentar informações.

Recomendo que você leia a obra completa. Com certeza, novos horizontes se abrirão e você entenderá por que Ellen G. White foi verdadeiramente um vaso escolhido por Deus.

Características Pessoais:

Estatura: Ellen G. White tinha 1,57 m de altura (p. 62, 102).

Nos últimos anos de vida, a Sra. White foi descrita como "pequena e frágil", "estruturalmente baixa [...] de compleição um tanto robusta, mas não obesa" (p. 126).

"Seus vizinhos de Napa Valley lembravam-se dela como 'a pequenina senhora de cabelos brancos, que sempre falava mui amorosamente de Jesus'" (citado em *Retratos dos Pioneiros*, v. 2, p. 56).

Semblante: Lembrada como tendo "feições arredondadas e cheias", "deixava escapar de vez em quando um sorriso dulcíssimo", "reparavam no seu nariz, mas logo o esqueciam, achando que ela era realmente bela, digna" e "o rosto parecia iluminar-se" (p. 126).

Os olhos: Ela possuía "belos olhos castanhos e olhar distante", "olhar leal", "olhar penetrante", "seus olhos eram grandes e ficavam maiores ainda quando

ficava séria ou emocionada e diminuíam quando ela sorria" (p. 126).

Cabelo: Havia unanimidade sobre o cabelo de Ellen White: "usava uma rede sobre o cabelo bem arrumado", "estilo simples de penteado", "cabelo escuro e sempre partido e penteado para trás, terminando em uma trança em formato de coque na parte posterior do pescoço" (p. 126).

Trajes: Algumas pessoas referiram-se ao tecido de sua roupa, descrevendo-o como "veludo ou seda preta", "uma roupa de duas peças", "o vestido não parecia adorná-la; ela parecia adornar o vestido". Para acentuar o preto, a Sra. White usava muitas vezes punhos e golas brancas. Outros acessórios mencionados eram uma "corrente de ouro para relógio" com um "relógio de prata no bolso e um broche simples" (p. 126).

Discrição ao pregar: As centenas de entrevistados relembraram igualmente que a Sra. White usava poucos gestos, não balançava os braços nem as mãos – "porte natural e gentil e maneiras afáveis". Na maioria das vezes, ela pregava sem auxílio de anotações, embora em algumas ocasiões lesse um manuscrito. Com a Bíblia aberta, falava com tal poder e lógica que cativava seus auditórios (p. 126).

Timbre de voz: Agradável e persuasivo. Segundo o médico S. P. S. Edwards, ela possuía uma voz que servia "tanto para conversar" como "para falar em público". Na conversação, ela era um "*mezzo* soprano", um "tom doce, não monótono, mas especialmente evidente por causa do meio sorriso e o toque pessoal que ela punha naquilo que dizia." Quando pregava, Ellen impostava a voz, usando o diafragma, e sua voz se tornava em "um contralto profundo com maravilhoso poder de repercussão. [...] Podíamos sempre escutá-la" (p. 125, 126).

Ela chegou a pregar para um público de 20 mil pessoas, sem qualquer tipo de equipamento para ampliar a voz, e todos puderam ouvi-la (p. 124).

Preocupação constante com os outros: "Seus vizinhos e companheiros de viagem eram abençoados por suas úteis iniciativas. Na verdade, a constante e prestimosa preocupação que ela sentia pelo bem-estar espiritual dos outros se tornara uma característica definida de sua vida" (p. 70).

Ávida leitora: Apreciava as revistas religiosas. Depois que Urias Smith, veterano redator da *Review and Herald*, terminava de ler os periódicos que vinham para seu escritório, ele os passava para ela a fim de mantê-la informada a respeito da marcha dos acontecimentos religiosos e políticos (p. 73).

Quando os filhos dos White eram jovens, sua mãe lia muitas revistas religiosas à procura de histórias com ensinamentos morais que pudessem ser apropriadas

para o sábado. Recortava os artigos proveitosos e os colava em cadernos de recortes (p. 111).

Sensível: Era "uma mulher extraordinariamente sensível, aberta a todas as emoções humanas. A capacidade que ela possuía de verbalizar suas diversas experiências indica uma aptidão incomum para a empatia, quer a experiência fosse triste, quer alegre" (p. 73).

Experimentou o desânimo, a pobreza e a solidão: "Suas palavras de conselho, muitas vezes de reprovação, eram frequentemente contrapostas com fofocas e calúnias. Isso a afetava fisicamente" (p. 74).

No início da vida de casados, a pobreza era tanta que, para comprar uma peça de tecido a fim de fazer uma roupa simples para o primeiro filho, "ela era obrigada a cortar o suprimento de leite por três dias" (p. 74).

Ela sabia do que estava falando quando aconselhava as pessoas a "andar pela fé contra todas as aparências". Mesmo enfrentando essas dificuldades, Ellen mantinha-se firme. Era considerada por sua família a alegria da casa, e seus vizinhos também a apreciavam muito (p. 75).

Econômica e generosa: "Ellen White era econômica porque desejava contribuir tanto quanto possível com as pessoas muito carentes de dinheiro e as crescentes necessidades da recentemente formada Igreja Adventista do Sétimo Dia" (p. 81).

"Algumas mulheres, percebendo que ela manifestava bom gosto e economia quando comprava, frequentemente queriam a ajuda dela ao fazerem suas compras" (p. 103).

Resignada: Não se queixava nem criticava aqueles que não lhe seguiam os conselhos (p. 83).

Cuidadosa quanto ao exemplo pessoal: "Enquanto Ellen esteve na Europa (1885), alguém lhe presenteou com um relógio de ouro. Isso, no entanto, virou tema de conversa, de sorte que, para não ser mal compreendida ou tornar-se uma pedra de tropeço, ela o vendeu" (p. 86).

Corajosa e Perseverante: Ellen se preocupava especialmente com a saúde do marido e fez tudo o que estava ao seu alcance para que ele se recuperasse do esgotamento nervoso do qual às vezes era vítima. Ela foi enfermeira, confidente, terapeuta natural e nutricionista do esposo.

Não seria qualquer pessoa que conseguiria enfrentar falsas acusações e constantes calúnias e ainda manter a coragem e a disposição para prosseguir, sem se desviar do foco (p. 87).

Tato e Bondade: Em seus conselhos e ao lidar com as pessoas, a Sra. White

sempre revelava essas nobres qualidades (p. 89, 90).

Porta-voz de Deus: "Com seu magnífico dom de pregar e sua aptidão para dirigir auditórios, induzindo-os quer para o raciocínio sólido quer para a mais profunda emoção, ela parecia bastante segura de si como mensageira do Senhor e contudo não chamava a atenção para si mesma nem enaltecia a própria autoridade. A única coisa que fazia era colocar-se como porta-voz de Deus, pensando somente em Sua Palavra e procurando exaltar somente a Jesus, a fim de que pudéssemos contemplar somente a Ele" (p. 125).

Bom Humor: Ellen White era uma pessoa bem-humorada. Seguem apenas duas situações, entre várias outras, que comprovam essa característica: "A Sra. White sabia como lidar com situação pública potencialmente embaraçosa. Seu filho William muitas vezes acompanhava a mãe em seus trajetos de pregação. Durante um sermão de sábado, em Santa Helena, Califórnia, William sentou-se à plataforma enquanto a mãe falava. Percebendo uma onda de riso reprimido na congregação, a Sra. White virou-se e encontrou o filho cochilando. Ela pediu desculpas com um toque de humor: 'Quando William era um bebê, eu costumava trazê-lo para a plataforma e deixá-lo dormindo numa cesta embaixo do púlpito, e ele nunca perdeu o hábito'" (Glen Baker, "The Humor of Ellen White", *Adventist Review*, 30 de abril de 1987).

"Em seus últimos anos em Elmshaven, Ellen White recebia tratamentos de fricção com luvas frias. Isso significava ficar dentro de uma banheira enquanto alguém lhe aplicava água fria e depois friccionava com luvas para aumentar a circulação. Duas vezes por semana ela recebia uma fricção com sal ('fomentação salina'). Certo dia, sentindo diferença no líquido, molhou o dedo e o levou aos lábios. A enfermeira havia usado açúcar por engano! Com bom humor, Ellen fez a seguinte observação: 'Estava tentando me adoçar, hein?'" (Ibid. p. 95).

Filhos

Henry Nichols (1847-1863) morreu de pneumonia, aos 16 anos.

Tiago Edson (1849-1928) aprendeu com o pai o ofício de impressor quanto tinha 14 anos. Tornou-se um popular escritor e compositor adventista. O trabalho perseverante que realizou em favor dos negros nos Estados sulistas foi inigualável. Sua oficina gráfica deu origem à antiga Southern Publishing Association.

William Clarence (1854-1937) tinha uma notável capacidade administrativa. Foi eleito para diversas e pesadas responsabilidades na liderança da igreja. Depois da morte de seu pai, ele se tornou companheiro de viagem e conselheiro

de confiança de sua mãe. Logo que a mãe morreu, em 1915, ele foi nomeado secretário do Patrimônio Literário White e supervisionou suas atividades por mais de duas décadas.

John Herbert nasceu em 1860 e morreu três meses depois, de erisipela (p. 48).

Hobbies

Cultivar jardins e pomares, costurar, trançar tapetes de tiras, entre outras atividades domésticas (p. 102, 103).

Rotina

William C. White recordou um típico programa de atividades na época em que os White se encontravam em casa, em Battle Creek: "Com bem pouca variação, o programa diário da família White era algo parecido com isto: Às seis horas todos se levantavam. Muitas vezes mamãe estivera escrevendo durante duas ou três horas, e a cozinheira estivera ocupada na cozinha desde às cinco. Por volta das seis e meia o desjejum estava pronto. Mamãe costumava mencionar à mesa do desjejum que havia escrito seis, oito ou mais páginas e, algumas vezes, lia para a família alguns trechos interessantes daquilo que escrevera.

"Papai algumas vezes nos falava sobre o trabalho em que estava empenhado ou nos relatava incidentes interessantes relacionados com o progresso da causa, no Leste e no Oeste. Às sete horas todos se reuniam na sala de visitas para o culto matutino. [...]

"Depois que papai saía de casa, mamãe gostava de passar meia hora em seu jardim de flores durante essas partes do ano em que as flores podem ser cultivadas. Nisto seus filhos eram estimulados a trabalhar com ela. Depois ela costumava dedicar três ou quatro horas à escrita. Suas tardes eram geralmente ocupadas em várias atividades: costurar, remendar, tricotar, cerzir e trabalhar em seu jardim de flores, com ocasionais viagens à cidade para fazer compras ou visitar doentes" (William C. White, "Sketches and Memories of James and Ellen White", *Review and Herald*, 13 de fevereiro de 1936, p. 108, 109).

Força no Senhor

Após uma turnê de três meses pelos estados do Leste em 1891, pouco antes de partir com destino à Austrália, ela escreveu: "Falei cinquenta e cinco vezes, e escrevi trezentas páginas. [...] O Senhor é que me tem fortalecido e abençoado e sustido por Seu Espírito" (p. 109).

Principal ênfase na vida

Obter e pintar um quadro preciso do caráter de Deus (p. 68).

Temas gerais

Suas mensagens públicas, de acordo com os ouvintes, concentravam-se na alegria, na animação dos desalentados e na apresentação dos encantos de um amorável Senhor. A conclusão de um sermão típico seria: "Esta vida é um conflito, e temos um adversário que nunca dorme, e que está em constante vigilância para destruir nossa mente e, seduzindo-nos, afastar-nos de nosso precioso Salvador, que por nós deu a vida. Tomaremos a cruz que nos foi dada? Ou continuaremos em satisfação egoísta e perderemos a eternidade de bem-aventurança?"

A pregação de Ellen White se baseava muito frequentemente em Isaías, no Antigo Testamento, e em João, no Novo. Os capítulos do Novo Testamento mais usados por ela eram João 15 ("Eu sou a Videira..."), 2 Pedro 1 (a escada do crescimento cristão) e 1 João 3 ("Que grande amor...") (p. 127).

Lema constante

Avante! (p. 82).

Lista de desejos

Ser semelhante a Jesus, praticar Suas virtudes, achar-se entre aqueles que terão o nome escrito no livro e serão libertados, receber a recompensa do vencedor e o tesouro no Céu, estar com Jesus pelos intermináveis séculos da eternidade, conhecer cada vez mais a Palavra de Deus e Suas obras, ter um lar junto aos remidos e que outros também o tivessem (p. 72).

Testemunho de alguém que conheceu a Sra. White

"Minhas lembranças da irmã White é que jamais em minha vida conheci uma mulher que parecesse tão completamente consagrada ao Senhor Jesus. Ele parecia ser para ela um amigo pessoal, que ela conhecia, amava e em quem confiava. Ela encontrava grande alegria em falar sobre Jesus; e todas as pessoas mais jovens concordam que houve pelo menos uma jovem que viveu muito próximo do Senhor e que, de maneira sincera e prática, procurou de todo o seu coração seguir a Jesus" (p. 71).

Revisão dos textos

Durante seu ministério, Ellen White contou com a ajuda de assistentes editorias. De vez em quando ela procurava ajuda além de seus auxiliares imediatos. Ela explicou esse procedimento a W. H. Littlejohn em 1894: "Examino detidamente minhas publicações. Desejo que nada seja impresso sem minucioso exame. Obviamente eu não desejaria que pessoas sem experiência cristã e aptidão para apreciar o mérito literário fossem colocadas como juízes daquilo que é necessário ser posto perante o povo, como forragem limpa, totalmente peneirada. Submeti todos os meus originais do *Patriarcas e Profetas* e o volume quatro [de *The Spirit of Prophecy*] à apreciação e crítica da comissão editorial. Pus também esses originais nas mãos de alguns de nossos pastores para que os examinassem. Quanto mais os criticarem, tanto melhor para a obra."

Quando ela escrevia sobre assuntos médicos, suas ajudantes de escritório pediam a especialistas em medicina que revisassem os originais atentamente: "Desejo que em tudo quanto leem, vocês reparem nos lugares onde o pensamento é expresso de maneira a receber a crítica específica de médicos e bondosamente nos deem o benefício do seu conhecimento quanto à forma de expressar o mesmo pensamento de maneira mais precisa."

Independentemente da pessoa de quem recebia ajuda redacional, Ellen White fazia sempre uma leitura do texto em sua forma final: "Encontro de manhã sob minha porta vários artigos copiados pelas irmãs Peck, Maggie Hare e Minnie Hawkins. Compete-me fazer uma leitura crítica de todos. [...] Todo artigo que escrevo para ser preparado por minhas obreiras, tenho sempre que lê-lo antes de ele ser enviado para publicação" (p. 110 e 111).

A última visão

Aconteceu no dia 3 de março de 1915. No resumo, ela disse o seguinte ao filho William: "Há livros de vital importância que não são olhados por nossos jovens. São negligenciados por não lhes parecerem tão interessantes como certas leituras leves. [...] Devemos escolher livros que os estimulem à sinceridade de vida e os levem a abrir a Palavra. [...] Não espero viver muito. Minha obra está quase concluída. Diga aos nossos jovens que eu quero que minhas palavras os animem naquela maneira de viver que mais atrativa será aos seres celestes, e que sua influência sobre os outros seja enobrecedora" (p. 72).

Últimas palavras

"Eu sei em quem tenho crido." Ditas a seu filho William e à enfermeira Sara (p. 73).

O último escrito conhecido

Uma carta, datada de 14 de junho de 1914 (p. 65).

Atestado de óbito

"Miocardite crônica; (Fator concorrente primário) Astenia resultante da fratura intracapsular do fêmur esquerdo (13 de fevereiro de 1915); (Fator concorrente secundário) arteriosclerose" (p. 65).

Pensamentos marcantes

Confiança em Deus

"Há na vida de todas as pessoas, emergências nas quais não se pode nem seguir a vista nem confiar na memória ou experiência. Tudo o que podemos fazer é simplesmente confiar e esperar. Honramos a Deus quando confiamos nEle, pois Ele é nosso Pai celestial" (*Biography*, v. 2, p. 432, 433. Ver *Caminho a Cristo*, p. 96 e 104).

Oração

"Quando o povo de Deus orar fervorosa e sinceramente, individual e coletivamente, Deus responderá. Grandes coisas acontecerão entre o povo de Deus. E o mundo sentirá o impacto quando o Espírito Santo vier para habilitar e fortalecer Seu povo" (*Prayer*, p. 1).

Oração dos pais

"Quando os pais orarem e tentarem lidar da maneira mais sábia com seus filhos, anjos celestiais trabalharão em seu favor" (*Review and Herald*, 12 de julho de 1906).

Felicidade

"Eu não espero o fim para desfrutar toda a felicidade; eu desfruto felicidade enquanto vou caminhando. Não obstante ter provas e aflições, olho para Jesus. É nas situações difíceis, árduas, que Ele está bem ao nosso lado, e podemos comungar com Ele, depor todos os nossos fardos sobre o Portador de Fardos, e dizer: 'Eis, Senhor, não posso mais levar esses fardos'" (*Mente, Caráter e Personalidade*, v. 2, p. 556).

Educação dos filhos

"'Oh', dizem algumas mães, 'meus filhos me atrapalham quando procuram ajudar-me.' Assim faziam os meus, mas vocês supõem que eu permitia que eles o soubesse? Elogiem seus filhos. Ensinem-nos, mandamento sobre mandamento, regra sobre regra. Isto é melhor que ler novelas, que fazer visitas, que seguir as modas do mundo" (*O Lar Adventista*, p. 289).

O próprio sofrimento

"Mas em tudo isto houve um lado positivo. Meu Salvador parecia estar bem perto de mim. Eu sentia Sua santa presença em meu coração, e ficava agradecida. Esses meses de sofrimento foram os meses mais felizes de minha vida por causa da companhia de meu Salvador. [...] Compreendi que, qual fios de ouro, coisas preciosas haviam se entretecido em todas estas penosas experiências" (*Manuscrito 75*, 1893).

Roupas

"Sigam costumes no vestir até onde eles se conformem com os princípios de saúde. Vistam-se nossas irmãs com simplicidade, como muitas fazem, tendo as vestes de material bom e durável, apropriado para esta época, e não permitam que a questão do vestuário lhes encha a mente" (*Manuscrito 167*, 1897).

Bom senso

"Deus quer que todos nós sejamos sensatos, e deseja que raciocinemos movidos pelo bom senso. As circunstâncias alteram as condições. As circunstâncias modificam a relação das coisas" (*Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 217).

Futuro

"Quando verdadeiramente acreditamos que Deus nos ama, e nos quer fazer bem, cessamos de afligir-nos a respeito do futuro" (*O Maior Discurso de Cristo*, p. 101).

Um dos textos mais apreciados

"Conte sempre ao Senhor acerca de suas necessidades, alegrias, tristezas, cuidados e temores. Você não conseguirá sobrecarregá-Lo; não O poderá cansar. [...] Coisa alguma é muito grande para Ele, pois sustenta os mundos e dirige o Universo. [...] Nada do que, de algum modo, se relacione com nossa paz é tão insignificante que Ele deixe de observar" (*Caminho a Cristo*, p. 100).

Frases de ouro

• "Eu posso fazer praticamente tudo, quando tenho de fazê-lo" (*Carta 95*, 1886).

• "Os que, em todas as coisas, põem a Deus como primeiro e último, e o melhor, são as pessoas mais felizes do mundo" (*Review and Herald*, 19/8/1884).

• “Sejam calmos como uma tarde de verão, porém imutáveis como as montanhas eternas” (*Carta 216*, 1903).

• “Se os pensamentos forem corretos, então, como resultado, as palavras também serão corretas” (*Carta 33*, 1886).

• “A hora da necessidade do homem é a oportunidade de Deus” (*Review and Herald*, 18/4/1907).

• “A oração é a respiração da alma” (*Obreiros Evangélicos*, p. 254).

• “Não nos tornemos, pois, infelizes por causa dos fardos de amanhã” (*Signs of the Times*, 5/11/1902).

• “O segredo do êxito está na união do poder divino com o esforço humano” (*Patriarcas e Profetas*, p. 509).

• “Se consagrarmos a vida a Seu serviço, nunca chegaremos a situações para as quais Deus não haja feito provisão” (*Obreiros Evangélicos*, p. 263).

• “Pela vida dos seguidores de Cristo o mundo julgará o Salvador” (*Carta 327*, 1905).

• “As palavras bondosas no lar são como benditos raios solares” (*Review and Herald*, 23/12/1884).

• “Depois que minha caneta e minha voz não puderem mais ser ouvidas, então meus escritos falarão” (*Manuscript Releases 16*, p. 134).

Apêndice 2
Contexto e Cenário

Fatos curiosos extraídos da Biografia de Ellen White

Coube a Arthur White, filho de William e neto da Sra. White, o privilégio de escrever sua biografia. Para se ter uma ideia de quão rica foi sua vida, foram necessários seis volumes para abranger apenas o principal de sua trajetória. A seguir, estão algumas curiosidades a respeito dessa mulher extraordinária, passando por sua infância até a cerimônia de seu sepultamento. As referências originais e as posteriores são citadas de maneira breve para não quebrar a sequência do texto, e em alguns casos foram adaptados. Desfrute a leitura!

Curiosidades Sobre a Infância

Queda das estrelas

Apenas duas semanas antes do sexto aniversário de Ellen, o periódico *Portland Advertiser* relatou: "Os madrugadores contaram […] que o céu na manhã de ontem [13 de novembro], antes do amanhecer, ficou cheio de meteroros e traços luminosos, riscando o firmamento em todas as direções. O céu, dizem alguns, parecia estar em chamas – outros acrescentam que as estrelas pareciam estar caindo" (15 de novembro de 1833).

Algumas centenas de quilômetros dali, em Low Hampton, Nova York, um fazendeiro e antigo oficial do Exército chamado Guilherme Miller estava apenas começando sua nova carreira como pregador. Ele contava ao mundo o que havia descoberto nas profecias – que Cristo viria em breve, sim, dentro de dez anos. A primeira obra publicada de Miller, um folheto com 64 páginas, surgiu em 1833. Esse foi o ano em que ele recebeu sua licença de pregador, e suas viagens, pregações e correspondências aumentaram rapidamente.

Próximo dali, em Gorham, a pequena Ellen dormia tranquilamente enquanto as estrelas caíam. Ela não sabia nada sobre Guilherme Miller e sua mensagem, e

em novembro de 1833, ela provavelmente estava apenas começando a frequentar a escola. É lógico presumir que, como qualquer outra criança saudável, ela estivesse aproveitando seus momentos livres para aprender mais sobre as coisas à sua volta (Ellen G. White: *The Early Years*, p. 19).

Preocupação com os esquilos

Ellen costumava brincar com seus irmãos pelos bosques. Uma das atividades que eles gostavam de fazer era juntar as nozes que haviam caído no chão. Algumas vezes eles achavam os esconderijos em que os esquilos colocavam suas nozes. Para que os pobres animaizinhos não ficassem sem ter o que comer no inverno, Ellen sempre levava consigo uma sacolinha com grãos de milho. Ela pegava as nozes, mas as substituía pelo milho. Era uma forma de "desculpar-se" com os esquilos e providenciar-lhes alimento (*Retratos dos Pioneiros*, v. 1, p. 74).

Tirando a vaca do brejo

Para a maioria das famílias simples daqueles dias, o leite era provido por uma vaca da família. Não sabemos se essa história aconteceu em Gorham ou em Portland. O que sabemos é que bem cedo Ellen aprendeu a ordenhar, e ela tratava muito bem os animais.

Ao anoitecer, quando foi ao pasto buscar a vaca para a ordenha, ela não a encontrou em lugar nenhum. Ellen começou a chamar pela vaca. Enquanto procurava, ela ouviu algo. Para sua tristeza, a vaca estava no meio do córrego, literalmente atolada. Sem perder tempo, ela colocou um plano em ação para tirar a vaca dali. Ellen estendeu um tufo de capim verdinho na direção do animal, que ficou feliz em ter algo para comer. Depois que a vaca sentiu o gostinho do alimento, Ellen ofereceu mais uma vez o capim, mas deixou a uma distância que o animal não conseguia alcançar. Com a outra mão livre, ela agarrou o chifre da vaca e chamou: "Venha, vaquinha" e balançou o tufo de capim. Ansiosa para desfrutar de sua refeição, a vaca fez um esforço extraordinário e conseguiu sair do atoleiro. Em pouco tempo, Ellen e a vaquinha fizeram o caminho de volta para o estábulo (Ellen G. White: *The Early Years*, p. 20).

Por cima do tronco

Algumas vezes, Ellen mencionava suas experiências de infância. Uma vez, por exemplo, ela falou como sua irmã gêmea teve dificuldade para passar por cima

de um tronco enquanto atravessavam um bosque. Elizabeth era um pouco mais pesada e então disse a Ellen: “Ajude-me a passar por cima do tronco.” É claro que Ellen a ajudou. Anos mais tarde, enquanto contava essa história a uma enfermeira chamada Delia Walker-Lovell, Ellen disse: “Desde então, venho ajudando pessoas a passar por cima dos troncos.” Era seu especial prazer e uma de suas características pessoais ajudar e cuidar das pessoas (Ibid., p. 20, 21).

Disciplina

Em 1901, ela escreveu da disciplina que modelou seu caráter já nos primeiros anos de vida:

> *Quando eu era criança, e minha mãe pedia que eu realizasse alguma tarefa, algumas vezes eu começava a reclamar e saía. Mas ela me chamava de volta e pedia que eu repetisse o que tinha falado. Minha mãe então começava a me mostrar como eu era parte da família, uma parte da empresa, que era tanto meu dever cumprir minha parte da responsabilidade como era dever dos meus pais cuidarem de mim. Ela levava essa questão bem a sério. Eu tinha meus momentos para me divertir, mas posso lhe garantir que não havia espaço para a preguiça e para a desobediência em nosso lar (Manuscrito 82, 1901).*

Lembranças do lar

A mãe de Ellen, Eunice, amava flores. O jardim sempre florido deixava o ambiente do lar mais alegre. O interior da casa era equipado para a fabricação de chapéus (Ellen G. White: *The Early Years*, p. 24).

Primeiros anos escolares

Foi provavelmente no outono de 1833 que Ellen começou a frequentar a escola, um pouco antes do seu aniversário de 6 anos. Poderia ter sido até um pouco mais cedo do que isso; porque, naquele tempo, as crianças podiam entrar na escola com 5 anos ou menos. A escola ficava na Rua Brackett, a uns quatro ou cinco quarteirões da casa dos Harmon. Em 1836, a construção de madeira foi substituída por um prédio de alvenaria, e foi nesse lugar que Ellen passou seu último ano na escola. Havia aula tanto no verão como no inverno em Portland, e uma vez que o ano letivo começava, o ritmo era puxado. Mas Ellen amava estudar, e nutria grandes expectativas de obter uma boa educação e ser alguém

na vida.

Os livros recomendados para leitura e ortografia eram de Samuel Worcester (três livros), mas nunca havia livros suficientes para atender a todos os alunos. Ellen progredia rapidamente, e, em pouco tempo, a professora a convidou para ler as lições para o restante da classe. Ela subia as escadas com os alunos mais avançados, mas, algumas vezes, lhe era pedido que descesse para ler para os alunos menores.

Anos depois, enquanto viajava de trem com seu marido, Tiago White, Ellen estava lendo em voz alta um artigo que ele escrevera, e juntos eles o estavam corrigindo. Uma senhora se inclinou em sua direção e tocou-lhe o ombro, dizendo: – Você não é Ellen Harmon?

– Sim – ela respondeu. – Mas como você me conhece?

– Reconheci sua voz – disse a senhora. – Frequentei a escola da Rua Brackett, em Portland, e você costumava vir e ler as lições para nós. Podíamos compreender melhor as lições quando você lia do que quando outra pessoa o fazia (Ibid., p. 25, 26).

Sobre o acidente

Quando Ellen sofreu o acidente, tentando ajudar, alguém a carregou para dentro de uma loja próxima. Quando voltou a si, ela percebeu que sua roupa estava cheia de sangue, e o chão também havia ficado sujo. Não havia atendimento de emergência e um freguês da loja, desconhecido de Ellen, se ofereceu para levá-la para casa em sua carruagem. Temendo sujar a carruagem com sangue, a menina agradeceu, mas disse que já estava melhor e poderia ir andando. Desde pequena, Ellen sempre teve muito respeito e consideração pelos outros. Ninguém havia percebido quão grave tinha sido o ferimento. Com a irmã e a amiga, ela começou a caminhar para casa, mas logo desmaiou, pois estava muito fraca por causa da perda de sangue. Com dificuldade, as duas companheiras a carregaram até a casa. Ellen não se lembrou de nada depois do acidente. A mãe lhe contou que ela ficou em coma por três semanas. Ninguém achava que ela sobreviveria, exceto sua mãe. Talvez por intuição materna, ela sentia que a filha não morreria.

Pela descrição de seus sintomas, Ellen sofreu uma grave concussão cerebral, com um possível traumatismo craniano. Não apenas os ossos do nariz foram quebrados como também alguns da face. Os médicos que foram chamados não deram esperança de recuperação; achavam que não havia nada que pudesse ser feito pela pobre menina.

Quando recobrou a consciência, Ellen não fazia ideia do que havia acontecido. Parecia que estivera num sono profundo e não se lembrava do acidente; tudo o que sabia é que se sentia muito fraca. Quando ouviu uma das vizinhas dizer que sentia pena da menina e que quase não a reconhecera, Ellen pediu um espelho para a mãe. A respeito dessa experiência, ela escreveu:

> *Cada traço do meu rosto parecia mudado. O que vi era mais do que podia suportar. O osso do meu nariz tinha sido quebrado. A ideia de conviver com meu infortúnio pelo resto da vida era insuportável. Não podia sentir prazer na vida. Desejei não viver, mas não tinha coragem de morrer, porque não me sentia preparada.*

Como o pai de Ellen estava a negócios na Geórgia por ocasião do acidente, a mãe suportou sozinha o peso causado pelo acidente. Amigos que a visitaram aconselharam a mãe de Ellen a processar o pai da menina que havia "destruído" a vida de sua filha. Mas Eunice estava em paz, e respondeu que se tal atitude pudesse trazer de volta a saúde e a aparência de Ellen, valeria a pena, mas como isso era algo impossível, era melhor não fazer inimigos.

Médicos foram consultados para saber o que poderia ser feito para reparar o problema no nariz de Ellen. Um médico sugeriu que talvez um fio de prata pudesse ser passado pelo nariz para tentar resolver a questão da fratura, mas a menina poderia não suportar a dor do procedimento. Naquele tempo ainda não existia anestesia.

Aproximadamente 50 anos depois do acidente, em uma visita a Portland, Ellen teve oportunidade de refletir sobre o acontecimento:

> *Visitei o lugar em que aconteceu o acidente. [...] Essa desgraça, que por um tempo pareceu tão amarga e tão difícil de suportar, provou ser uma bênção disfarçada. O golpe cruel que me tirou as alegrias da Terra foi o meio de dirigir meu olhar para o Céu. Eu poderia nunca ter conhecido Jesus, se a tristeza que nublou meus primeiros anos não tivesse me levado a buscar conforto nEle.*

Ela acrescentou:

> *Li sobre um passarinho que em sua gaiola, à plena luz do dia, e ouvindo a música de outras vozes, não aprende a canção que o dono procura ensinar-*

lhe. Aprende um pedacinho desta, um trinado daquela, mas nunca uma melodia determinada e completa. Mas então o dono cobre a gaiola e a coloca onde o pássaro só ouvirá o canto que se lhe pretende ensinar. Nas trevas, o pássaro tenta várias vezes reproduzir aquele canto, até que o aprende e por fim o entoa em perfeita melodia. A gaiola pode ser descoberta, e ele conseguirá cantar na luz. Não esquecerá jamais a melodia que lhe foi ensinada na escuridão. É assim que Deus age com Seus filhos. Ele tem um canto para nos ensinar, e quando o houvermos aprendido no meio das sombras da aflição, poderemos cantá-lo para sempre (Ellen G. White: The Early Years, p. 25-31, adaptado).

Instrução Religiosa

Os Harmon eram membros da Igreja Metodista da Rua Chestnut. Ellen, sua irmã gêmea e os outros membros mais velhos da família receberam a primeira instrução religiosa de diversos pastores (a maioria não permanecia mais do que um ou dois anos). A igreja tinha assentos na galeria e no andar principal, onde provavelmente os Harmon se sentavam. Havia também bancos de madeira sem encosto para os adoradores menos importantes, que pagavam uma taxa anual de 1 dólar para reservar um lugar.

Robert Harmon era considerado um pilar da igreja – um exortador, o que significa que às vezes ele se levantava no fim do sermão para dar, como era costume entre os bons metodistas, uma resposta improvisada de leigo ao desafio do sermão.

Também havia as reuniões de classes metodistas. Eram menos formais do que os cultos de domingo. Aconteciam na casa de alguém e eram assistidas por cerca de dez ou mais pessoas.

Esse tipo de reunião, com testemunhos, conselhos, confissão, encorajamento e louvor servia para incentivar os jovens a se expressarem e desenvolverem fervor religioso. A frequência a essas reuniões era considerada obrigatória a todo bom metodista. Foi nesse ambiente que Ellen enfrentou as lutas em sua experiência religiosa quando era criança (Ibid., p. 32, 33, adaptado).

As Palestras de Guilherme Miller

Em março de 1840, quando estava com apenas 12 anos de idade, Ellen assistiu às palestras de Guilherme Miller sobre a volta de Jesus. Esta é a descrição que ela fez:

Essas palestras produzem grande efeito, e a igreja cristã, na Rua Casco, onde o Sr. Miller as tem ministrado, fica lotada dia e noite. Não existe agitação nessas reuniões, mas uma profunda reverência permeia a mente daqueles que ouvem seus discursos. Não apenas foi despertado um grande interesse na cidade, como também as pessoas do campo se reúnem dia após dia, trazendo suas cestas com lanche, e permanecendo de manhã até o encerramento da reunião da noite.

O Sr. Miller deu ênfase às profecias, comparando-as ao relato bíblico de que o fim do mundo está perto. Assisti a essas reuniões em companhia de meus amigos e ouvi as estranhas doutrinas do pregador. Quatro anos antes disso, em meu caminho para a escola, eu havia apanhado um pedaço de papel contendo um cálculo de um homem na Inglaterra que estava pregando que a Terra seria consumida dentro de 30 anos, a partir daquela data. Agora eu estava ouvindo os mais solenes e poderosos sermões anunciando que Cristo voltaria em 1843, dali a apenas uns poucos anos. O pregador descrevia as profecias com tanta precisão que a convicção alcançava o coração dos ouvintes. Ele mostrava os períodos proféticos e apresentava as provas que fortaleciam sua posição. Então, seus solenes e poderosos apelos e advertências aos que estavam despreparados deixavam a multidão fascinada" (Ibid., p. 34, adaptado).

Sobre a reação dos ouvintes e a influência do trabalho do Sr. Miller na cidade de Portland, Ellen observou:

As pessoas na cidade ficaram convencidas da mensagem. Reuniões de oração foram organizadas, e houve um despertamento geral entre as várias denominações, porque todas elas sentiam, em maior ou menor grau, a influência que emanava do ensino da breve volta de Jesus.

Há relatos de que o Sr. Miller conseguia manter seus ouvintes atentos enquanto ele falava durante uma hora e meia ou duas horas. Às vezes, ele fazia de conta que um opositor e um pesquisador da verdade estavam conversando. De maneira bem natural, ele elaborava as perguntas e dava as respostas. Embora ele fosse sério, algumas vezes fazia o auditório rir (Ibid., p. 34, 35, adaptado).

Bíblias

Um dos principais vendedores de Bíblia informou que havia vendido mais Bíblias em um mês (desde que o irmão Miller chegou) do que ele tinha feito nos quatro meses anteriores (citado em *The Midnight Cry*, p. 78).

A Segunda Visita de Miller a Portland

Depois do batismo de Ellen na Igreja Metodista, em 1842, Guilherme Miller voltou a Portland para uma segunda série de reuniões sobre a breve vinda de Jesus. Da mesma forma, as reuniões tiveram lugar na igreja cristã da Rua Casco. Ellen escreveu:

> *Essa segunda temporada provocou ainda mais agitação na cidade do que a primeira. As diferentes denominações, com poucas exceções, fecharam as portas de suas igrejas em oposição ao Sr. Miller.*
>
> *Muitos discursos foram proferidos de diversos púlpitos tentando expor o suposto fanatismo do palestrante. Mas as multidões de ansiosos ouvintes continuavam assistindo às reuniões. Muitos não conseguiam entrar porque o ambiente estava literalmente lotado. A congregação ficava surpreendentemente quieta e atenta (Life Sketches of James White and Ellen G. White [1880], p. 148, 149).*

Ela descreveu a conduta do Sr. Miller e sua maneira de pregar:

> *Sua maneira de pregar chamava a atenção não por causa de floreios ou da oratória, mas por sua clareza em lidar com fatos surpreendentes que tiravam os ouvintes de seu estado apático. Ele confirmava suas declarações e teorias pela Bíblia. Havia poder em suas palavras e era perceptível que ele falava a verdade.*
>
> *Era cortês e simpático. Era capaz de deixar o púlpito para encontrar um lugar para alguém que necessitasse sentar-se. Com justiça, era chamado de Pai Miller, por causa de suas maneiras gentis e sua preocupação com os outros. Era um orador eloquente e suas palestras eram apropriadas e poderosas (Ibid.).*
>
> *Guilherme Miller possuía grandes dotes intelectuais, disciplinados pela meditação e estudo; e a estes acrescentava a sabedoria do Céu, pondo-se em ligação com a Fonte da sabedoria. Era um homem de verdadeiro valor, que inspirava respeito e estima onde quer que a integridade de caráter e a excelência moral fossem apreciadas. Unindo a verdadeira bondade de coração à humildade cristã e ao poder do domínio próprio, era atento e afável para com todos, pronto para ouvir as opiniões de outrem e pesar seus argumentos. Sem paixão ou excitação, aferia todas as teorias e doutrinas*

pela Palavra de Deus; e seu raciocínio sadio e o profundo conhecimento das Escrituras habilitavam-no a refutar o erro e desmascarar a falsidade (Cristo em Seu Santuário, p. 61).

A Questão da Imortalidade da Alma

Por esse tempo, a mãe de Ellen e uma irmã assistiram a uma reunião na qual foi apresentado o estado mortal do homem. Foi explicado que, quando morre, o homem não vai para o Céu nem para o inferno, e sim volta ao pó, de onde foi formado. Quando o assunto foi mencionado em casa, Ellen ficou muito preocupada e escreveu:

"Ouvi essas novas ideias com um intenso e doloroso interesse. Quando fiquei sozinha com minha mãe, perguntei se ela realmente acreditava que a alma não era imortal. A resposta foi que ela temia que essa questão tivesse sido um erro tanto quanto outras questões."

"Mas, mamãe", Ellen disse, "a senhora realmente acredita que a alma dorme na sepultura até a ressurreição? A senhora acha que os cristãos, quando morrem, não vão para o Céu, nem os pecadores para o inferno?"

A mãe de Ellen respondeu que a Bíblia não dava provas de que houvesse um inferno ardente. Se houvesse tal lugar, ele seria mencionado nas Sagradas Escrituras.

Ellen considerou muito estranha essa ideia, porque achava que se os pecadores não sentissem medo do inferno, talvez nunca buscassem ao Senhor.

"Se essa é uma verdade bíblica", a mãe respondeu, "em vez de impedir a salvação de pecadores, esse será o meio de conquistá-los para Cristo. Se o amor de Deus não induzir o rebelde a render-se, os terrores de um inferno eterno tampouco os conduzirão ao arrependimento" (*Life Sketches of James White and Ellen G. White* [1880], p. 170, 171).

Alguns meses depois, a própria Ellen ouviu um sermão sobre o sono dos mortos, e acreditou que devia ser verdade. Ela escreveu:

"A partir do momento em que a luz a respeito do sono dos mortos clareou minha mente, o mistério que encobria a ressurreição se desvaneceu, e esse grande evento assumiu uma nova e sublime importância" (Ibid, p. 171).

Passo a passo, Ellen foi sendo conduzida à compreensão das verdades bíblicas, verdades que se tornariam as pedras fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia (Ellen G. White: *The Early Years*, p. 46).

Sobre o Grande Desapontamento

No livro *O Grande Conflito*, às paginas 353 e 354, Ellen White descreve suas impressões a respeito do desapontamento sofrido em 22 de outubro de 1844:

Não obstante, Deus cumpriu Seu misericordioso propósito, permitindo que a advertência do juízo fosse feita exatamente como o foi. O grande dia estava próximo e, pela providência divina, o povo foi provado em relação ao tempo definido, a fim de que lhes fosse manifesto o que estava em seu coração. A mensagem era destinada à prova e purificação da igreja. Esta deveria ser levada a ver se suas afeições estavam postas neste mundo ou em Cristo e no Céu. Professava amar o Salvador; deveria agora provar seu amor. Estavam os crentes dispostos a renunciar às esperanças e ambições mundanas, acolhendo com alegria o advento do Senhor? A mensagem tinha por fim habilitá-los a discernir seu verdadeiro estado espiritual; foi misericordiosamente enviada a fim de despertá-los para que buscassem o Senhor com arrependimento e humilhação.

O desapontamento, outrossim, embora resultado da compreensão errônea, por parte dos crentes, da mensagem que apresentavam, deveria redundar para o bem. Poria à prova o coração dos que haviam professado receber a advertência. Em face de seu desapontamento, abandonariam eles temerariamente sua experiência cristã, renunciando à confiança na Palavra de Deus? Ou procurariam, com oração e humildade, discernir em que tinham deixado de compreender o significado da profecia? Quantos haviam sido movidos pelo temor, por um impulso do momento ou excitação? Quantos eram de ânimo indeciso e incrédulos? Multidões professavam amar o aparecimento do Senhor. Quando chamadas a suportar o escárnio, o opróbrio do mundo, a prova da demora e do desapontamento, porventura renunciariam à fé? Porque não compreendessem de pronto o trato de Deus, rejeitariam essas pessoas verdades sustentadas pelo mais claro testemunho da Palavra divina?

Esta prova revelaria a força dos que com fé verdadeira haviam obedecido ao que acreditavam ser o ensino da Palavra e do Espírito de Deus. Ela lhes ensinaria – o que unicamente tal experiência poderia fazer – o perigo de aceitar as teorias e interpretações de homens, em vez de fazer com que a Bíblia seja seu próprio intérprete. Aos filhos da fé, a perplexidade e tristeza resultantes de seu erro operariam a necessária correção. Seriam levados a um estudo mais acurado da palavra profética; seriam ensinados a examinar mais cuidadosamente o fundamento de sua fé, e rejeitar tudo que, conquanto

amplamente aceito pelo cristianismo, não estivesse fundamentado nas Escrituras da verdade.

Para estes crentes, assim como para os primeiros discípulos, o que na hora da provação lhes parecia obscuro à inteligência, mais tarde se faria claro. Quando vissem o "fim do Senhor" [Tiago 5:11], saberiam que, apesar da provação resultante de seus erros, os divinos propósitos de amor para com eles estiveram continuamente a cumprir-se. Aprenderiam por uma bendita experiência que Ele é "muito misericordioso e piedoso"; que todos os Seus caminhos "são misericórdia e verdade para aqueles que guardam o Seu concerto e os Seus testemunhos."

Sobre a Primeira Visão

Ellen era uma moça tímida e ficou muito temerosa de que as pessoas não aceitassem suas palavras ao contar-lhes a visão. Mas ela foi surpreendida porque a mensagem foi aceita de bom grado. Os desapontados crentes ansiavam por uma mensagem de esperança. Toda vez que se sentia temerosa, Deus mostrava estar com ela, e não havia motivos para temer.

Certa ocasião, "ao ser convidada para relatar sua visão de dezembro em Poland, Maine, no fim de janeiro de 1845, estava afônica. Contudo, logo que começou a falar, todas as promessas que Deus lhe fizera de ser sempre a sua força, se cumpriram. Ela falou em alto e bom som por aproximadamente duas horas, e sem fatigar-se. Essa experiência de forças restauradas no púlpito diante dos olhos daqueles que viram a maravilhosa transformação da fraqueza para o poder, repetiu-se muitas vezes em toda a extensão de seu longo ministério" (*Mensageira do Senhor*, p. 63).

As Visões

Ao longo de 70 anos de seu ministério, Ellen White recebeu cerca de 2 mil visões. Sobre elas, ela diz o seguinte:

Sou por vezes levada muito adiante, no futuro, e é-me mostrado o que há de acontecer. De outras, são-me mostradas coisas como ocorreram no passado. Depois que saio da visão, não me recordo imediatamente de tudo que vi, e o assunto não me é tão claro até que eu escrevo; então a cena surge diante de mim como me foi apresentada em visão, e eu posso escrever com liberdade. Certas ocasiões, aquilo que vi me é oculto depois que saio da visão, e não o posso evocar até que me encontro perante um grupo de

pessoas no lugar a que se aplica a visão; então as coisas que vi me vêm com força à mente. Sou tão dependente do Espírito do Senhor ao relatar ou escrever uma visão como ao ter essa visão. É-me impossível evocar o que me foi mostrado a menos que o Senhor traga diante de mim ao tempo que é de Seu agrado que eu o relate ou escreva" (Mensagens Escolhidas, v. 1, p. 36).

A visão mais longa de Ellen durou quatro horas e ocorreu em 1845. Uma pessoa mal-intencionada preparou uma armadilha, para tentar provar que as visões dela não eram de origem divina. No entanto, Deus alertou Ellen. Na ocasião, ela foi tomada em visão, na frente de algumas pessoas. Alguém daquela família mencionou que ouvira dizer que, se as visões fossem de outra origem que não a divina, uma Bíblia poderia deter a pessoa. Assim, uma Bíblia grande e pesada foi colocada sobre o tórax de Ellen. Eis o que aconteceu em seguida:

Imediatamente após a Bíblia ser colocada sobre Ellen, ela ficou em pé, caminhou até o centro do salão segurando a Bíblia aberta em uma das mãos e a levantou o mais alto que pôde. Com o olhar fixo para o alto, declarou de forma solene: "O testemunho inspirado de Deus." Depois continuou por um longo tempo, enquanto a Bíblia permanecia erguida por uma de suas mãos, tendo o olhar fixo para o alto e não para a Bíblia. Ela virava as páginas com a outra mão e, colocando o dedo sobre certas passagens, recitava corretamente as palavras com voz solene (Testemunhas Oculares, p. 31).

Sem dúvida, com essa experiência, qualquer dúvida a respeito de Ellen, como mensageira do Senhor, se desfez.

A Visão do Grande Conflito

Certamente, uma das maiores contribuições de Ellen G. White como profetisa para os últimos dias foi a compreensão clara e inequívoca do tema do Grande Conflito.

Em março de 1858, o casal White estava em Ohio realizando reuniões em que pregavam sobre o advento. No domingo foi pedido que Tiago fizesse o sermão no funeral de um jovem que havia falecido. Eles estavam reunidos na escola pública de Lovett's Grove. Depois do sermão fúnebre, Ellen sentiu-se impressionada a dizer algumas palavras de conforto aos familiares. Entretanto, ela foi tomada em visão durante duas horas. Ali, ela recebeu a mensagem do conflito entre Cristo e Satanás. Ela teve um panorama completo dos

acontecimentos e foi orientada a escrever sobre eles. Também foi avisada de que o inimigo tentaria impedir que ela escrevesse.

De fato, dois dias depois, o inimigo tentou tirar-lhe a vida para que ela não cumprisse o propósito divino de escrever. Ellen sofreu um grave derrame e partes de seu corpo ficaram paralisadas. No entanto, ainda que houvesse dificuldades, ela perseverou, e Deus a susteve. Cinco meses depois da visão, ela concluiu o primeiro livro, de 209 páginas, que recebeu o nome de *Spiritual Gifts*, volume 1. Atualmente, a série "O Grande Conflito" é composta por cinco livros, que abrangem o assunto desde a origem do pecado e a queda de Lúcifer até a vitória final de Cristo. São eles: *Patriarcas e Profetas*, *Profetas e Reis*, *O Desejado de Todas as Nações*, *Atos dos Apóstolos* e *O Grande Conflito*.

Testemunhos

Ellen White recebeu muitas mensagens que deviam ser transmitidas a pessoas específicas. A reação aos testemunhos determinava se a pessoa corrigiria suas ações e se colocaria do lado certo ou não. Aqueles que seguiram seus conselhos e deram ouvidos às suas advertências se tornaram colaboradores. Outros preferiram assumir uma atitude de orgulho e não suportaram a reprovação. Estes se tornaram os piores críticos da profetisa, e, com certeza, as pessoas mais infelizes. Veja o que fez com que Ellen se tornasse corajosa ao transmitir suas mensagens ainda no início de seu ministério:

> *Para Ellen era muito difícil relatar as reprovações diretas e às vezes incisivas que Deus lhe dava para certos indivíduos, e, por vezes, tentava abrandar as mensagens e amaciar a censura. Depois se afligia pensando se havia enunciado a mensagem corretamente, ou se havia feito pela pessoa tudo o que podia. Muitas vezes achava que a morte seria preferível a receber mais uma visão de conselho para outros.*
>
> *Em resposta à sua opressiva aflição, Deus lhe enviou em visão uma mensagem especial: Ela viu que Jesus a olhava com o semblante carregado e depois desviava o rosto. Jesus Se desviara dela! Ah, ela não podia suportar aquilo! Deve ser assim que os perdidos se sentirão quando clamarem para que as montanhas caiam sobre eles. Então o anjo lhe falou e a pôs em pé. Foi-lhe mostrado o que aconteceria se ela não transmistisse fielmente as mensagens de Deus.*
>
> *Diante de mim havia uma multidão de cabelos desgrenhados e vestes despedaçadas, e cujo rosto era a própria expressão do desespero e terror.*

Achegaram-se a mim, e roçaram suas vestes nas minhas. Quando olhei às minhas vestes, vi que estavam manchadas de sangue.

O anjo lhe assegurou que aquele cenário ainda não se havia concretizado; era só uma advertência para mostrar que, se ela deixasse de apresentar os conselhos que Deus enviava, o sangue dos perdidos cairia sobre ela. Entendendo quão terrível seria aquele destino, ela de bom grado transmitiu as mensagens enviadas por Deus, sem levar em consideração os seus próprios sentimentos. A graça de Deus lhe era suficiente (Retratos dos Pioneiros, v. 1, p. 87).

O testemunho mais curto apresentado por ela foi por meio de um telegrama enviado ao pastor da igreja de Battle Creek, em 1907. A mensagem continha apenas um verso bíblico: Filipenses 1:27, 28, e a assinatura dela. Mas foi suficiente para resolver a questão. Você pode ler a história completa em *Testemunhas Oculares*, p. 135-138.

Alérgica a analgésicos

A Sra. White era alérgica a analgésicos, mas tinha um método infalível para suportar a dor. Em 1893, enquanto esteve na Nova Zelândia, ela sofreu com sérios problemas nos dentes e precisou ser atendida por uma dentista. A história está assim registrada em seu diário de 5 de julho:

A irmã Caro [dentista] chegou à noite; está aqui em casa. Encontrei-me com ela de manhã à mesa do desjejum. Ela perguntou: 'A irmã está triste em me ver?' Respondi: 'É claro que é um prazer para mim encontrar a irmã Caro. Não tenho, porém, tanta certeza quanto a encontrar a senhora doutora Caro, dentista.' Às dez horas eu estava na cadeira, e em pouco tempo oito dentes foram arrancados. Fiquei contente de que o trabalho tivesse terminado. Não recuei nem gemi... Eu havia pedido ao Senhor que me fortalecesse e me desse graça para suportar o doloroso processo, e sei que o Senhor ouviu minha oração. Depois que os dentes foram extraídos, a irmã Caro tremia como uma folha de álamo. Suas mãos estavam trêmulas e ela sentia dores. [...] Ela receava causar dor à irmã White. [...] Mas ela sabia que devia fazer essa intervenção e prosseguiu (Ellen G. White: The Australian Years, p. 98).

O diário conclui com a paciente tornando-se atendente, quando Ellen White

levou a Dra. Caro para uma cadeira e providenciou algo para refrescá-la.

Kellogg e o Panteísmo

A obra médico-missionária ocupou um importante papel na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Surgiu nos planos divinos como um meio de aliviar o sofrimento dos doentes e familiarizá-los com o Salvador, preparando-os para a segunda vinda de Cristo

John Harvey Kellogg foi um médico brilhante, totalmente comprometido com a mensagem de saúde, conforme apresentada a Ellen White. Tiago e Ellen acreditaram tanto em seu talento, que ajudaram a custear seu curso de Medicina. Por volta de 1895, em Battle Creek, Kellogg hospedou em sua casa o Dr. A. H. Lewis, que era adepto do panteísmo e alguém conceituado entre os batistas do sétimo dia. Desde então, o Dr. Kellogg passou a defender a ideia de que Deus era uma essência e, como tal, estava dentro do ser humano e em tudo, incluindo a natureza. Ele chegou a usar alguns textos de Ellen G. White para defender esse conceito. Desde o início, a Sra. White identificou esses novos ensinos como sendo sementes do erro.

A questão se tornou muito séria porque Kellogg conseguiu influenciar outros médicos, pastores e professores em Battle Creek, e essa ideia equivocada se alastrou entre os adventistas de outros lugares.

Por várias vezes, Ellen White chamou a atenção do Dr. Kellogg para o erro que ele estava ajudando a disseminar, mas ele não se convenceu. Chegou ao ponto de escrever o livro *The Living Temple,* no qual sutilmente defendia esse conceito pagão, que tem sua base no hinduísmo. Quando o Sanatório de Battle Creek pegou fogo, ele ofereceu fazer uma tiragem do seu livro para, com a venda, ajudar nas despesas de reconstrução. Isso não foi aceito devido ao conteúdo do livro. Ainda assim, ele insistiu em fazer uma tiragem particular, que foi encomendada à Review and Herald.

Um fato curioso é que, quando a Review and Herald pegou fogo, em dezembro de 1902, as chapas do livro de Kellogg estavam justamente em preparo para a impressão. Elas também foram consumidas pelo fogo.

Deus não podia ter usado meios mais eficazes para mostrar Seu desagrado e deixar claro que as ideias de Kellogg eram contrárias às verdades da Bíblia e do Espírito de Profecia.

Infelizmente, depois que seu livro foi recusado pelos líderes da igreja no Concílio Outonal de 1903, ele se rebelou e posteriormente abandonou os caminhos divinos.

Sobre Tiago White

Tiago White teve um papel essencial na vida de Ellen. Além de ter sido seu companheiro, ele foi um apoiador do ministério da esposa. Ele nunca duvidou da origem das mensagens de Ellen. A seguir, estão poucas palavras a respeito dele, mas que nos dão uma ideia de quem foi o homem que Deus escolheu para estar ao lado da profetisa:

> *Conhecido por sua persistência e são juízo, Tiago era considerado um líder de confiança por parte dos seus irmãos adventistas do sétimo dia. Era não apenas um estrategista, mas lutava como um guerreiro no campo de batalha. Ele iniciou a obra de publicações da igreja a partir do zero, fomentou a organização da igreja e desenvolveu o sistema educacional quando outros viam nisso apenas um sonho. Sua robusta fé e contagiosa alegria comovia o público ouvinte. Fundos e apoio apareciam. Seu extraordinário talento comercial salvou a denominação de muitas dificuldades.*
>
> *Por ocasião da morte de Tiago White, o redator do Battle Creek Journal (que acompanhara de perto muitos dos empreendimentos do Pastor White) escreveu: "Ele foi um homem da têmpera dos patriarcas, um homem cujo caráter foi modelado no cadinho dos heróis. Se possuir clareza lógica para formular um credo; se possuir poder para contagiar a outros com o próprio zelo e impressioná-los com as próprias convicções; se possuir capacidade executiva para estabelecer um grupo religioso e imprimir-lhe forma e estabilidade; se possuir capacidade para moldar e dirigir o destino de grandes comunidades é a marca da verdadeira grandeza, o Pastor White tem, com certeza, o direito a esse nome, pois ele não possuía apenas uma dessas qualidades, mas todas elas em assinalado grau (Mensageira do Senhor, p. 53).*

Anjos

Certa ocasião, no início de seu ministério, Ellen precisou dar um testemunho em que revelava a verdadeira condição espiritual de alguém que estava tentando desacreditá-la, espalhando mentiras a seu respeito. A situação a deixou tão desanimada que ela ficou gravemente enferma. Deus lhe deu uma visão em que foi reafirmado que, além de seu anjo da guarda designado, ela teria mais um anjo para lhe fortalecer e animar quando fosse necessário. Pela primeira vez, ela viu a

glória da Nova Terra. Essa visão foi publicada no periódico *The Present Truth*, por Tiago White, em novembro de 1850.

Quando Ellen estava na Austrália, participando da primeira reunião campal realizada em Brighton, alguns jovens tentaram atrapalhar o bom andamento das reuniões. Agiram como vândalos e chegaram até mesmo a destruir algumas barracas. Tinham intenção de aprontar alguma travessura com a Sra. White e pensaram em derrubar a barraca em que ela estava alojada. Mas o plano chegou aos ouvidos dos organizadores e a polícia foi chamada. Um policial irlandês, alto e forte, foi designado para montar guarda em frente à barraca da oradora. Conta-se que, enquanto ele fazia sua ronda, certa noite, viu um raio de luz sobre a tenda da Sra. White. Quando se aproximou, viu que a luz na verdade tinha a forma de um anjo. Ele ficou tão impressionado com a cena que decidiu assistir às reuniões e acabou se convertendo. Pediu dispensa da corporação, foi batizado e se tornou um membro ativo da igreja local. Muitos outros se converteram devido ao seu testemunho.

A história seguinte foi contada por Grace White Jacques, neta de Ellen White. Ela ouviu de A. G. Daniells, presidente da Associação Geral, quando ele foi visitar sua avó em Elmshaven.

> *Ele foi recebido na porta de entrada e convidado a ir diretamente ao escritório da Sra. White, no andar de cima. Ele subiu a escadaria recurva, enquanto admirava a visão externa desde a janela de vidro colorido e o saguão embaixo. Quando ele entrou no escritório, ela o saudou e perguntou: "Você viu o anjo?" Com olhar atônito ele disse que não.*
>
> *Surpresa, Ellen observou: "Oh, você passou por ele no corredor, no momento em que parou ao lado da porta" (Retratos dos Pioneiros, v. 2, p. 59).*

O Tabernáculo dos Dez Centavos

Em 1878, a organização adventista estava mais concentrada em Battle Creek. Tiago White era o presidente da Associação Geral quando sentiram a necessidade de ter uma igreja maior.

> *Com os membros regulares, mais 400 alunos do colégio, pacientes, visitas e empregados do sanatório, exigia-se demais do espaço disponível. Além disso, havia uma desesperada necessidade de um local com espaço adequado para a realização das muitas assembleias da Associação Geral e*

outras reuniões que ocorriam em Battle Creek. Traçaram-se planos para um prédio que acomodasse três mil pessoas em ocasiões especiais. Com vistas ao financiamento de um projeto dessa magnitude, apelariam à igreja em geral. A proposta foi apresentada através de uma série de artigos na Review and Herald, sugerindo que o dinheiro fosse recolhido 'através de contribuições mensais de quaisquer pessoas, homens, mulheres e crianças, que considerassem um prazer contribuir para uma casa assim. Que a quantia das contribuições mensais seja de 10 centavos de cada colaborador [...] Que esses, e todos os outros que puderem fazê-lo, paguem 1 dólar ou mais cada, como adiantamento, durante o mês de julho de 1878. [...] "Que a futura casa de culto, por conta da forma de arrecadação dos fundos para sua construção, seja denominada Dime Tabernacle [Tabernáculo dos Dez Centavos]."

O plano foi um sucesso estrondoso, com a participação entusiástica de crianças e adultos. O Tabernáculo dos Dez Centavos serviu à igreja desde a sua dedicação em 1879 até o incêndio em 1922 (Retratos dos Pioneiros, v. 1, p. 136).

Nessa igreja, foram realizadas as cerimônias fúnebres de Tiago (em 1881) e de Ellen White (em 1915).

Profetisa Verdadeira

Profeta é alguém chamado para transmitir uma mensagem. A Bíblia tem vários exemplos de profetas, como Elias, Eliseu, Jeremias, João Batista, entre outros. A seguir, estão algumas características físicas que podem acompanhar os profetas quando em visão:

1. Os profetas têm consciência de que um Ser sobrenatural Se comunica com eles, e sentem um senso de indignidade.
2. Os profetas frequentemente perdem as forças.
3. Os profetas às vezes caem por terra em profundo sono.
4. Os profetas ouvem e veem acontecimentos em lugares remotos, como se estivessem realmente presentes.
5. Os profetas às vezes não conseguem falar, mas quando seus lábios são tocados, eles conseguem fazê-lo.
6. Os profetas muitas vezes não respiram.
7. Os profetas não têm consciência do que acontece ao seu redor, ainda que tenham os olhos abertos.

8. Os profetas às vezes recebem força suplementar durante a visão.
9. Os profetas recebem força e alento renovados quando a visão termina.
10. Os profetas ocasionalmente sofrem algum tipo de lesão física temporária como sequela da visão.

Nem todas essas características físicas acompanham cada visão. Por esse motivo, os fenômenos físicos não devem ser usados como evidência única ao colocar-se à prova a autenticidade de um profeta. Mesmo porque podem ser facilmente falsificados. As Escrituras não apresentam como provas. No entanto, a presença de tais características devem ser consideradas normais naqueles que pretendem "falar em nome de Deus". Embora os aspectos físicos sejam úteis ao levarmos em consideração as credenciais de um profeta, outros critérios são muito mais confiáveis (Extraído e adaptado de *Mensageira do Senhor*, p. 28).

A Bíblia orienta sobre o que são consideradas provas de um verdadeiro profeta. Veja resumidamente os quatro testes pelos quais o profeta deve passar:

1. Suas predições precisam se cumprir (Deuteronômio 18:21, 22). Apenas em casos de profecias condicionais, elas poderão não se cumprir (ver Jeremias 18:7-10; ver Deuteronômio 28; Jonas 3:3-5, 10).
2. O que ele fala precisa estar em harmonia com a Bíblia (Deuteronômio 13:1-4).
3. Sua vida ("os frutos") deve estar de acordo com o que ele prega (Mateus 7:15-23).
4. Suas palavras devem ter foco em Jesus e não nele próprio (1 João 4:2).

Podemos dizer que Ellen White se encaixou perfeitamente nesses critérios. Portanto, é uma verdadeira profetisa de Deus para os últimos dias.

Apêndice 3
Livros de Ellen White

Calcula-se que Ellen White tenha escrito, ao longo de sua vida, cerca de 100 mil páginas à mão, incluindo cartas, diários, artigos, folhetos e livros. Seria o equivalente a 25 milhões de palavras.

Até a sua morte, em 1915, havia 24 livros originais de sua autoria publicados e dois estavam em trabalho para publicação. Muitos outros materiais surgiram como compilação de seus escritos.

Atualmente, Ellen White é considerada a autora norte-americana com mais obras traduzidas para outras línguas e uma das mais lembradas pela diversidade de temas.

Sua extensa vida literária mostra o poder de Deus agindo por meio dela. Depois do acidente, quando ainda era menina, Ellen perdeu a firmeza nas mãos e não conseguiu mais escrever. Entretanto, no início de seu ministério, em visão, foi-lhe dito que ela escrevesse o que tinha visto. Ela obedeceu e sua mão ficou novamente firme. Veja como a Sra. White descreve essa experiência:

> *O Senhor disse: "Escreva as coisas que Eu vou lhe transmitir." Comecei a fazer esta obra quando era muito jovem. A mão, que era fraca e tremia por causa de enfermidades, ficava firme logo que eu empunhava a pena, e desde as primeiras vezes tenho sido capaz de escrever. Deus tem-me dado habilidade para escrever. [...] A mão direita dificilmente tem sensação desagradável. Nunca se cansa. Raramente treme (Ellen G. White: The Early Years, p. 91, 92).*

A seguir está uma lista com os livros dessa querida escritora, em português e inglês, bem como o ano da primeira edição. Os títulos em destaque são das obras originais.

Livros em Português		**Livros em Inglês**	
	1ª		**1ª**

Título	edição	Título	edição
Ainda Existe Esperança	1994		
Atos dos Apóstolos	1957	**The Acts of the Apostles**	1911
Batalha Final, A	1989		
Beneficência Social	1964	Welfare Ministry	1952
Caminho a Cristo	1908	**Steps to Christ**	1892
Cartas a Jovens Namorados	1992	Letters to Young Lovers	1983
A Ciência do Bom Viver	1947	**The Ministry of Healing**	1905
O Colportor Evangelista	1923	Colporteur Ministry	1953
Como Conviver com os Outros?	1994		
Como Lidar com as Emoções	2007		
Como Surgiu o Pecado	1997		
Conselho Sobre Mordomia	1968	Counsels on Stewardship	1940
Conselho sobre o Regime Alimentar	1965	Counsels on Diet and Foods	1938
Conselho sobre Saúde	1971	Counsels on Health	1923
Conselhos aos Idosos (Idade não é Problema)	2003	The Retirement Years	1990
Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes	1947	Counsels to Parents, Teachers, and Students	1913
Conselhos para a Igreja	2008	Counsels for the Church	1989
Conselhos Sobre a Escola Sabatina	1940	Counsels on Sabbath School Work	1938
Conselhos sobre Educação	1976	Counsels on Education	1968
Cristo em seu Santuário	1979	Christ in His Sanctuary	1969
Cristo Triunfante (MM 2002)	2001	Christ Triumphant	1999
Cuidado de Deus, O	1994	Our Father Cares	1991
Desejado de Todas as Nações, O	1943	**The Desire of Ages**	1898
E Recebereis Poder (MM 1999)	1998	Ye Shall Receive Power	1995
Educação	1937	**Education**	1903
Este Dia com Deus (MM 1980)	1979	This Day with God	1979
Evangelismo	1960	Evangelism	1946
Eventos Finais	1993	Last Day Events	1992
Exaltai-O	1991	Lift Him Up	1988
Fé e Obras	1981	Faith and Works	1979
Fé Pela Qual Eu Vivo, A (MM 1959)	1958	The Faith I Live By	1958
Filhas de Deus	2009	Daughters of God	1998

Filhos e Filhas de Deus (MM 2005/1956)	1955	Sons and Daughters of God	1955
Foi Por Você	1994		
Fundamentos da Educação Cristã	1976	Fundamentals of Christian Education	1923
Fundamentos do Lar Cristão	2006		
Grande Esperança, A (Extraído de O Grande Conflito)	2012	The Great Hope	2012
Grande Conflito, O	1921	**The Great Controversy**	1888
História da Redenção	1972	**The Story of Redemption**	1947
Igreja Remanescente, A	1974	The Remnant Church	1950
Jesus, meu Modelo (MM 2009)	2009	To Be Like Jesus	2004
Jóias do Pensamento	2000		
Lar Adventista, O	1962	The Adventist Home	1952
Lar sem Sombras	1976	Happiness Homemade	1971
Lições da Vida de Neemias	2010	Lessons from the Life of Nehemiah	1999
Liderança Cristã	2002	Christian Leadership	1985
Maior Discurso de Cristo, O	1953	**Thoughts from the Mount of Blessing**	1896
Maranata – O Senhor Vem! (MM 1977)	1976	Maranatha, The Lord is Coming	1976
Maravilhosa Graça de Deus, A (MM 1974)	1973	God's Amazing Grace	1973
Medicina e Salvação	1973	Medical Ministry	1932
Mensageiros da Esperança	2001	Colporteur Ministry	1953
Mensagens aos Jovens	1942	Messages to Young People	1930
Mensagens Escolhidas 1	1966	Selected Messages 1	1958
Mensagens Escolhidas 2	1968	Selected Messages 2	1958
Mensagens Escolhidas 3	1987	Selected Messages 3	1980
Mente, Caráter e Personalidade 1	1988	Mind, Character, and Personality 1	1978
Mente, Caráter e Personalidade 2	1989	Mind, Character, and Personality 2	1978
Minha Consagração Hoje (MM 1989/1953)	1952	My Life Today	1952
Música – Sua Influência na Vida do Cristão	2005	Music – Its Role, Qualities, and Influence	1972
No Deserto da Tentação	1990	Confrontation	1971
Nos Lugares Celestiais (MM 1968)	1967	In Heavenly Places	1967
Nossa Alta Vocação (MM 1962)	1961	Our High Calling	1961
Obra Daquele Outro Anjo, A	1975	That Other Angel	1973
Obreiros Evangélicos	1918	**Gospel Workers**	1915
Olhando Para O Alto (MM 1983)	1982	The Upward Look	1982

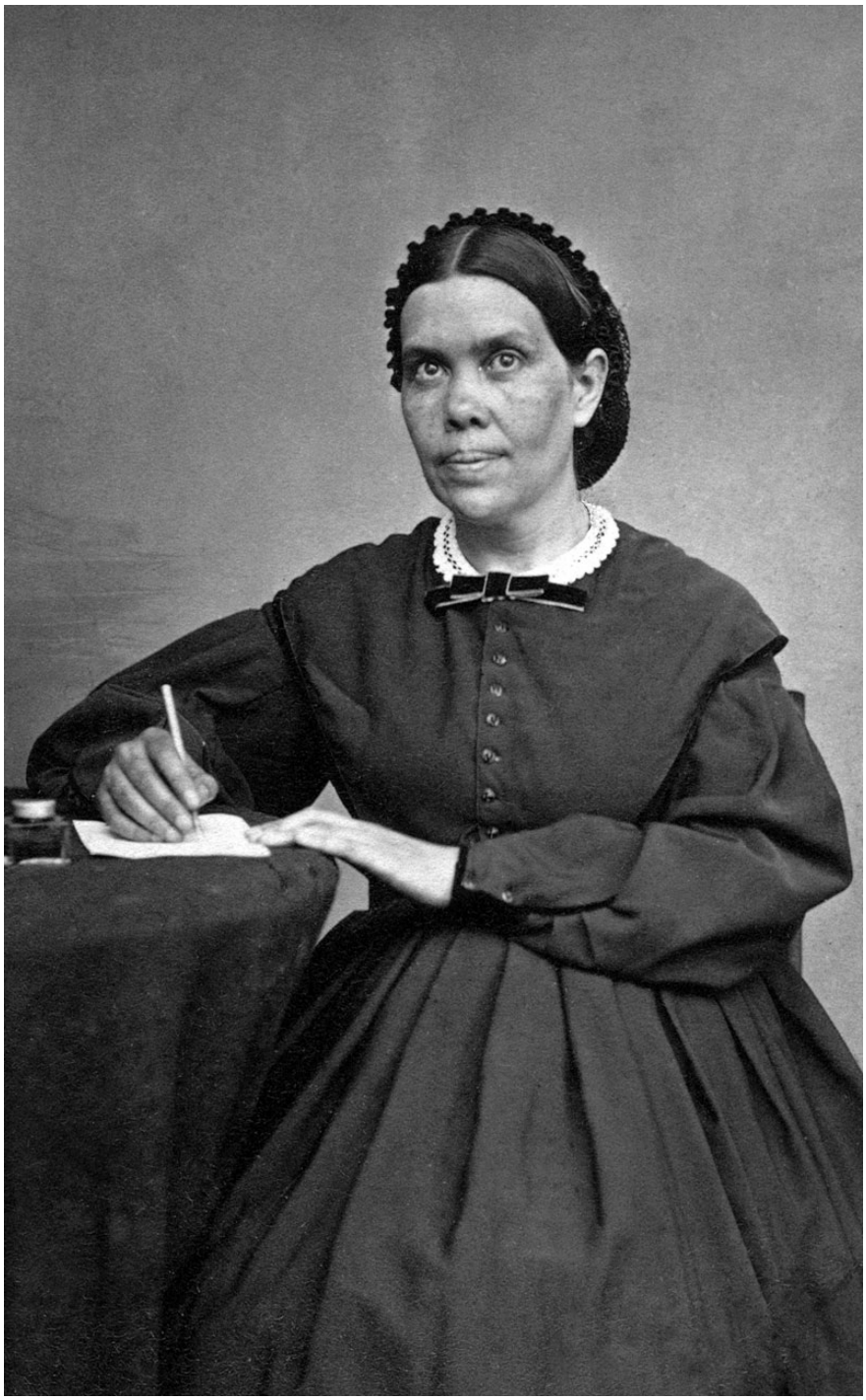
Orientação da Criança	1962	Child Guidance	1954
Outro Poder, O (Conselhos para Escritores e Editores	2010	Counsels to Writers and Editors	1946
Paixão de Cristo, A (Parte de O Desejado de Todas as Nações)	2005		
Para Conhecê-Lo (MM 1965)	1964	That I May Know Him	1964
Parábolas de Jesus	1954	**Christ's Object Lessons**	1900
Patriarcas e Profetas	1929	**Patriarchs and Prophets**	1890
Perto do Céu (MM 2013)	2012	From the Heart	2010
Primeiros Escritos	1967	**Early Writings**	1882
Profetas e Reis	1961	**Prophets and Kings**	1917
Reavivamento e seus Resultados	1972	A New Life (Revival and Beyond)	1972
Reavivamento Verdadeiro	2011	True Revival	2010
Refletindo a Cristo (MM 1986)	1985	Reflecting Christ	1985
Santificação	1949	The Sanctified Life	1937
Ser Mãe, o Que É? (Parte de O Lar Adventista)	1994		
Serviço Cristão	1930	Christian Service	1925
Só Para Jovens (Parte de Mensagens aos Jovens)			
Temperança	1969	Temperance	1949
Testemunhos Para a Igreja 1	2000	**Testimonies for the Church 1**	1885
Testemunhos Para a Igreja 2	2002	**Testimonies for the Church 2**	1885
Testemunhos Para a Igreja 3	2002	**Testimonies for the Church 3**	1885
Testemunhos Para a Igreja 4	2003	**Testimonies for the Church 4**	1885
Testemunhos Para a Igreja 5	2004	**Testimonies for the Church 5**	1889
Testemunhos Para a Igreja 6	2005	**Testimonies for the Church 6**	1900
Testemunhos Para a Igreja 7	2005	**Testimonies for the Church 7**	1902
Testemunhos Para a Igreja 8	2006	**Testimonies for the Church 8**	1904
Testemunhos Para a Igreja 9	2006	**Testimonies for the Church 9**	1909
Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos	1965	Testimonies to Ministers and Gospel Workers	1923
Testemunhos Seletos 1	1954	Testimony Treasures 1	1949
Testemunhos Seletos 2	1955	Testimony Treasures 2	1949
Testemunhos Seletos 3	1955	Testimony Treasures 3	1949
Conduta Sexual (Testemunhos Sobre Conduta Sexual, Adultério e Divórcio)	2002	Testimonies on Sexual Behavior, Adultery, and Divorce	1989
Verdade Sobre os Anjos, A	1999	The Truth About Angels	1996
			1896/

Vida de Jesus	1910	**The Story of Jesus**	1900
Vida e Ensinos	1929	Christian Experience and Teachings of Ellen G. White	1922
Vida no Campo	1966	Country Living	1946
Vidas que Falam (MM 1971)	1970	Conflict and Courage	1970
Visões do Céu	2004	Heaven	2003

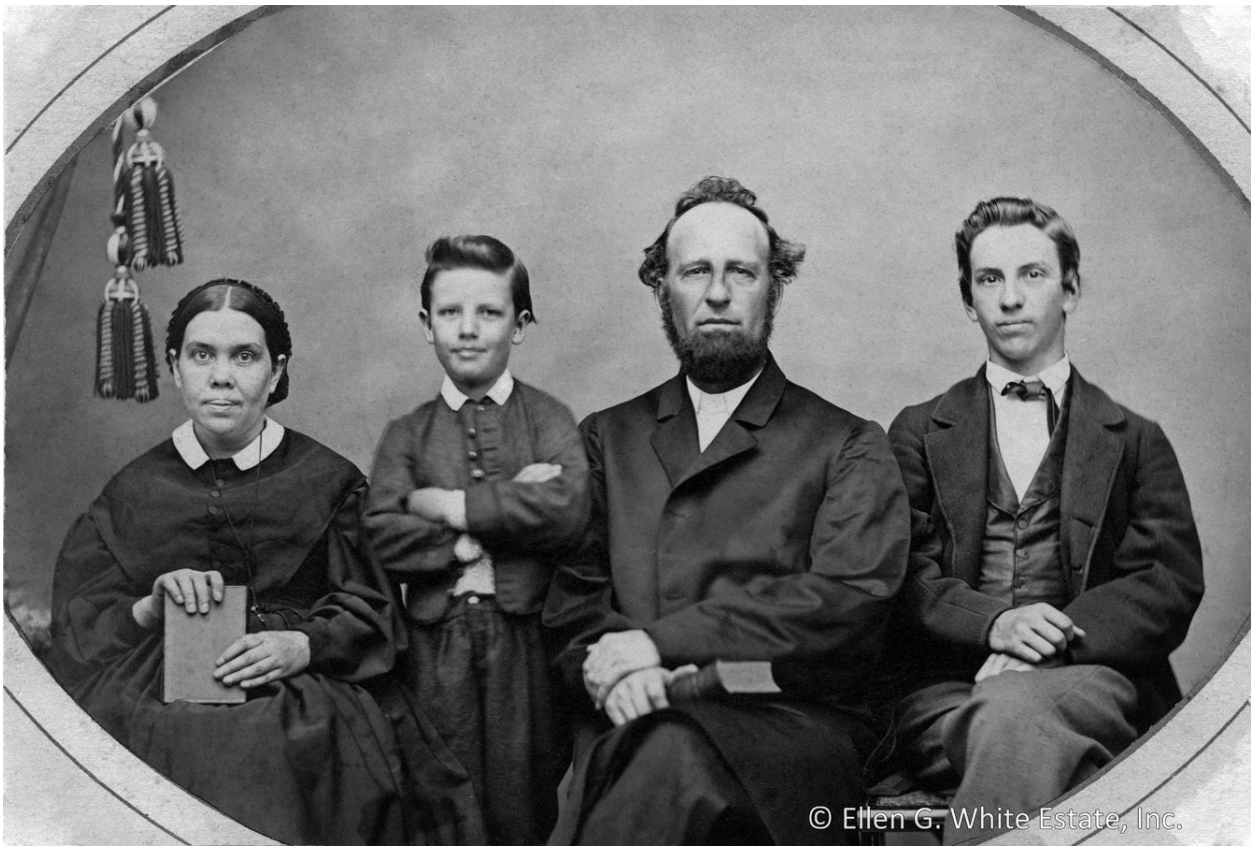
“Faz parte dos planos de Deus conceder-nos, em resposta à oração da fé, aquilo que Ele não outorgaria se o não pedíssemos assim.”

Ellen G. White

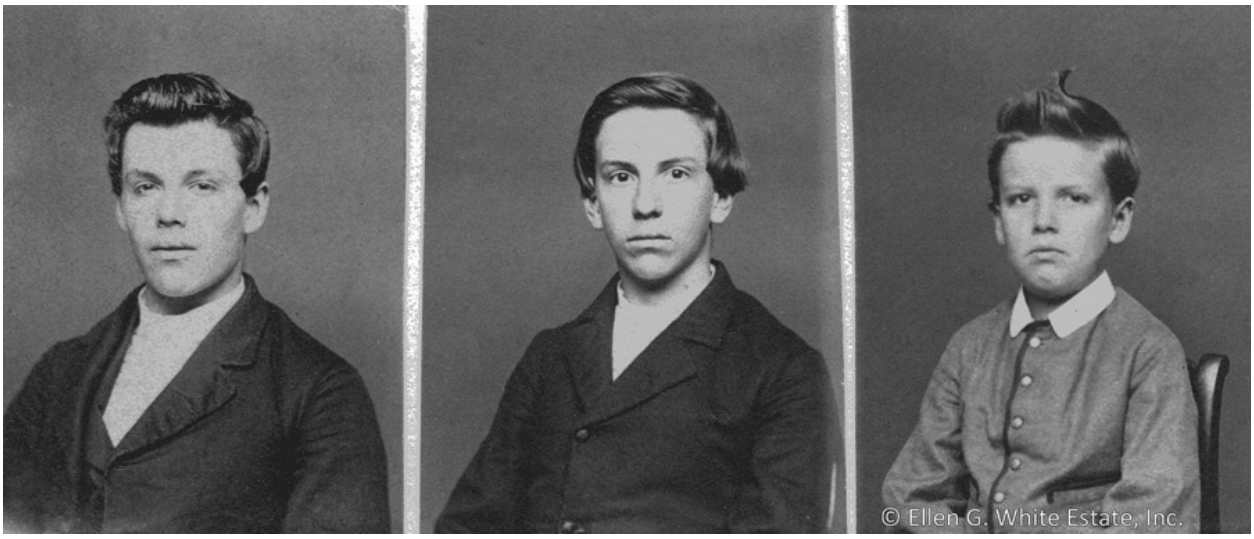
Álbum de Fotos 1



Ellen White, 1864.



Retrato da família White, 1865. Ellen, William, Tiago e Edson.



Retrato dos irmãos White: Henry (esquerda), Edson (meio) e William (direita), 1862.

Eagle Lake, Minnesota, reunião campal, 1875. Tiago e Ellen White, Urias Smith, entre outros na tribuna.

Ellen White e a irmã gêmea, Elizabeth Bangs, em 1878.

Emma White, 1876: Edson White casou-se com Emma McDearmon quando ele completou 21 anos de idade. Emma serviu ao lado de Edson. Ela morreu em 1917. Edson viveu até 1928.

Mary Kelsey White: Primeira esposa de William C. White. Morreu de tuberculose, aos 33 anos.

Ellen White falando em Loma Linda, em 1906.

Assistentes de Ellen White em Elmshaven, 1913. Em pé: Harold Bree, Maggie Hare-Bree, Mary Steward, Paul Mason, Arthur W. Spalding, Helen Graham, Tessie Woodbury, Alfred Carter, May Walling, Effie James. Sentados: Dores Eugene Robinson, Ralph W. Munson, Ellen White, William C. White, Clarence C. Carter. À esquerda da Sra. White, está o pastor Ralph Munson, um missionário que retornara de Cingapura e estava ajudando a selecionar materiais de seus escritos para tradução e publicação em malaio. O homem à esquerda do pastor Munson é Dores Eugene Robinson, pastor e marido de Ella, integrante da equipe editorial de Ellen White. À direita de Ellen, está William C. White, e próximo a ele, Clarence Crisler, que foi funcionário da Sra. Ellen por 14 anos. Em pé, atrás da Sra. White, está Paul Mason, o contador dela. À direita dele está Arthur W. Spalding. Atrás de William C. White está a senhorita Helen Graham, secretária; próxima a ela a senhorita Tessie Woodbury , cozinheira. Próximo a ela está o irmão Carter, zelador, jardineiro e ajudante no escritório. Atrás do irmão Crisler está a senhorita May Walling, enfermeira da Sra. White. A última mulher à direita é a senhorita Effie James, secretária. Atrás do pastor Munson, em pé, está Mary Stewart e a senhorita Maggie Hare-Bree, que foram funcionárias da equipe editorial da Sra.White. O último à esquerda é o Sr. Bree, um

fazendeiro.

15 de Junho de 1913, Califórnia; uma das últimas fotos de Ellen White.

Ellen White falando na Assembleia da Associação Geral, 1901.

Funeral da Sra. White em Battle Creek.

Cemitério de Oak Hill no funeral da Sra. White, Battle Creek, Michigan.

---

[1] Imagens cedidas pelo Ellen G. White Estate, Inc.

Datas Importantes

Entre parêntesis está a idade de Ellen na ocasião.

1827 – 26 de novembro, nascimento de Ellen Gould Harmon.

1842 – 26 de junho, batismo de Ellen na Igreja Metodista (14 anos).

1844 – 22 de outubro, "O Grande Desapontamento".

1844 – Em dezembro, a jovem Ellen recebeu sua primeira visão e o chamado para ser "mensageira do Senhor" (17 anos).

1846 – Casamento de Tiago e Ellen, em 30 de agosto (18 anos).

1847 – Nascimento do primeiro filho do casal, Henry Nichols, em 26 de agosto (19 anos).

1849 – Início da obra de publicações, com a impressão do periódico *The Present Truth*, em julho. Esse periódico é hoje conhecido como *Adventist Review* [Revista Adventista]. Nascimento do segundo filho, Tiago Edson, em 28 de julho (21 anos).

1851 – Publicação do primeiro livro da Sra. Ellen: *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White*, 64 páginas. Em 1854 seguiu-se um "suplemento". Esses dois documentos mais antigos encontram-se agora nas páginas 11-127 do livro *Early Writings*.

1854 – Nascimento do terceiro filho, William Clarence, em 29 de agosto (26 anos).

1855 – Mudança para Battle Creek. Construção do prédio da Review and Herald. Atualmente a editora está situada em Hagerstown, Maryland.

1860 – A denominação adota o nome "Adventistas do Sétimo Dia". Em dezembro, morre John Herbert, filho do casal White, com apenas 3 meses de vida (33 anos).

1863 – É realizada a primeira reunião da Associação Geral e a Igreja Adventista do Sétimo Dia é organizada. Em junho, Ellen White teve uma das visões mais abrangentes sobre a mensagem de saúde. Em dezembro, morre Henry Nichols, de pneumonia, aos 16 anos de idade (36 anos).

1868 – Primeira campal adventista do sétimo dia foi realizada no verão, em Wright, Michigan.

1873 – É inaugurado o Colégio de Battle Creek, em março.

1874 – Fundada a editora Pacific Press, na Califórnia. Primeira edição do *Sign of the Times*, em 4 de junho.

1879 – Marian Davis, "a compiladora de livros", começa a trabalhar como assistente literária de Ellen White.

1881 – Morre Tiago White, em 6 de agosto (53 anos).

1885 – Ellen White vai para a Europa. Estava com 57 anos de idade. Passou dois anos lá, fazendo evangelismo.

1887 – Ellen White e a família de William retornaram à América.

1890 – Morte de Mary Kelsey White, primeira esposa de William, em 18 de junho. Deixou duas filhas: Ella (8 anos) e Mabel (3 anos).

1891 – Ellen partiu para a Austrália em 12 de novembro (64 anos).

1894 – Primeira campal na Austrália. Início em 5 de janeiro.

1897 – Inauguração da Escola Avondale de Servidores Cristãos, em 28 de abril. Em 1964, o nome foi mudado para Avondale College.

1900 – Retorno da Austrália. Ellen White passou a morar em Santa Helena, na casa chamada de "Elmshaven" (72 anos).

1902 – O Sanatório de Battle Creek pegou fogo em fevereiro, e a Review and Herald, em dezembro do mesmo ano.

1904 – A Pacific Press mudou-se de Oakland para Mountain View, na Califórnia. Atualmente está situada em Nampa, Idaho.

1915 – Morte de Ellen G. White, em 16 de julho (87 anos).

Bibliografia

Collins, Norma J. *Retratos dos Pioneiros*, v. 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

Collins, Norma J. *Retratos dos Pioneiros*, v. 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

Douglass, Herbert E. *Mensageira do Senhor*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

Douglass, Herbert E. *Testemunhas Oculares*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

Ellen G. White Estate. *Life Sketches of James White and Ellen G. White 1880*. ePub, 2010.

Nichol, Francis D. *The Midnight Cry.* Washington, DC: Review and Herald, 1944.

White, Arthur L. *Ellen G. White: The Early Years* (1827-1862), v. 1. Washington, DC: Review and Herald, 1985.

_____. *Ellen G. White: The Australian Years* (1881-1900), v. 4, 1983.

White, Ellen G.: *Life Sketches of Ellen G. White*, Montain View, CA: Pacific Press, 1915.

_____. *Mensagens Escolhidas*, v. 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM].

_____. *O Grande Conflito*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001 [CD-ROM].

_____. *Manuscrito 82*, (1901).

CPB NA INTERNET
FAÇA SUAS COMPRAS COM COMODIDADE
APROVEITE PROMOÇÕES EXCLUSIVAS
LIVROS, REVISTAS, AUDIOLIVROS, CDS E DVDS
CONECTE-SE ATRAVÉS DAS NOSSAS REDES SOCIAIS COM MILHARES DE SEGUIDORES
ACESSE AGORA
You Tube
www.cpb.com.br